

**Universidade do Minho**

Instituto de Educação

Maria Isabel da Silva Morim Alves

**Práticas de recontextualização de textos em manuais escolares:  
adições, supressões e transformações**

Mestrado em Ciências da Educação, Área de  
Especialização em Supervisão Pedagógica  
na Educação em Línguas

**Trabalho efetuado sob orientação do**  
Professor Doutor Rui Vieira de Castro

**julho de 2013**

## **Corpus**

**Nota:** O assinalamento dos procedimentos de adulteração dos textos efetuou-se sobre versões dos mesmos publicadas em livros não escolares, usando-se para o efeito o seguinte código de cores:

- i) **Supressões** – vermelho.
- ii) **Transformações** – amarelo.
- iii) **Adições** – verde.

Texto no livro do autor

(...)

Em Setembro veio o equinócio. Vieram **as** marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite, as ondas gritaram tanto, uivaram tanto, bateram e quebraram-se com tanta força na praia, que, no seu quarto caído da casa branca, o rapazinho esteve até altas horas sem dormir. **As portadas das janelas batiam. As madeiras do chão estalavam como madeiras de mastros.** Parecia que as ondas iam cercar a casa e que o mar ia devorar o Mundo. E o **rapazito** pensava que, lá fora, na escuridão da noite, se travava uma imensa batalha em que o mar, o céu e o vento se combatiam. Mas por fim, cansado de escutar, adormeceu embalado pelo temporal.

De manhã quando acordou estava **tudo** calmo. A batalha tinha acabado. Já não se ouviam **os** gemidos do vento, nem gritos do mar, mas só um doce murmúrio de ondas pequeninas. E o rapazinho saltou da cama, foi à janela e viu uma manhã linda de sol brilhante, céu azul e mar azul. Estava maré vaza. Pôs o fato de banho e foi para a praia **a** correr. **Tudo estava tão claro e sossegado que ele pensou que o temporal da véspera tinha sido um sonho.**

(...)

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Menina do Mar*, Figueirinhas, 37.ª ed., 1998 (excerto)

Texto no manual 1 – 3º ano, p. 12

**TIVESTES BOAS FÉRIAS?**

O que será?

**Temporal**

bom tempo.

mau tempo.

**Ventania**

muito vento.

pouco vento.

**Marés vivas**

mar calmo.

mar agitado.

Em Setembro veio o equinócio. Vieram as marés vivas, ventanias, nevoeiros, chuvas, temporais. As marés altas varriam a praia e subiam até à duna. Certa noite, as ondas gritaram tanto, uivaram tanto, bateram e quebraram-se com tanta força na praia, que, no seu quarto caído da casa branca, o rapazinho esteve até altas horas sem dormir. Parecia que as ondas iam cercar a casa e que o mar ia devorar o Mundo. E o rapazinho pensava que, lá fora, na escuridão da noite, se travava uma imensa batalha em que o mar, o céu e o vento se combatiam. Mas por fim, cansado de escutar, adormeceu embalado pelo temporal.

De manhã quando acordou tudo estava calmo. A batalha tinha acabado. Já não se ouviam gemidos do vento, nem gritos do mar, mas só um doce murmúrio de ondas pequeninas. E o rapazinho saltou da cama, foi à janela e viu uma manhã linda de sol brilhante, céu azul e mar azul. Estava maré vaza. Pôs o fato de banho e foi para a praia correr.

Sophia de Mello Breyner Andresen,  
*A menina do mar*, Figueirinhas (adaptado)

Procura no dicionário...

equinócio – \_\_\_\_\_

duna – \_\_\_\_\_

ulvaram – deram ulvos, gritaram.

travava (travar) – \_\_\_\_\_

imensa – \_\_\_\_\_

murmúrio – \_\_\_\_\_

vaza (vazar) – \_\_\_\_\_

### Texto no livro do autor

(...)

II

Era no mês de Outubro, num sábado à tarde. Nos sábados à tarde Isabel não tinha aulas.

Por isso, mal acabou o almoço, saiu para a quinta.

O tempo estava ainda muito quente e nem uma erva bulia.

Isabel dirigiu-se para um pequeno bosque que ficava perto da casa.

Era um lugar muito solitário onde nunca passava ninguém. Mesmo o jardineiro era raro ali ir pois naquele lugar tudo crescia selvagem e não havia canteiros nem flores.

O chão estava todo coberto de musgo e das altas copas das árvores descia uma sombra trémula atravessada aqui e além por raios doirados de sol.

Isabel estendeu-se ao comprido no chão junto dum carvalho e começou a ler. Mas o livro maçou-a e ao fim de um quarto de hora ela pousou-o a seu lado e começou a olhar para um carreiro de formigas que, avançando através de musgo, se dirigia para um buraco que ficava perto da árvore. Então o olhar de Isabel pousou no tronco do carvalho. Era escuro, enorme e rugoso e seriam precisos três homens para o abraçar. As raízes saindo um pouco da terra formavam arcos e cavidades que lembravam pequenas cavernas.

– Um sítio bom para morarem anões – pensou Isabel.

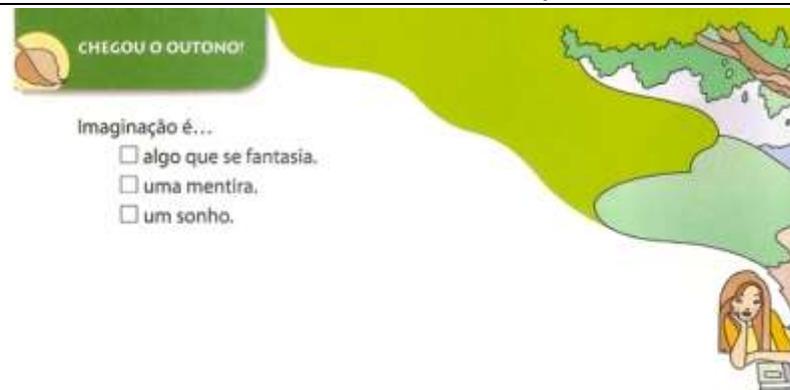
Este pensamento interessou-a extraordinariamente.

Aos sete anos, logo que tinha aprendido a ler, Isabel tinha lido a história da Branca de Neve e dos Sete Anões. Pensava muitas vezes nessa história. Parecia-lhe que viver entre anões devia ser uma coisa maravilhosa. Imaginava as casas dos anões, os seus palácios enterrados na terra como as luras dos coelhos ou escondidos em lugares solitários, dentro do tronco das árvores.

(...)

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Floresta*, Figueirinhas, 23.ª ed., 1994 (excerto)

### Texto no manual 1 – 3º ano, p. 30



### A floresta

Era no mês de Outubro, num sábado à tarde. Nos sábados à tarde Isabel não tinha aulas.

Por isso, mal acabou o almoço, saiu para a quinta.

O tempo estava muito quente e nem uma erva bulia.

Isabel dirigiu-se para um pequeno bosque que ficava perto da casa.

Era um lugar muito solitário onde nunca passava ninguém.

Isabel estendeu-se ao comprido no chão junto dum carvalho e começou a ler. Mas o livro maçou-a e ao fim de um quarto de hora ela pousou-o a seu lado e começou a olhar para um carreiro de formigas que, avançando através do musgo, se dirigia para um buraco que ficava perto da árvore. Então o olhar da Isabel pousou no tronco do carvalho. Era escuro, enorme e rugoso e seriam precisos três homens para o abraçar. As raízes saindo um pouco da terra formavam arcos e cavidades que lembravam pequenas cavernas.

– Um sítio bom para morarem anões – pensou Isabel.

Este pensamento interessou-a extraordinariamente.

Aos sete anos, logo que tinha aprendido a ler, Isabel tinha lido a história da Branca de Neve e dos Sete Anões. Pensava muitas vezes nessa história. Parecia-lhe que seria maravilhoso viver entre anões, nos seus palácios enterrados na terra como as luras dos coelhos ou escondidos em lugares solitários, dentro do tronco das árvores.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Floresta*, Figueirinhas (adaptado)

Texto no livro do autor

**A FOCA E A FACA**

Um bichinho que rói na barriga... é a fome. Um bichinho que rói na cabeça... é uma ideia.

O Chico ficou com aquela ideia a roer-lhe na cabeça, aquela história de o avô a falar em homens que não gostam de animais, que os tratam mal, que até os matam e, quando o apanhou outra vez bem disposto, falou-lhe nisso.

Vovô Bicho deu um exemplo:

Se a foca  
fica  
com uma faca  
também lhe fica  
a pele que tem  
ninguém lhe toca  
ninguém ataca

Como os netos ainda eram pequenitos, Vovô Bicho receava sempre que eles não entendessem bem os versinhos que fazia e, por isso, perguntava-lhes sempre: – Perceberam?

A Ana disse logo:

– Há homens que fazem mal às focas.

O Vovô confirmou:

– É isso mesmo. Como as focas não têm defesas, atacam-nas. Já não é tão fácil atacar o urso ou o leão, porque esses têm fortes defesas.

A vez de o João perguntar:

– Tiram a pele às focas, é?

Vovô Bicho:

– Pois, tiram. Matam-nas para lhes tirar a pele. A pele da foca vale muito dinheiro.

Serve para fazer abafos, malas. Às vezes, esses homens são tão maus que até matam as focas-bébés.

A Ana a fazer beicinho:

– Qualquer dia, não há focas...

Texto no manual 1 – 3º ano, p. 94



Escrevo certo ou errado.

Tratar um gato ferido.

Enjaular cães.

Alimentar um cão vadio.

Matar focas.

Caçar baleias.

Libertar uma ave presa numa armadilha.

**Protege os animais**

O Chico ficou a pensar naquela história do avô a falar em homens que não gostam de animais, que os tratam mal e, quando o apanhou outra vez bem disposto, falou-lhe nisso. O avô confirmou:

– É isso mesmo. Como as focas não têm defesas, atacam-nas. Já não é fácil atacar o urso ou o leão, porque esses têm fortes defesas.

– Tiram a pele às focas?

– Pois tiram. Matam-nas para lhes tirar a pele. A pele da foca vale muito dinheiro. Serve para fazer abafos, malas...

E o avô continuou:

– Há ainda o perigo de várias espécies de animais começarem a ser raras e por isso têm de ser defendidas para não acabarem.

– E eu gosto tanto de ver as focas no Coliseu, a jogar à bola!

O avô também disse que sim, mas acrescentou, olhando para o neto:

– Para os meninos, a bola é uma brincadeira mas a foca trabalha com a bola, não se diverte. Certamente, gostaria bem mais de estar lá na sua terra, no seu mar, no seu meio natural.

Chico, sempre atento:

– Então, também é uma maldade que se faz à foca?...

– Sim, de certa maneira...

Carlos Pinhão, Vovô Bicho, Horizonte

Procura no dicionário...

abafos – \_\_\_\_\_

raras – \_\_\_\_\_

espécies – \_\_\_\_\_

acrescentou (acrescentar) – juntou.

E o Avô confirmou:

– Há esse perigo, há várias espécies de animais que começam a ser raras, que têm de ser defendidas para não acabarem.

O Chico, a ligar as coisas:

– Por isso é que o avô gostava que a foca tivesse uma faca, para se defender.

Vovô disse que sim.

João, triste:

– E eu que gosto tanto de ver as focas no Coliseu, a jogar à bola.

O Vovô também disse que sim, mas acrescentou, olhando para o neto:

A bola  
para a foca  
não é um brinquedo  
nem vício  
é ofício

...Desta vez, nem teve tempo de perguntar aos netos se tinham percebido, porque o João se antecipou:

– Vovô Bicho, explique lá isso...

E ele explicou:

– Para os meninos, a bola é uma brincadeira e há até os que têm o vício de jogar à bola, mas a foca trabalha com a bola, não se diverte, certamente, gostaria bem mais de estar lá na sua terra, no seu mar, no seu meio natural.

Chico, sempre atento:

– Então, também é uma maldade que se faz à foca?...

Vovô Bicho, a coçar a cabeça:

– Sim, de certa maneira...

(...)

### Texto no livro do autor

Era uma vez um rapaz que morava numa casa **no** campo. Era uma casa pequena e branca, com uma chaminé muito alta por onde saía o fumo da lareira, que no Inverno estava sempre acesa, **e** que servia para cozinhar e para aquecer a casa.

À roda da casa havia um pomar com árvores de fruto e, como as árvores eram de várias espécies, havia sempre fruta fresca durante quase todo o ano. **No Inverno as árvores davam laranjas e tangerinas, na Primavera davam pêras e maçãs vermelhas, no Verão era a vez das ameixas, das cerejas e dos pêsegos, no fim do Verão e no Outono chegavam os figos e os marmelos e a parreira grande que dava sombra enchia-se de uvas. E, quando passava a estação própria de cada fruta, podia-se comer as compotas que a mãe do rapaz tinha feito e que guardava em tigelas de barro e boiões de vidro que davam sempre um cheiro perfumado a toda a casa.**

**Mas, além das árvores do pomar, o campo à roda da casa onde o rapaz vivia tinha também outras árvores, muito altas e grossas e que eram tão antigas que já estavam lá antes de a casa ter sido feita pelo avô do rapaz. O castanheiro dava castanhas, a nogueira dava nozes, mas, acima de tudo, as árvores grandes e antigas, como os dois carvalhos em frente de casa, davam sombra e pareciam guardar a casa e fazer companhia.**

**Junto ao ribeiro, que passava à frente do terreno, havia faias, altas e esguias, e chorões, cuja copa densa caía até ao chão e debaixo das quais o rapaz brincava às cabanas com os amigos e com os dois irmãos mais novos.**

**Mas o sítio preferido do rapaz era o ribeiro. O ribeiro era um braço do rio que passava lá ao longe, na aldeia, e que de repente se separava dele e serpenteava pelo meio dos campos, entre os arrozais e os campos de milho do Verão, até voltar a encontrar-se outra vez com o rio principal, já depois de passada a casa.**

**O ribeiro fazia uma curva e depois mergulhava numa pequena cascata de pedras, antes de se alargar e formar um lago, mesmo em frente da casa. O chão era de areia e pequenas pedras, que se chamam seixos, e a água era transparente e ótima para beber.**

**As pessoas que moravam naquele lugar e na aldeia próxima bebiam daquela água, cozinhavam com ela e pescavam no rio e por isso todos tinham muito cuidado para não sujar o rio, deitando lixo ou outras coisas lá para dentro.**

### Texto no manual 1 – 3º ano, p. 104

 MARÇO

## OVINHOS DE PÁScoa

Leio os nomes e assinalo quais deles são nomes de planetas principais.

<input type="checkbox"/> Sedna	<input type="checkbox"/> Portugal	<input checked="" type="checkbox"/> Terra	<input type="checkbox"/> Marte
<input type="checkbox"/> Sulça	<input type="checkbox"/> Mercúrio	<input type="checkbox"/> França	<input type="checkbox"/> Vénus
<input type="checkbox"/> Brasil	<input type="checkbox"/> Júpiter	<input type="checkbox"/> Saturno	<input type="checkbox"/> Úrano
<input type="checkbox"/> Plutão	<input type="checkbox"/> Neptuno	<input type="checkbox"/> Grécia	<input type="checkbox"/> Rússia



### As estrelas

Era uma vez um rapaz que morava numa casa do campo. Era uma casa pequena e branca, com uma chaminé muito alta por onde saía o fumo da lareira, que no Inverno estava sempre acesa, que servia para cozinhar e para aquecer a casa.

À roda da casa havia um pomar com árvores de fruto e, como as árvores eram de várias espécies, havia sempre fruta fresca durante quase todo o ano.

Nas noites de Verão, antes de ir para a cama, vinha muitas vezes sentar-se junto ao rio, ou então deitava-se de costas na areia e ficava a olhar para as estrelas do céu, que brilhavam como se estivessem todas em festa.

Às vezes passava uma estrela cadente no céu, e o rapaz pedia logo três desejos à estrela, como tinha aprendido com a sua mãe.

Miguel Sousa Tavares, *O segredo do Rio*.  
Oficina do Livro (adaptado e com supressões)

104

As pessoas sabiam que a água é a coisa mais preciosa da vida e que um rio que corre limpo é um milagre da natureza que não pode ser estragado.

Aí, nesse pequeno lago que o ribeiro formava, o rapaz aprendera a nadar ainda muito pequeno e passava lá todos os dias de Verão a tomar banho. Debaixo de água nadava com os olhos abertos e por isso conhecia já quase todo o fundo do rio, desde as pedras mais bonitas até às várias espécies de peixes que desciam pela cascata e atravessavam o lago, continuando pelo rio abaixo em direcção ao mar, muito longe dali. Havia também dois ou três peixes que não estavam de passagem e moravam nas margens do pequeno lago, entre esconderijos de pedras, cobertos por ramos de árvores que mergulhavam sobre as águas e escondiam os seus buracos. Às vezes o rapaz ia espreitá-los nas suas casas e, quando não os via lá, sabia que os peixes tinham ido nadar ao longo do rio, à procura de comida.

Quando ficava com frio de tanto tomar banho, o rapaz vinha estender-se num pequeno espaço de areia muito grossa que havia na margem do ribeiro e ficava a aquecer-se ao sol. Nas noites de Verão, antes de ir para a cama, vinha também muitas vezes sentar-se ali, para se refrescar com a brisa fresca que vinha do rio, ou então deitava-se de costas na areia e ficava a olhar para as estrelas do céu, que brilhavam como se estivessem todas em festa.

Às vezes passava uma estrela cadente no céu, e o rapaz pedia logo três desejos à estrela, como tinha aprendido com a sua mãe.

(...)

Miguel Sousa Tavares, *O Segredo do Rio*, Oficina do Livro, 7.ª tiragem, 2006 (excerto)

**O MARUJINHO QUE PERDEU O NORTE**

(...)

Ainda o Marujinho dormia deitado no chão, quando o Sol principiou a levantar-se do lado **onde se deitara o** Leste. Era manhã.

**O Marujinho acordou e chamou pelos companheiros :**

– Leste! Sul! Oeste! Onde estão vocês?

– Aqui, não me vêes? – disse o Leste. Mas o Marujinho não podia olhar bem para ele por causa do Sol que vinha desse lado.

– É sempre do meu lado que o Sol se levanta todos os dias. Do lado de Leste – explicou o ponto cardeal.

**– Ao meio-dia está por cima de mim – acrescentou o Sul,**

– Logo à tarde, é a mim que o Sol procura – disse o Oeste, que estava exactamente do lado oposto.

Como se falara no verbo procurar, o Marujinho lembrou-se da razão por que tinham vindo a terra, e pôs-se de pé.

– Vamos depressa procurar o Norte – disse ele.

(...)

Maria Isabel de Mendonça Soares, *O Marujinho que perdeu o Norte (e outras histórias)*, Edições Ática, 2.ª ed., 1976



**Os pontos cardeais**

Ainda o Marujinho dormia deitado no chão, quando o Sol principiou a levantar-se do lado Leste. Era manhã. O Marujinho acordou e chamou pelos companheiros.

– Leste! Sul! Oeste! Onde estão vocês?

– Aqui, não me vêes? – disse o Leste. Mas o Marujinho não podia olhar bem para ele por causa do Sol que vinha desse lado.

– É sempre do meu lado que o Sol se levanta todos os dias. Do lado de Leste – explicou o ponto cardeal.

– Ao meio-dia está por cima de mim – acrescentou o Sul.

– Logo à tarde, é a mim que o Sol procura – disse o Oeste, que estava exactamente do lado oposto.

Como se falara no verbo procurar, o Marujinho lembrou-se da razão por que tinham vindo a Terra, e pôs-se de pé.

– Vamos depressa procurar o Norte – disse ele.

Maria Isabel Soares,  
*O Marujinho que perdeu o Norte e outras histórias*, Ática

Procuro no dicionário...

Marujinho – \_\_\_\_\_

principiou (principiar) – começou.

companheiros – \_\_\_\_\_

Leste – Este.

exactamente – mesmo.

oposto – \_\_\_\_\_

## Texto no livro do autor

### COMO SE FAZ COR-DE-LARANJA

Deram ao Menino uma caixa de aguarelas. O Menino gostava de pintar pássaros, flores, casas, árvores, rios, montanhas e tudo o mais que lhe vinha à cabeça. Mas faltavam muitas cores na caixa de aguarelas.

Um dia, o Menino quis pintar um submarino no fundo do mar. À volta do submarino havia algas azuis, verdes, roxas e vermelhas. Mas o Menino queria que houvesse também algas alaranjadas. Ficariam bem a ondular, ao lado das algas azuis e verdes. Que pena a caixa de aguarelas não ter cor-de-laranja! Como se faria? Que outras cores se devia misturar para conseguir cor-de-laranja? O Menino não sabia.

Foi ter com o Avô e perguntou-lhe.

– Eu já soube, meu neto – respondeu o Avô. – Quando tinha a tua idade também

gostava de pintar pássaros azuis,

flores amarelas,

árvores doiradas,

montanhas verdes...

e céus cor-de-laranja.

Mas não me consigo lembrar como fazia...

O Menino saiu à rua e perguntou a um senhor que entrava para um automóvel:

– O senhor podia dizer-me, por favor, como se faz cor-de-laranja?

– Cor-de-laranja? O que é isso? – e partiu a toda a velocidade.

O Menino entrou numa loja e perguntou por cor-de-laranja.

– Cor-de-laranja? Pois decerto, pequeno cavalheiro – disse o dono da loja. – Tenho uns belíssimos lenços alaranjados, chegados ontem de Beirute,

## Texto no manual 2 – 3º ano, p. 82



### Antes do texto

Que cores achas que têm de se misturar para fazer tinta cor-de-laranja?



### Dentro do texto

#### Como se faz cor-de-laranja

Deram ao menino uma caixa de aguarelas. Que pena a caixa de aguarelas não ter cor-de-laranja! Como se faria? Que outras cores se devia misturar para conseguir cor-de-laranja?



O menino não sabia. Seria assim tão difícil conseguir fazer cor-de-laranja?!

Aproximou-se um cego, cautelosamente, **tacteando** os troncos das árvores.

O menino falou do cor-de-laranja enquanto o cego sorria.

– Então diz-me: de que cor é o Sol? – perguntou o cego.

– Amarelo – respondeu o menino.

– Isso, amarelo, alegre, risonho. E a terra, de que cor é ela?

– A terra é castanha e em alguns bocados parece... – o menino **hesitava**.

– Diz!

– ... parece vermelha.

– Pois, vermelha. Agora repara: o Sol, que estende o seu calor sobre a terra, faz crescer as árvores, abrir as folhas, **despontar** os ramos, arredondar os frutos. Diz-me: de que cor são os frutos?

– Verdes, amarelos, cor-de-laranja... – respondeu o menino.

O cego estava contente.

– Ora vêes que não é difícil fazer cor-de-laranja. Junta o amarelo do Sol ao vermelho da terra... Vai depressa acabar de pintar.

O menino correu para casa, misturou as cores, e as algas alaranjadas surgiram no papel.

Amélio Torrado, *Como Se Faz Cor-de-laranja*,  
Edições Asa (adaptado)



### Procura no dicionário

tacteando (tactear) → \_\_\_\_\_

hesitava (hesitar) → \_\_\_\_\_

despontar → \_\_\_\_\_

artigo de primeira qualidade, seda natural, como não encontra melhor em nenhuma loja do país. Espere vossa excelência um momento, que eu vou buscar.

O Menino saiu da loja e foi bater à porta do Sábio (convém avisar que era um falso sábio, um tolo a fingir de sábio...).

– Para fazer cor-de-laranja são necessárias complexíssimas operações químicas – disse o sabichão. – Primeiro precisará de destilar uma solução aquosa de monóxido de naftalina de densidade mínima, à temperatura de cinquenta e quatro graus centígrados, para depois, aproveitando o extracto residual de paradrimetilfenoledenorodamina  $x^3$ , potência O, função de si próprio, utilizar o reagente  $FT_2 S O_2 D D_3 P I$  até conseguir cor-de-laranja. Muito complexo, como vê! Mas se quer utilizar apenas tintas, talvez o Pintor, que mora aqui ao lado, lhe saiba responder.

O Menino bateu à porta do Pintor (mau pintor, mau e trapalhão, diga-se de passagem) .

– Queria saber como se faz cor-de-laranja – disse o Menino.

O Pintor olhou-o, carrancudo e desconfiado.

– Isso são segredos de artista, segredos profissionais, segredos que cada um guarda como pode – respondeu ele.

O Menino saiu de casa do Pintor e foi ter com o Poeta (muito mau poeta, aliás), que estava no jardim a rebuscar rimas para os seus versos. Mal lhe perguntou como se fazia cor-de-laranja, o Poeta começou a declamar:

*Oh cor-de-laranja, palavra bela,*

*Sumarenta palavra que alimenta*

*A minha Dona Felisbela.*

*Oh cor-de-laranja, oh arco-íris,*

*Oh canela, mais pimenta,*

*Oh Dona Felisbela Pires.*

O Menino fugiu do mau poeta e não foi ter com mais ninguém. Sentou-se num banco do jardim e descansou. Seria assim tão difícil conseguir fazer cor-de-laranja? !

Lá em casa, a folha de papel esperava em cima da mesa, e as algas alaranjadas continuavam a ondular nos olhos do Menino.

Aproximou-se um cego, cautelosamente, tacteando os troncos das árvores.

O Menino ajudou-o a sentar-se ao seu lado, no mesmo banco.  
Perguntou-lhe o Cego o que fazia naquele jardim e o Menino falou da cor-de-laranja, do fundo do mar, das algas e contou as casas que correrá, as pessoas a quem falara. enquanto O Cego sorria.  
– Ainda não sabes como se faz cor-de-laranja? – perguntou o Cego.  
Ninguém lhe tinha dito, como podia o Menino saber?  
– Então diz-me! – continuou o Cego – de que cor é o sol? – perguntou o cego.  
– Amarelo – respondeu o Menino.  
– Isso, amarelo, alegre, risonho, como o som de um pandeiro. E a terra, de que cor é ela?  
– Preta – respondeu o Menino.  
– Olha bem para a terra dos canteiros. É, de facto, preta?  
O Menino olhou bem e corrigiu:  
– A terra é castanha e em alguns bocados parece... – o Menino hesitava.  
– Diz!  
– ... parece vermelha.  
– Pois, vermelha como um clarim a tocar, não é assim? Agora repara: o Sol, que estende o seu calor sobre a terra, faz crescer as árvores, abrir as folhas, despontar os ramos, arredondar os frutos. Diz-me: de que cor são os frutos?  
– Verdes, amarelos, cor-de-laranja... – respondeu o Menino.  
O Cego estava contente:  
– Ora vês que não é difícil fazer cor-de-laranja. Junta o amarelo do sol ao vermelho da terra, o som do pandeiro ao som do clarim... Vai depressa acabar de pintar.  
O Menino correu para casa, misturou as cores e as algas alaranjadas surgiram no papel.

## A TERRA

Se eu pudesse escolher  
entre ser um planeta,  
uma estrela  
ou um cometa...

...eu preferiria ser o que sou:  
um pequeno planeta  
com a sua lua,  
que de vez em quando é visitado  
por um cometa.

Jorge Sousa Braga (transposição), *Pó de Estrelas*, Assírio & Alvim, 2004

**Será que já sei?**

**A Terra**

Se eu pudesse escolher entre ser um planeta, uma estrela ou um cometa...



... eu preferia ser o que sou: um pequeno planeta com a sua lua, que de vez em quando é visitado por um cometa.

*Jorge Sousa Braga, Pó de Estrelas, Assírio e Alvim (adaptado)*

- De que assunto trata o texto?
- Assinala com **X** a resposta correcta.  
A Terra fala de escolher entre ser:
 

<input type="checkbox"/> um planeta, uma estrela ou um meteoró.	<input type="checkbox"/> um planeta, uma estrela ou um cometa.
<input type="checkbox"/> um cometa, um planeta ou um astronauta.	<input type="checkbox"/> um planeta, um satélite ou uma estrela.
- O que prefere ser a Terra?
- Explica o significado da frase: A Terra é visitada, de vez em quando, por um cometa.
- Completa o crucigrama.



90

## A COLHEITA

Na manhã seguinte a Madrinha Claudina acordou-a:

– Levanta-te, Ana Cláudia, que vamos apanhar folhas!

– Folhas?! De couve?!... A Madrinha vai fazer hoje caldo verde para o pequeno-almoço?!

As perguntas estremunhadas da Ana Cláudia, a Madrinha Claudina respondeu com um seco e rápido:

– Não.

– Mas... folhas de quê?

– Logo se vê.

«Logo se vê» era o estribilho predilecto da Madrinha Claudina.

E esse «logo se vê» tinha lá dentro um mundo de coisas. Como se dissesse: «O futuro a Deus pertence.» Todas as possibilidades, todas as fantasias, todos os mistérios, todo o inesperado, cabiam no «logo se vê» da Madrinha Claudina.

Espicaçada pela curiosidade, a Ana Cláudia sacudiu a preguiça e saltou da cama.

Dali a pouco já ela estava pronta. E pronta para sair de casa a Madrinha Claudina também; essa já até com o pequeno-almoço tomado, o que faltava à afilhada, mas que não demorou muito tempo a comer.

– Bom. Vamos embora.

– Para onde?

– Logo se vê.

O mistério desvendou-se no parque, lugar do destino naquela manhã.

Era ainda Verão, mas no dia anterior levantara-se um vento desesperado, e pelo chão havia muitas folhas.

– Anda, menina! Começa a apanhá-las, como eu faço – disse a Madrinha Claudina.

Delicadamente, a madrinha levantava-as uma a uma, e ia-as metendo as folhas entre as páginas de uma velha lista dos telefones que trouxera no saco.

– Oh, Madrinha, mas são folhas velhas!!! Isto é para se comer?

– Logo se vê – respondeu a Madrinha Claudina, continuando o seu

### Antes do texto

Fodeia nos herbários uma:

\* folha pequena e estreita.



\* folha larga e recortada.



### Dentro do texto

#### A colheita

– Levanta-te, Ana Cláudia, que vamos apanhar folhas!

– Mas... folhas de quê?

– Logo se vê.

O mistério **desvendou-se** no parque.

Delicadamente, a madrinha levantava-as uma a uma, e ia metendo as folhas entre as páginas de uma velha lista de telefones que trouxera no saco.

– Ó madrinha, mas são folhas velhas!

Ia arrancar a folha de um arbusto, quando a madrinha lhe **suspendeu** o gesto:

– Só do chão, menina. São as folhas que as árvores nos oferecem. As que ficaram nos ramos pertencem-lhes, não são ainda nossas.

– Nunca tinha pensado que havia folhas tão diferentes! – disse ela, admirada. – Redondas... aos bicos... pequeninas... brancas...

– Olha para esta! É de plátano; parece-se com as parras das uvas, mas eu gosto mais de dizer que me lembra uma estrela.

– E esta! Tem a cor da madeira. E é macia e **lustrosa**.

– Uma folha de magnólia.

– Tanta variedade! Largas... estrelinhas... lisas... recortadas como um serrote...

– Então, já descobriste o que vamos fazer com as folhas?

Maria Isabel de Mendonça Soares, Logo Se Vê, Editorial Verbo (atualizada)



#### Procura no dicionário

desvendou-se (desvendar) → \_\_\_\_\_

suspendeu (suspender) → \_\_\_\_\_

lustrosa (lustroso) → \_\_\_\_\_

trabalho.

– Se é para comer, eu não como essa porcaria! – protestou a Ana

Cláudia.

– Os olhos também comem – foi a resposta.

A Ana Cláudia conformou-se, porque lá lhe pareceu que do mal o menos, se as folhas eram só comida para os olhos, podia colaborar. E reservou a sua opinião, pensando à moda da Madrinha Claudina:

– Logo se vê.

Ia a estender dois dedos para arrancar a folha de um arbusto, quando a Madrinha Claudina lhe suspendeu o gesto:

– Só do chão, menina. Só do chão. São as folhas que as árvores nos oferecem. As que ficaram nos ramos pertencem-lhes a elas; não são ainda nossas.

A Ana Cláudia não teve outro remédio senão dobrar-se pela cintura, e realmente se a Madrinha Claudina não se queixava da coluna, como quase todas as senhoras da sua idade, não seria ela, com nove anos apenas, quem teria razão para isso.

Aos poucos e poucos foi tomando gosto pela tarefa.

– Nunca tinha pensado que havia folhas tão diferentes! – disse ela, admirada. – Redondas... aos bicos... pequeninas... grandes...

– Olha para esta! É de plátano; parece-se com as parras das uvas, mas eu gosto mais de dizer que me lembra uma estrela.

– E esta? É do feitio de uma pena de pássaro, não é?

– Já viste bem esta aqui?

– Que linda! Tem a cor da madeira; e é macia e lustrosa.

– Uma folha de magnólia.

– Tanta variedade! Largas... estreitinhas... lisas... recortadas como um serrote...

– Deus realmente tem muita imaginação! – disse a Madrinha Claudina. E por instantes ficou parada com uma folha na mão em silêncio. Como se estivesse a rezar.

Depois perguntou à Ana Cláudia:

– Então, já descobriste o que vamos fazer com as folhas?

(...)

## A PONTE

A história que vos vou contar não foi inventada por mim. É muito velha; foi o meu avô quem ma contou pela primeira vez, quando eu ainda era pequena. A ele fora a sua bisavó quem lha contara, mas o que eu não sei é quem foi que lha contou a ela. Pode ser que alguns de vós também a conheçam: julgo, porém, haver muita gente que nunca a ouviu ou leu num livro.

\* \* \*

Vivia numa pequena aldeia um menino chamado João, menino esperto e estudioso, mas que tinha um defeito: gostava de mentir. Isso entristecia os pais que se não cansavam de lhe recomendar que não mentisse. Mas o João lá continuava, de vez em quando, a dizer uma das suas mentiras.

Um dia o pai tinha de ir à cidade e. O João, que já lhe pedira várias vezes para o levar, pediu-lhe de novo e, desta vez, o pai resolveu levá-lo. A distância da aldeia à cidade era de cinco quilómetros, o que não é longe quando se vai de automóvel, de comboio ou de bicicleta. Mas não se esqueçam de que esta história é muito velha. No tempo que foi contada pela primeira vez não havia nem automóveis, nem comboios, nem bicicletas. Havia apenas carros de cavalos – diligências – e o transporte nas diligências ficava caro. Ora, o pai do João não era rico e, por isso, os dois foram a pé.

Enquanto caminhava ao lado do pai, o João sentia vontade de conversar. Como não se lembrava de coisa nenhuma para dizer, inventou uma mentira.

– Sabe vossemecê, pai, quando ontem passei pelo campo, onde os bois e as vacas costumam andar a pastar, vi um cão que era maior do que um boi.

O pai não fez comentários, mas daí a um bocadinho quebrou o silêncio:

– Olha, João, quase me ia esquecendo de te dizer uma coisa importante: daqui, mais ou menos, a meia hora havemos de passar numa ponte que é diferente de qualquer outra ponte.

– Diferente em quê, pai?

– Não no aspecto, meu filho, nisso é como muitas outras pontes de madeira, assentes em pilares altos, com grades de ferro. Mas é diferente, porque quando alguém, que pouco antes mentiu, passa por cima dela, e chega a meio, solta-se uma das tábuas de madeira e o mentiroso cai no rio, exactamente no sítio

### Antes do texto

Assinala com X a(s) resposta(s) correcta(s).

Um mentiroso é aquele que:

- conta a verdade.
- não conta a verdade, com a intenção de enganar.
- ao contar a verdade engana-se, sem querer.
- diz que é verdade aquilo que sabe que é falso.

### Dentro do texto

#### A ponte

Vivia numa pequena aldeia um menino chamado João, menino esperto e estudioso, mas que tinha um defeito: gostava de mentir.

Um dia o pai tinha de ir à cidade e os dois foram a pé.

Enquanto caminhava ao lado do pai, o João sentia vontade de conversar. Como não se lembrava de coisa nenhuma para dizer, inventou uma mentira.

– Pai, quando ontem passei pelo campo, vi um cão que era maior do que um boi.

O pai não fez comentários, mas daí a um bocadinho quebrou o silêncio:

– Olha, João, quase me ia esquecendo de te dizer uma coisa importante: daqui, mais ou menos, a meia hora havemos de passar numa ponte que é diferente de qualquer outra ponte. Quando alguém que pouco antes mentiu passa por cima dela, cai ao rio.

O João olhou o pai e disse, um tanto **embaraçado**:

– Pai, aquele cão não era do tamanho de um boi, nem de um burro, nem tão pouco era o cão maior de todos os cães que conheço, era apenas do tamanho doutro cão qualquer!

O pai foi caminhando, mas o João continuou parado. Quando viu o pai afastar-se cada vez mais, gritou:

– Pai! Espere! É que, na verdade, não vi ontem cão nenhum!



### Procura no dicionário

comentários (comentário) → \_\_\_\_\_

embaraçado → \_\_\_\_\_

Ilus. Loui, A Flor Azul,  
Edições Asa (adaptado)

onde ele é mais fundo. Não achas que se trata duma ponte fora do vulgar?

João abanou com a cabeça que sim.

Caminhava agora ao lado do pai, calado e pensativo. Daí a pouco o pai, apontando com o dedo, exclamou:

– Olha, meu filho, já se vê a ponte!

O João viu a ponte e o rio cheio de água, olhou para o pai e disse, um tanto embaraçado:

– Sabe vossemecê, pai, aquele cão que vi no campo não era maior do que um boi: era apenas do tamanho dum boi.

O pai não fez comentários. Os dois continuavam a caminhar e a ponte de cada vez se via melhor. O João estava a morder os lábios, e às tantas disse:

– Ouça, pai, afinal aquele cão de que lhe falei era só do tamanho dum burro. Agora é que me lembro bem.

Como das outras vezes, o pai ficou calado. O rio, com a ponte, já estava perto. Notava-se bem na cara do João que ele estava muito aflito.

De repente disse:

– Sabe vossemecê, pai, aquele cão não era do tamanho dum burro: era apenas um cão especial, maior do que todos os cães que conheço.

Tinham chegado à ponte.

O João parou, mas o pai seguiu calmamente. Olhou para trás e, vendo o filho à entrada da ponte sem se mexer, disse-lhe:

– Então, João, que tens? Não queres entrar na ponte?

O João exclamou:

– Ouça, pai! Aquele cão que vi ontem era afinal do tamanho doutro cão qualquer!

O pai foi caminhando, mas o João continuou parado ao pé da ponte. Quando viu o pai afastar-se cada vez mais, gritou:

– Pai! Espere! É que, na verdade, não vi ontem cão nenhum!

E atravessou a ponte a correr.

### Estranhões, bizarros e outros seres sem exemplo

Jácome era um inventor de coisas impossíveis: tinta invisível, formigas mecânicas, pássaros a vapor, sapatos voadores, aparelhos de produzir espirros. Não se podia dizer dele que não tinha imaginação – tinha, e de sobra. Não se podia dizer que não fosse trabalhador – Jácome trabalhava o dia inteiro. O problema era que nada do que ele inventava parecia ter utilidade.

– Jácome – diziam-lhe os amigos – o que tu fazes são inutilidades. Inventa alguma coisa que preste. Por exemplo: couves com sabor a chocolate. Máquinas de fazer sol. Peúgas à prova de buracos.

Jácome concordava com os amigos. Sim, eles tinham razão. Fechava-se na sua oficina e começava a desenhar novos projectos. Porém, o que saía das suas mãos, nem ele percebia como, eram só engenhosos disparates: água em pó, pregos de papel, comprimidos para adormecer caracóis.

Os amigos começaram a afastar-se dele. "É maluquinho", comentavam, "não faz mal a ninguém, mas é assim meio maluquinho". Um dia, Jácome acordou e percebeu que já não tinha amigos. Estava sozinho no mundo. Completamente sozinho. Tinha os pássaros a vapor, é certo, e as formigas mecânicas. Então, para lhe fazerem companhia, inventou outros animais. A uns chamou-lhes Estranhões e a outros Bizarros. Um mundo inteiramente novo começou a nascer na sua oficina: eram lagartixas com todas as cores do arco-íris, camelos de cinco bossas, camaleões cantores, de pele luminosa, gatos que pareciam anjos, com pequenas asas de seda plantadas no meio das costas. Um dia inventou um animal que não se assemelhava a mais nenhum. Chamou-lhe Estranhão. No dia seguinte criou um segundo, igualmente estranho e chamou-lhe Bizarro.

Quando as outras pessoas descobriram o que se estava a passar já era demasiado tarde. Os bichos de Jácome não cabiam na oficina e espalhavam-se pelo quintal, pelo pátio e até pelo passeio em frente. Os vizinhos resolveram chamar a polícia:

– Aquele homem – acusaram –, inventou um mundo. E o mundo dele está a engolir o nosso.

Alguns traziam fotografias dos estranhões e dos bizarros:

– Vejam bem – mostravam –, estas coisas não podem existir. Elas assustam as nossas crianças.

#### Antes do texto

Liga as palavras da mesma família.

bizarroco *	* estranho *	* bizarria
estranhão *	* bizarro *	* estranheza

#### Dentro do texto

### Estranhões, bizarros e outros seres sem exemplo

Jácome era um inventor de coisas impossíveis. Nada do que ele inventava parecia ter utilidade.

– Jácome – diziam-lhe – o que tu fazes são inutilidades.

Jácome concordava. Porém, o que saía das suas mãos eram só engenhosos disparates: água em pó, pregos de papel, comprimidos para adormecer caracóis.

Os amigos começaram a afastar-se dele. «É maluquinho», comentavam. Um dia, para lhe fazerem companhia, inventou alguns animais. A uns chamou-lhes Estranhões e a outros Bizarros.

Os bichos espalharam-se pelo quintal, pelo pátio e até pelo passeio em frente. Os vizinhos resolveram chamar a polícia.

– Estas coisas assustam as nossas crianças.

Não era verdade. As crianças não se assustavam com os bichos.

Numa tarde de chuva, muitíssimo triste, levaram Jácome para a prisão.

Um pouco por toda a cidade as crianças organizavam manifestações a pedir a libertação de Jácome. Os bichos iam com elas. Viam-se meninos às costas dos estranhões. Viam-se bizarros segurando cartazes: «Queremos Jácome!». Finalmente, quando o chefe da polícia concordou em libertar o inventor, já não o encontrou na cela. Jácome tinha inventado, alguns dias antes, um aparelho atravessador de paredes.

Todos os bichos o receberam em festa. O atravessador de paredes foi a única coisa útil que Jácome inventou. Tudo o resto nunca serviu para nada.

João Eduardo Aguiar, *Estranhões e Bizarros*,  
Publicações D. Quixote (adaptado com supressões)



Não era verdade. As crianças não se assustavam com os bizarros e nem sequer com os estranhos. Eles nunca tinham visto nada assim, mas todos os dias descobriam coisas novas, que nunca tinham visto antes, e por isso achavam os estranhos e os bizarros muito naturais e gostavam deles.

Os vizinhos, porém, insistiram tanto, tanto, que os policiais foram obrigados a intervir. Numa tarde de chuva, muitíssimo triste, bateram à porta da oficina e levaram Jácome para a prisão.

Nos primeiros dias Jácome deixou-se ficar estendido na sua cela, a pensar, tentando perceber por que é que fora parar ali. A cela possuía uma pequena janela, com grades, e ele podia ver o céu e os pássaros a voar. "As pessoas", concluiu Jácome, "as pessoas grandes têm medo de tudo o que é novo". Uma manhã acordou e viu um dos seus pássaros a vapor pousado na janela.

– As crianças – disse-lhe o pássaro –, querem tirar-te da prisão.

Um pouco por toda a cidade as crianças organizavam manifestações a pedir a libertação de Jácome. Os bichos iam com elas. Viam-se meninos às costas dos estranhos. Viam-se bizarros aos gritos, segurando cartazes: "Queremos Jácome!". "Jácome é um bom companheiro". "Viva o inventor do impossível".

Os adultos não sabiam o que fazer. Era uma revolução. As crianças, nas escolas, só falavam naquele assunto. Vinham para casa e exigiam aos pais a libertação de Jácome. Finalmente, quando o chefe da polícia concordou em libertar o inventor,

Quando chegaram à cela dele, porém, não o encontraram. A partir de um relógio de pulso, de um botão de camisa, de algumas molas da cama e de um lençol,

Jácome tinha inventado, alguns dias antes, um aparelho atravessador de paredes.

Montado nele, atravessou as paredes, como se estas fossem feitas de água e voltou tranquilamente para a sua oficina. As crianças, os estranhos, os bizarros, os pássaros a vapor, as lagartixas com pele de arco-íris, enfim todos os bichos que ele havia inventado receberam-no em festa. Uma festa que durou três dias. O atravessador de paredes foi a única coisa útil que Jácome inventou.

Tudo o resto nunca serviu para nada.

Mas é muito importante.

## Era uma vez um pião

Era uma vez um pião,  
Sempre a rolar, a rolar,  
Das **mãozitas** do João  
Para o chão do patamar.

Com as **mãozitas** de mestre  
E olhar envaidecido,  
Ajeitava bem a corda  
Com dois metros de comprido.

Ah, como se divertia,  
Sem pontinha de cansaço,  
Quando a todos exibia  
A façanha no terraço!

Mas certo dia o pião  
Rolou, rolou, sem parar,  
Para longe do João  
E do chão do patamar...

O pequeno, embaraçado,  
Aos tropeções na baraça,  
Ainda o viu a cair  
No aqueduto da praça.

E chorou (pobre João!)  
Num pranto nobre e profundo  
De quem perde **num** pião  
**A**s voltas do próprio mundo!

Alexandre Perafita, *A mala vazia e algumas histórias de tradição oral*, Ambar, 2003

## Unidade 1

A sua naturalidade e nacionalidade

### Era uma vez um pião

Era uma vez um pião,  
Sempre a rolar, a rolar,  
Das mãozinhas do João  
Para o chão do patamar.

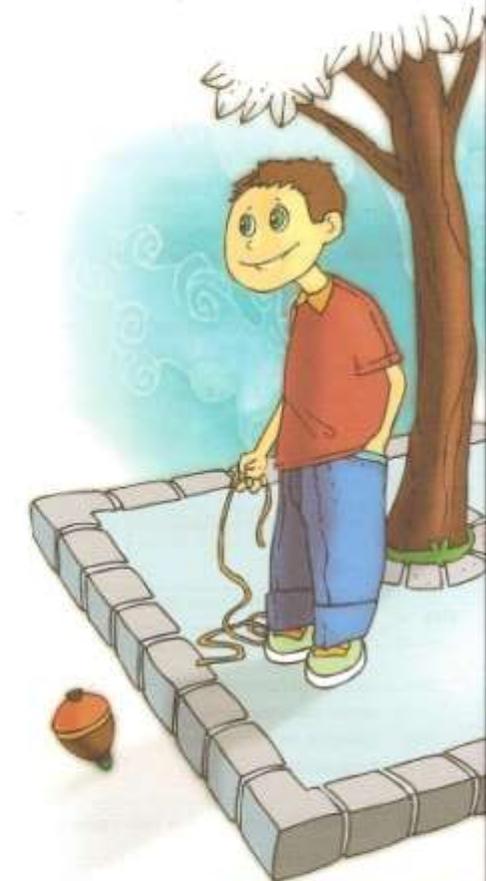
Com as mãozinhas de mestre  
E olhar envaidecido,  
Ajeitava bem a corda  
Com dois metros de comprido.

Ah, como se divertia,  
Sem pontinha de cansaço,  
Quando a todos exibia  
A façanha no terraço!

Mas certo dia o pião  
Rolou, rolou, sem parar,  
Para longe do João  
E do chão do patamar...

O pequeno, embaraçado,  
Aos tropeções na baraça,  
Ainda o viu a cair  
No aqueduto da praça.

E chorou (pobre João!)  
Num pranto nobre e profundo  
De quem perde um pião  
Às voltas do próprio mundo!



Alexandre Perafita,

*A Mala vazia e algumas histórias de tradição oral*,

Ambar

Outubro

Em Outubro pega tudo.

## Que avestruz gulosa!

Como todas as avestruzes, a desta história tinha pernas altas, penas bonitas, pescoço comprido, uma cabeça pequenina com dois olhos que pareciam rir, um bico forte. E tinha sempre fome.

A mãe bem lhe dizia:

– Ó filha! Que tenhas apetite, está bem. Não podes é comer tudo o que encontras.

Mas a avestruz não escutava ninguém: comia, comia, comia.

Até que, um certo dia, começou aos gritos:

– Ai minha mãezinha! Ai! Ai! Ai!

Acudiram todos os habitantes da selva. Alguns pensaram que o mundo ia acabar. E ela cada vez com mais gemidos e ais:

– Ai! Ai!!!!!! Ai que me dói a barriga! Ai que não posso andar.

Aflita, a mãe avestruz foi chamar o Mocho dos Cem Anos, que era o melhor médico da selva. Com os seus grandes óculos ele olhou, espreitou de todos os lados e disse que tinha de a operar!

– Ai, coitada! – disseram todos. – Ele vai operar!

E podem imaginar o que o doutor Mocho encontrou no estômago da gulosa? Vejam só: vinte e sete parafusos, cem laranjas, um prato, uma roda de bicicleta, um sapato velho, nove pedras, quatro esferográficas, um gravador, um vídeo e uma formiguinha que entrara por engano. Como queria sair para a luz do sol começou a fazer-lhe cócegas no estômago e com tanto salto que deu, a avestruz misturou tudo o que engolira e pronto, foi essa a doença. Ao verem o que o doutor tirara lá de dentro os habitantes exclamaram:

– Oh! Nunca se viu um apetite assim.

E durante quatro dias só de pensarem em comida ficavam enjoados.

E a nossa comilona? Mal acabou a operação, suspirou e disse:

– Ai, mãezinha! Sinto-me tão fraquinha! O que me arranja para o almoço?

(...)

## Que avestruz gulosa!

Como todas as avestruzes, a desta história tinha pernas bonitas, pescoço comprido, uma cabeça pequenina com dois olhos que pareciam rir, um bico forte. E tinha sempre fome.

A mãe bem lhe dizia:

– Ó filha! Que tenhas apetite, está bem. Não podes é comer tudo o que encontras.

Mas a avestruz não escutava ninguém: comia, comia, comia.

Até que, um certo dia, começou aos gritos:

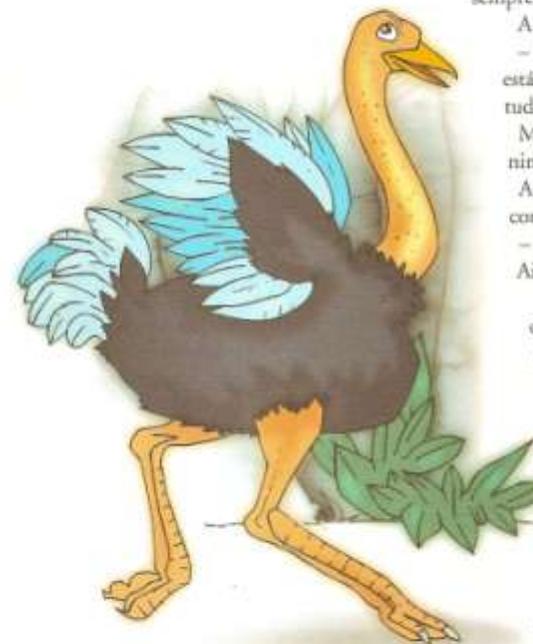
– Ai minha mãezinha! Ai! Ai! Ai! Ai que me dói a barriga!

Aflita, a mãe avestruz foi chamar o Mocho dos Cem Anos, que era o melhor médico da região. Ele olhou, pensou e disse que tinha de a operar.

E sabem o que o doutor encontrou no estômago da gulosa? Vejam só: vinte e sete parafusos, cem laranjas, um prato, uma roda de bicicleta, um sapato velho, nove pedras, quatro esferográficas e uma formiguinha que entrara por engano.

Mal acabou a operação, a nossa comilona suspirou e disse:

– Ai, mãezinha! Sinto-me tão fraquinha! O que me arranja para o almoço?



### Texto no livro do autor

(...)

Era no mês de Outubro, num sábado à tarde. **Nos sábados à tarde** Isabel não tinha aulas.

Por isso, mal acabou o almoço, saiu para a quinta.

O tempo estava ainda muito quente e nem uma erva bulia.

Isabel dirigiu-se para um pequeno bosque que ficava perto da casa.

Era um lugar muito solitário, onde nunca passava ninguém. Mesmo o jardineiro era raro ali ir, pois naquele lugar tudo crescia selvagem e não havia canteiros nem flores.

O chão estava todo coberto de musgo e das altas copas das árvores descia uma sombra trémula, atravessada aqui e além por raios doirados de sol.

Isabel estendeu-se ao **comprido** no chão, junto dum carvalho, e começou a ler. Mas o livro maçou-a, e ao fim de um quarto de hora, ela pousou-o a seu lado e começou a olhar **para** um carreiro de formigas que, avançando através de musgo, se dirigia para um buraco que ficava perto da árvore. Então, o olhar de Isabel pousou no tronco do carvalho. Era escuro, enorme e rugoso e seriam precisos três homens para o abraçar. As raízes, saindo um pouco da terra, formavam arcos e cavidades que lembravam pequenas cavernas.

– Um sítio bom para morarem anões – pensou Isabel.

Este pensamento interessou-a extraordinariamente.

Aos sete anos, logo que tinha aprendido a ler, Isabel tinha lido a história da Branca de Neve e dos Sete Anões. Pensava muitas vezes nessa história. Parecia-lhe que viver entre anões devia ser uma coisa maravilhosa. **Imaginava as casas dos anões, os seus palácios enterrados na terra como as luras dos coelhos ou escondidos em lugares solitários, dentro do tronco das árvores.**

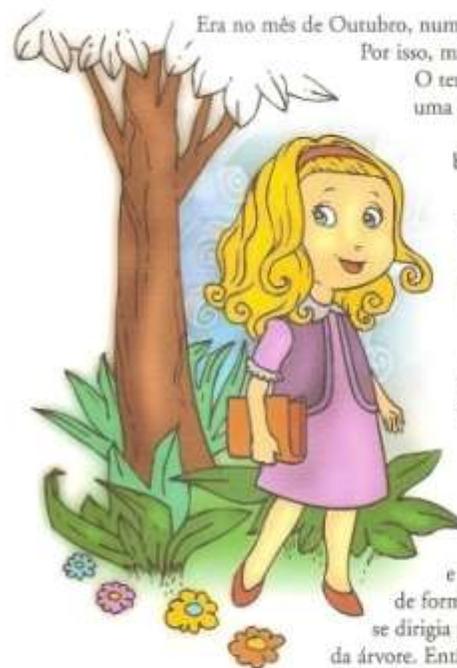
(...)

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Floresta*, Figueirinhas, 23.ª ed., 1994 (excerto)

### Texto no manual 3 – 3º ano, p. 28

#### Unidade I

#### Imaginação



Era no mês de Outubro, num sábado à tarde. Isabel não tinha aulas. Por isso, mal acabou o almoço, saiu para a quinta. O tempo estava ainda muito quente e nem uma erva bulia.

Isabel dirigiu-se para um pequeno bosque que ficava perto de casa.

Era um lugar muito solitário, onde nunca passava ninguém. Mesmo o jardineiro era raro ali ir, pois naquele lugar tudo crescia selvagem e não havia canteiros nem flores.

O chão estava todo coberto de musgo e das altas copas das árvores descia uma sombra trémula, atravessada aqui e além por raios doirados de sol.

Isabel estendeu-se ao comprimento no chão, junto dum carvalho, e começou a ler. Mas o livro maçou-a, e ao fim de um quarto de hora, ela pousou-o a seu lado e começou a olhar para um carreiro

de formigas que, avançando através do musgo, se dirigia para um buraco que ficava perto da árvore. Então, o olhar da Isabel pousou no tronco

do carvalho. Era escuro, enorme e rugoso e seriam precisos três homens para o abraçar. As raízes, saindo um pouco da terra, formavam arcos e cavidades que lembravam pequenas cavernas.

– Um sítio bom para morarem anões – pensou Isabel.

Este pensamento interessou-a extraordinariamente. Aos sete anos, logo que tinha aprendido a ler, Isabel tinha lido a história da Branca de Neve e dos Sete Anões.

Pensava muitas vezes nessa história. Parecia-lhe que seria maravilhoso viver entre anões, nos seus palácios enterrados na terra como as luras dos coelhos ou escondidos em lugares solitários, dentro do tronco das árvores.

Sophia de Mello Breyner Andresen,  
*A Floresta*

Já Não dói nada!

– Dói-te?

O menino estendeu a perna: lá estava o joelho ferido e, sobre o joelho, o sangue a magoá-lo.

A mãe quase tinha os olhos vidrados de lágrimas.

– Dói-te?

E debruçava-se ansiosamente sobre o filho.

O menino olhou-a. Doía-lhe aquele joelho, era triste ver o sangue, até já a própria peúga estava ensanguentada. No joelho, na peúga, o sangue como pétalas de papoula, que aflição. Mas aqueles olhos vidrados, ansiosos da mãe, puderam mais que a tristeza desse sangue derramado.

– Dói-te?

– Muito pouco.

– Mas diz, dói-te?

– Não tem importância...

Correra, correra. É bom correr! Por vezes, quando somos meninos, correr é voar. Não nos cansamos, isso é bom. É um cansaço bom. Como se nos apetecesse por instantes dormir.

E o menino voara. Fora cavalo, fora pássaro. Na corrida vira mil sóis. Ouvira mil sons da música do vento. Fora vento.

Saltara moitas, pedras e parecia que voava ao Sol como uma capa de Sol a esvoaçar. Capa ou asas?

Também poderia ter voado debaixo da chuva, mil cristais em fio a molharem-lhe as roupas, a tornarem escorregadio o chão.

– Dói-te?

Mas o menino já estava distraído. De perna estendida, continuava a correr.

Encontrava no ar libélulas, borboletas que continuavam voando em espirais do arco-íris. O próprio Sol voava. Azul, verde, vermelho, roxo... círculos de ouro com todas as cores.

Se parava um bocadinho, uma brisa fresca e meiga corria-lhe sobre o rosto suado.

Parava um bocadinho e tornava a correr mais. Talvez não parasse nunca, ele não tinha pensado nisso.

Mas, agora, como a brisa, a água fresca com que a mãe suavemente lhe

Unidade I

Já não dói nada!

– Dói-te?

O menino estendeu a perna. Lá estava o joelho ferido e, sobre o joelho, o sangue a magoá-lo.

A mãe quase tinha os olhos vidrados de lágrimas.

– Dói-te?

E debruçava-se ansiosamente sobre o filho.

O menino olhou-a. Doía-lhe aquele joelho, era triste ver o sangue... Até já a própria peúga estava ensanguentada. No joelho, na peúga, o sangue como pétalas de papoula, que aflição. Mas aqueles olhos vidrados, ansiosos da mãe, puderam mais que a tristeza desse sangue derramado.

– Dói-te?

– Muito pouco.

E o sangue a correr do joelho. As mãos não se feriram. Foram ao chão mas tinham ficado sobre um tufo de ervas.

O joelho já estava lavado. A papoula de sangue foi levada na água. Com água oxigenada também? A que tem muito daquele oxigénio que ele respira no ar? Já corre outra vez.

E outra papoula, esta de mercurocromo de um vermelho baço, diferente, pega-se ao joelho.

A mãe pôe um penso sobre a papoula, assim como um selo numa carta que vai para uma viagem.

Sorri. Sorriem ambos.

Já não dói nada.

Maria Inês Antão



limpava o joelho.

– Dói-te?

Onde estava o menino? Correndo pelos campos adormecidos de flores.  
Tropeçando, tropeçando em quê? Numa pedra? Escorregando na areia

solta?

E o sangue a correr do joelho. As mãos não se feriram, foram ao chão  
mas tinham ficado sobre um tufo de ervas. Ervas frescas e macias.

– Dói-te?

– Nada...

O joelho já está bem lavado. A papoula de sangue foi lavada na água.  
Com água oxigenada também? A que tem muito daquele oxigénio que ele respira  
no ar? Já corre outra vez.

E outra papoula, esta de mercúrio-cromo, de um vermelho baço,  
diferente, pega-se-lhe ao joelho.

Já a peúga lhe saiu do pé. Pé? Asas? Outras peúgas calçadas.

– Mostra as mãos.

– Estão boas, caíram sobre um tufo de ervas...

E estende ambas as mãos, de palmas voltadas, para o rosto da mãe. Este  
já não está ansioso – sorri.

O vidrado dos olhos já tem a imobilidade da luz.

– Pronto...

A mãe sabe que o seu menino voou. Sabe como é bom voar quando se é  
menino, embora se deva ter cuidado.

Tratando-o, agora passado o susto, também voa com ele – o seu menino!

A mãe põe um penso sobre a "papoula": assim como um selo numa carta  
que vai para uma viagem. Ou que já fez a viagem e traz o carimbo.

Sorri. Sorriem ambos.

Os olhos do menino já não sonham. Olham os da mãe.

A ternura também tem asas. O Amor também tem asas. Voa. É um  
pássaro no ar. Ou um cavalo na terra, veloz como o vento. Mas repousado. Com  
a brisa fresca a mandar-nos parar, a afagar-nos a face.

E o menino, pelos tempos fora, não esqueceria aquela papoula com selo,  
aquele instante.

– Já não dói nada!

**O Pedro, o avô e o mar**

O Pedro nunca tinha visto o mar. Às vezes a mãe contava-lhe histórias onde se falava das ondas que batiam na praia, da espuma a correr na areia, mas ele nunca tinha visto o mar.

Mas, um dia, o pai saiu-se com a notícia:

– Amanhã vais ver o mar.

– Amanhã? Porquê? Onde?

– Vais ver o mar, porque o teu avô chega de muito longe e vem de barco.

O Pedro pensou: Lá de muito longe, de onde não sei onde, chega o avô e traz o mar com ele. É capaz de trazer o mar cá para casa!

– Mãe, o avô vem viver cá para casa?

– Pois vem, meu filho. Aqui é também a casa dele.

– Então ele traz as coisas dele todas para cá, não traz?

– Sim, claro; traz tudo o que quiser cá para casa.

O Pedro deu-se por satisfeito. Agora já sabia que o avô chegava de longe, ia viver com eles e trazia tudo ali para casa. Mas ficava ainda sem saber se o mar fazia parte das coisas que o avô queria trazer.

Ficaria o mar ali em casa? Iria dormir na sala ou no quarto do avô?

No dia seguinte, quando chegaram ao cais, o Pedro viu muita água; tanta que nem lhe encontrava o fim... e batia nas muralhas, nos barcos, nas cordas... e saltava em espuma... e corria sabe-se lá para onde...

– É isto o mar? – pensou ele, sentindo o medo a apertar-lhe a garganta. – É muito grande! Não pode caber todo lá em casa!

– O avô leva o mar lá para casa? Todo?

– Tu gostas de ouvir o do mar!... – perguntou-lhe o avô. – Então vamos levá-lo para casa.

– O mar todo? – duvidou ainda o Pedro.

O avô já tirava do bolso uma concha rosada.

– Ouve aqui como ele canta... É a voz do mar. É para ti.

A mão estendeu-se; a concha anichou-se e a voz do Pedro misturou-se com o som das vagas:

– Mãe, posso guardar o mar todo no meu quarto!

O Pedro, o avô e o mar

O Pedro nunca tinha visto o mar. Às vezes a mãe contava-lhe histórias onde se falava das ondas que batiam na praia, da espuma a correr na areia, mas ele nunca tinha visto o mar.

Mas, um dia, o pai saiu-se com a notícia.

– Amanhã vais ver o mar.

– Amanhã? Porquê? Onde?

– Vais ver o mar, porque o teu avô chega de muito longe e vem de barco.

O Pedro pensou: lá de muito longe, de onde não sei onde, chega o avô e traz o mar com ele. É capaz de trazer o mar cá para casa!

No dia seguinte, quando chegaram ao cais, o Pedro viu muita água; tanta que nem lhe encontrava o fim... e batia nas muralhas, nos barcos, nas cordas... e saltava em espuma... e corria sabe-se lá para onde...

– É isto o mar? – pensou ele, sentindo o medo a apertar-lhe a garganta. – É muito grande! Não pode caber todo lá em casa!

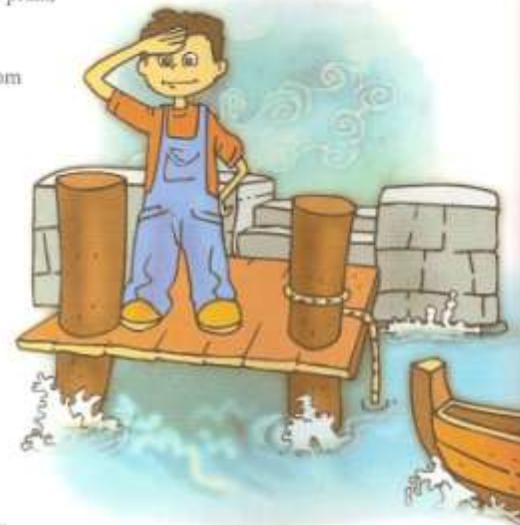
– O avô leva o mar lá para casa? Todo?

– Gostas do mar? – perguntou-lhe o avô. – Então vamos levá-lo para casa.

E tirou do saco uma concha rosada.

– Ouve aqui como ele canta. É para ti.

– Mãe, posso guardar o mar todo no meu quarto?



## A cidade

As ruas estavam cheias de gente e Oriana sentiu-se muito perdida, muito sozinha e muito tonta no meio de tantas casas, de tanto barulho, de tanta agitação. Olhava por todos os lados, à procura de alguém que a pudesse ajudar. Mas só via desconhecidos, que passavam sem sequer a ver. Resolveu perguntar ao sinaleiro:

– Diga-me, se faz favor, senhor sinaleiro, conhece um moleiro que veio da floresta e que tem onze filhos?

– Nesta cidade há um milhão de pessoas e eu não conheço moleiros. Siga, siga, está a interromper o trânsito!

E Oriana seguiu, empurrada pela multidão. Depois perguntou a um vendedor de jornais:

– Diga-me, se faz favor. Sabe onde vive um moleiro que veio da floresta e que tem muitos filhos?

– Nesta cidade vive tanta, tanta gente! Como é que eu hei-de saber onde vive o moleiro? Deixe-me passar!

Então Oriana entrou numa loja de chapéus e a dona da loja veio ter com ela a correr.

Oriana perguntou:

– Conhece um moleiro que veio da floresta e que tem onze filhos?

– Não, não conheço. Mas tenho aqui um chapéu lindo que parece feito de propósito para si. Sente-se em frente do espelho e vai ver como fica bonita.

Mas Oriana lembrou-se do peixe e saiu da loja a correr.

Depois viu um homem que estava sentado numa esplanada a beber cerveja e perguntou-lhe:

– Conhece um moleiro que veio da floresta e que tem muitos filhos?

– Não conheço nenhum moleiro, mas quero conhecê-la a si, porque nunca aqui na cidade vi uma menina tão bonita.

Oriana tornou a lembrar-se dos elogios do peixe e fugiu, espavorida.

E assim foi perguntando pelo moleiro a muita gente, mas ninguém lhe dava resposta certa. Depois de ter percorrido muitas ruas cheias de lojas, de carros e de homens, foi ter a um bairro muito pobre, do outro lado da cidade. As ruas eram escuras e estreitas e sujas. Tão escuras, tão estreitas, tão sujas, que o

## A cidade

As ruas estavam cheias de gente e Oriana sentiu-se muito perdida, muito sozinha e muito tonta no meio de tantas casas, de tanto barulho, de tanta agitação.

Olhava para todos os lados, à procura de alguém que a pudesse ajudar. Mas só via desconhecidos, que passavam sem sequer a ver. Resolveu perguntar ao sinaleiro:

– Diga-me, se faz favor, senhor sinaleiro: conhece um moleiro que veio da floresta e que tem onze filhos?

– Nesta cidade há um milhão de pessoas e eu não conheço moleiros. Siga, siga, está a interromper o trânsito!

E Oriana seguiu, empurrada pela multidão. Depois perguntou a um vendedor de jornais.

– Diga-me, se faz favor. Sabe onde vive um moleiro que veio da floresta e que tem muitos filhos?

– Nesta cidade vive tanta, tanta gente! Como é que eu hei-de saber onde vive o moleiro? Deixe-me passar!

E assim foi perguntando pelo moleiro a muita gente, mas ninguém lhe dava resposta certa.

Depois de ter percorrido muitas ruas cheias de lojas, de carros e de homens, foi ter a um bairro muito pobre, do outro lado da cidade.

As ruas eram escuras e estreitas e sujas.

– Que sítio tão triste! – pensou Oriana.

E passou um gato.

– Olá, gato – disse Oriana. – Sabes onde é que mora um moleiro que veio da floresta e que tem onze filhos?

– Sei – disse o gato.

– Vem atrás de mim.

Sophia de Melo Breyner,  
A festa Oriana



sol, quando ali chegava, empalidecia.

– Que sítio tão triste! – pensou Oriana.

E passou um gato.

– Olá, gato – disse Oriana. – Sabes onde é que mora um moleiro que veio da floresta e que tem onze filhos?

– Sei – disse o gato. – Vem atrás de mim.

(...)

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Fada Oriana*, Figueirinhas, 19.ª ed., 1994, (excerto)

Texto no livro do autor

Não dói nada

– Dói-te?

O menino estendeu a perna: lá estava o joelho ferido, sobre o joelho o sangue a magoá-lo.

A mãe quase tinha os olhos vidrados de lágrimas.

– Dói-te?

E debruçava-se ansiosamente sobre o filho.

O menino olhou-a. Doía-lhe aquele joelho, era triste ver o sangue, até já a própria peúga estava ensanguentada. No joelho, na peúga, o sangue como pétalas de papoula, que aflição. Mas aqueles olhos vidrados, ansiosos da mãe puderam mais que a tristeza desse sangue derramado.

– Dói-te?

– Muito pouco.

– Mas diz, dói-te?

– Não tem importância...

Correra, correra. É bom correr! Por vezes, quando somos meninos, correr é voar. Não nos cansamos, isso é bom. É um cansaço bom. Como se nos apetecesse por instantes dormir.

E o menino voara. Fora cavalo, fora pássaro. Na corrida vira mil sóis. Ouvira mil sons da música do vento. Fora vento.

Saltara moitas, pedras e parecia que voava ao Sol como uma capa de Sol a esvoaçar. Capa ou asas?

Também poderia ter voado debaixo da chuva, mil cristais em fio a molharem-lhe as roupas, a tornarem escorregadio o chão.

– Dói-te?

Mas o menino já estava distraído. De perna estendida, continuava a correr.

Encontrava no ar libélulas, borboletas que continuavam voando em espirais do arco-íris. O próprio Sol voava. Azul, verde, vermelho, roxo... círculos de ouro com todas as cores.

Se parava um bocadinho, uma brisa fresca e meiga corria-lhe sobre o rosto suado.

Parava um bocadinho e tornava a correr mais. Talvez não parasse nunca, ele não tinha pensado nisso.

Mas, agora, como a brisa, a água fresca com que a mãe suavemente lhe

Texto no manual 4 – 3º ano, p. 30

Não dói nada

– Dói-te?

O menino estendeu a perna: lá estava o joelho ferido, sobre o joelho o sangue a magoá-lo.

A mãe quase tinha os olhos vidrados de lágrimas.

– Dói-te?

E debruçava-se ansiosamente sobre o filho.

O menino olhou-a. Doía-lhe aquele joelho, era triste ver o sangue, até já a própria peúga estava ensanguentada. No joelho, na peúga, o sangue como pétalas de papoula, que aflição. Mas aqueles olhos vidrados ansiosos da mãe puderam mais que a tristeza desse sangue derramado.

– Dói-te?

– Muito pouco.

– Mas diz, dói-te?

– Não tem importância...

E o sangue a correr do joelho. As mãos não se feriram, foram ao chão mas tinham ficado sobre um tufo de ervas. Ervas frescas e macias.

O joelho já estava lavado. A papoula de sangue lavada na água. Com água oxigenada também? A que tem muito daquele oxigénio que ele respira no ar?

E outra papoula, esta de mercurocromo de um vermelho baço, diferente, pega-se-lhe ao joelho.

A mãe põe um penso sobre a papoula, assim como um selo numa carta que vai para uma viagem.

Sorri. Sorriem ambos.

– Já não dói nada.



Martida Rosa Araújo.  
O gato claudrato

limpava o joelho.

– Dói-te?

Onde estava o menino? Correndo pelos campos adormecidos de flores.  
Tropeçando, tropeçando em quê? Numa pedra? Escorregando na areia

solta?

E o sangue a correr do joelho. As mãos não se feriram, foram ao chão mas tinham ficado sobre um tufo de ervas. Ervas frescas e macias.

– Dói-te?

– Nada...

O joelho já está bem lavado. A papoula de sangue lavada na água. Com água oxigenada também? A que tem muito daquele oxigénio que ele respira no ar? Já corre outra vez.

E outra papoula, esta de mercúrio-cromo, de um vermelho baço, diferente, pega-se-lhe ao joelho.

Já a peúga lhe saiu do pé. Pé? Asas? Outras peúgas calçadas.

– Mostra as mãos.

– Estão boas, caíram sobre um tufo de ervas...

E estende ambas as mãos, de palmas voltadas, para o rosto da mãe. Este já não está ansioso – sorri.

O vidrado dos olhos já tem a imobilidade da luz.

– Pronto...

A mãe sabe que o seu menino voou. Sabe como é bom voar quando se é menino, embora se deva ter cuidado.

Tratando-o, agora passado o susto, também voa com ele – o seu menino!

A mãe põe um penso sobre a "papoula": assim como um selo numa carta que vai para uma viagem. Ou que já fez a viagem e traz o carimbo.

Sorri. Sorriem ambos.

Os olhos do menino já não sonham. Olham os da mãe.

A ternura também tem asas. O Amor também tem asas. Voa. É um pássaro no ar. Ou um cavalo na terra, veloz como o vento. Mas repousado. Com a brisa fresca a mandar-nos parar, a afagar-nos a face.

E o menino, pelos tempos fora, não esqueceria aquela papoula com selo, aquele instante.

– Já não dói nada!

### Texto no livro do autor

(...)

A primeira vez que eu o vi foi ao entardecer. Era uma sombra redonda que saía dos tojos e, muito devagarinho, avançava em direcção aos meus sapatos.

Eu procurava estar o mais quieta possível, pois já sabia que, quando assim ficava, várias coisas iam estar mesmo a acontecer.

Quem sabe se estaria parecida com alguma árvore ou arbusto dali das redondezas?

Faz de conta que enquanto a misteriosa sombra se vai aproximando devagaríssimo dos meus sapatos, eu vou querer dizer muito depressa que tenho 9 anos e já conheço muitas terras. Mas onde gosto mais de estar é aqui no campo, a seis quilómetros da primeira aldeia. Este sítio onde por acaso não há fonte nenhuma especial, chama-se A Fonte dos Marmeleiros.

Pronto! Demorei-me um bocadinho a falar de mim e de mais coisas necessárias, e a tal sombra redonda que vinha a sair dos tojos veio mesmo esborrachar o nariz na biqueira do meu sapato direito!

Levantou logo os olhos, também muito redondos, e disse também logo: Olá!

Isto sem medo nenhum, como se o fim do seu caminho fosse tal e qual aquele, ao muro do meu sapato, e afinal até nem me achasse nada parecida com uma árvore ou um arbusto dali das redondezas.

Só naquele momento é que eu percebi que tinha acabado de fazer a sua apresentação e entrado directamente em cena um ouriço-cacheiro muito cómico.

Apeteceu-me pegar nele ao colo e levá-lo para casa. Mal o agarrei, dei um grito que assustou imensa passarada distraída.

- Bolas.. que tu picas! Porque não me avisaste?
- Ai pico? Ainda bem. É próprio... Se fosse aqui há uns dias atrás, não era capaz de picar.
- Porquê? Estavas doente?
- Não!!! Já estou a ver que não percebes nada de ouriços-cacheiros!

E, muito espevitado, subiu para uma pedrinha e começou a explicar:

– Nós, quando nascemos, temos uns espinhos muito fracos, muito moles. É próprio... Só depois, com a idade, é que eles vão endurecendo para nos

### Texto no manual 4 – 3º ano, p. 68

#### O ouriço-cacheiro



A primeira vez que eu o vi foi ao entardecer. Era uma sombra redonda que saía dos tojos e, muito devagarinho, avançava em direcção aos meus sapatos.

Eu procurava estar o mais quieta possível, pois já sabia que, quando assim ficava, várias coisas iam estar mesmo a acontecer.

Quem sabe se estaria parecida com alguma árvore ou arbusto dali das redondezas?

Demorei-me um bocadinho a falar de mim e de mais coisas necessárias e a tal sombra redonda que vinha a sair dos tojos veio mesmo esborrachar o nariz na biqueira do meu sapato direito!

Levantou logo os olhos, também muito redondos, e disse também logo: Olá!

Isto sem medo nenhum, como se o fim do seu caminho fosse tal e qual aquele, o muro do meu sapato, e afinal até nem me achasse nada parecida com uma árvore ou um arbusto dali das redondezas.

Só naquele momento é que eu percebi que tinha acabado de fazer a sua apresentação um ouriço-cacheiro muito cómico.

Apeteceu-me pegar nele ao colo e levá-lo para casa. Mal o agarrei, dei um grito que assustou imensa passarada distraída.

- Bolas... que tu picas! Por que não me avisaste?
- Ai pico? Ainda bem. É próprio... Se fosse aqui há uns dias atrás, não era capaz de picar.
- Porquê? Estavas doente?
- Não!! Já estou a ver que não percebes nada de ouriços-cacheiros! E, muito espevitado, subiu para uma pedrinha e começou a explicar:
- Nós, quando nascemos, temos uns espinhos muito fracos, muito moles. É próprio... Só depois, com a idade, é que eles vão endurecendo para nos proteger, percebeste?
- Com a idade...? Então és muito velho?
- Assim, assim. Tenho 20 dias.

Maria Alberta Manóias,  
O ouriço-cacheiro espreitou três vezes

proteger, percebeste?

- Com a idade...? Então **já** és muito velho?
- Assim, assim. Tenho 20 dias.

(...)

Maria Alberta Menéres, *O Ouriço-Cacheiro Espreitou 3 Vezes*, Edições ASA, 5.ª ed., 1990  
(excerto)

## A Menina Gotinha de Água

(...)

Depois

outros rios  
se vieram juntar  
tecendo os fios,  
os caminhos  
a caminho do Mar.

Até que um dia...  
um dia  
eia!

chegaram ao estuário  
do grande rio.

Eram  
agora  
milhões  
e milhões  
de gotinhas  
de água,  
a correr,

a brincar,  
a cantar  
a caminho  
do Mar.

E havia  
barcos  
no rio  
e homens  
a pescar  
e pontes,  
vilas

## O mar está perto!

Outros rios  
Se vieram juntar  
tecendo os fios,  
os caminhos  
a caminho do Mar.

Até que um dia...  
um dia  
eia!  
Chegaram ao estuário  
do grande rio.

E havia  
barcos  
no rio  
e homens  
a pescar  
e pontes,  
vilas  
e cidades  
debruçadas  
nas margens  
a vê-las passar.

Uma tarde,  
a menina  
Gotinha de Água  
estremeceu  
de amor.  
Uma gaivota  
roçou-lhe  
de leve  
com a sua asa.  
Era o Mar  
que estava perto!

A menina  
Gotinha de Água  
pôs-se a correr  
mais ligeira  
e disse  
às irmãszinhas:  
– Vamos, meninas,  
toca a andar  
que estamos  
a chegar  
à nossa casa  
no Mar!

Papiriano Carlos.  
A menina Gotinha de Água



e cidades  
debruçadas  
nas margens  
a vê-las passar.

Uma tarde,  
a menina  
Gotinha de Água  
estremeceu  
de amor.  
Uma gaivota  
roçou-lhe  
de leve  
com a sua asa.  
Era o Mar  
que estava perto!

O rio  
era cada vez  
maior,  
mais largo,  
mais fundo.  
E havia  
já grandes navios  
e uma grande cidade  
cheia de casas  
e de gente.

A menina  
Gotinha de Água  
pôs-se a correr  
mais ligeira  
e disse  
às irmãzinhas:  
– Vamos, meninas,  
toca a andar  
que estamos

a chegar  
à nossa casa  
no Mar!  
(...)

Papiniano Carlos, *A Menina Gotinha de Água*, Campo das Letras, 1.ª ed., 1999

### Texto no livro do autor

#### AS SEMENTES DO MACARRÃO

Esta é a história do João Pimpão, que vivia repimpado num sofá encarnado.

É também a história do João Espertalhão, que um dia lhe bateu à porta.

– Desculpe incomodá-lo, mas o senhor não me quer alugar a Quinta da Erva Brava?

– Está bem. Digo-te já o preço: metade da colheita para ti, metade para mim.

– Combinado. Mas que metade quer o senhor, a que cresce para cima da terra ou a que cresce para baixo?

– Para cima, está bem de ver! – escolheu o João Pimpão, que continuou repimpado, à espera que o João Espertalhão alugasse um tractor, cavasse, adubasse, semeasse, regasse e procedesse finalmente à colheita.

Quando esse dia chegou, o proprietário foi chamado dois criados, mandou atar a mula à carroça e seguir até à quinta, para carregar o que por acordo lhe pertencia.

– Que maravilha! – exclamou ao ver que nem um palmo ficara por cultivar. – Nunca tive melhor rendimento! – E esfregava as mãos de contentamento, pensando no dinheiro que havia de arrecadar.

– Que semeaste tu, meu anjinho? – perguntou ainda, roído de curiosidade.

– Pois não vê, senhor? São batatas...

Com uma sacholada pô-las a descoberto.

– Cenouras... – continuou, puxando de uma enorme cenoura muito corada, que a terra escondia.

– E cebolas. – acrescentou, arrancando uma, bem lustrosa, reboluda.

– Cultivas isso tudo debaixo do chão?

– Pois claro! Tanto as batatas como as cenouras como as cebolas são raízes, crescem debaixo da terra. Por isso, são minhas. O senhor fica com a rama.

João Pimpão corou, coçou a cabeça, arrepelou o bigode.

– Ficaste a ganhar, porque até aqui eu pouco entendia de agricultura... – condescendeu.

(...)

Luísa Ducla Soares, *O Dragão*, Livros Horizonte, 1982

### Texto no manual 4 – 3º ano, p. 126

#### A esperteza de um lavrador

Esta é a história do João Pimpão, que vivia repimpado num sofá encarnado. É também a história do João Espertalhão, que um dia lhe bateu à porta.

– Desculpe incomodá-lo, mas o senhor não me quer alugar a quinta da Erva Brava?

– Está bem. Digo-te já o preço: metade da colheita para ti, metade para mim.

– Combinado. Mas que metade quer o senhor, a que cresce para cima da terra ou a que cresce para baixo?

– Para cima, está bem de ver! – escolheu o João Pimpão, que continuou repimpado, à espera que o João Espertalhão alugasse o tractor, cavasse, adubasse, semeasse, regasse e procedesse finalmente à colheita.

Quando esse dia chegou, o proprietário foi à quinta, para carregar o que por acordo lhe pertencia.

– Que maravilha! – exclamou ao ver que nem um palmo ficara por cultivar. – Que semeaste tu?

– Pois não vê, senhor? São batatas...

Com uma sacholada pô-las a descoberto.

– Cenouras... – continuou, puxando de uma enorme cenoura muito corada, que a terra escondia.

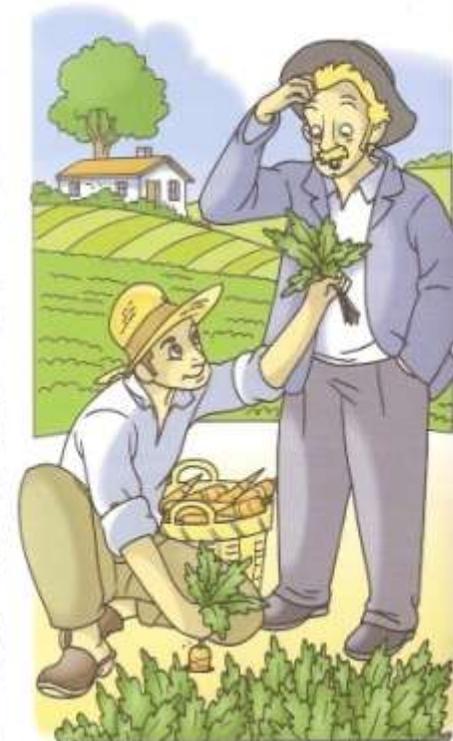
– E cebolas. – acrescentou, arrancando uma, bem reboluda.

– Cultivas isto tudo debaixo do chão?

– Pois claro! Tanto as batatas como as cenouras como as cebolas crescem debaixo da terra. Por isso, são minhas. O senhor fica com a rama.

João Pimpão corou, coçou a cabeça e arrepelou o bigode.

– Ficaste a ganhar – condescendeu.



Luísa Ducla Soares,  
*O Dragão* (adaptado)

## CORAÇÃO DE ROBÔ

Andava triste o robô “Zê Vírgula Quatro” por não ter ninguém com quem brincar. À noite, depois de ter feito todas as contas, cálculos e outras operações matemáticas e de ter transportado minérios raros de uns sítios para os outros, fechavam-no a sete chaves num armazém escuro onde tinha por companhia tubos de ensaio, provetas, porcas, parafusos, ecrãs e outros aparelhos esquisitos que ele nem sequer sabia para que serviam.

Na manhã seguinte davam-lhe instruções rigorosas sobre o que tinha que fazer. As suas tarefas eram sempre muito complicadas e ele não podia falhar.

Um dia, cansado de fazer sempre a mesma coisa e já farto de números, de equações e de cálculos difíceis, ficou ainda mais triste e sentiu que pela sua carapaça de lata escorriam gotas de água. Os técnicos analisaram as gotas durante alguns dias e, por fim, chegaram a uma conclusão: “São lágrimas!”. O robô “Zê Vírgula Quatro” estava a chorar e para os seus inventores e para os donos da fábrica onde ele trabalhava um robô que chora é um robô que não presta.

Imobilizado num canto do grande armazém onde costumavam guardá-lo à noite, “Zê Vírgula Quatro” ouviu a sentença final:

– Deixou de prestar. Temos que o vender como sucata!

“Zê Vírgula Quatro” sentiu o que nunca tinha sentido: dentro do peito feito de metal e de fios emaranhados havia agora um coração que batia a galope.

As crianças que viviam na vizinhança da fábrica souberam do sucedido, juntaram-se e pediram que, em vez de o deitarem para a sucata, o colocassem no meio do jardim onde costumavam brincar. O pedido foi atendido. Hoje, “Zê Vírgula Quatro”, rodeado por crianças e pássaros, já não chora e o seu coração sempre que bate é de alegria.

José Jorge Letria, *Histórias do Sono e do Sonho*, Desabrochar, 1990



Até os robôs choram... Só que as lágrimas inconstam muita gente!  
E, como sabes, chorar nem é sinal de fraqueza.

3

## Coração de robô



Andava triste o robô “Zê Vírgula Quatro” por não ter ninguém com quem brincar. À noite, depois de ter transportado minérios raros de uns sítios para os outros, fechavam-no a sete chaves num armazém escuro onde tinha por companhia ecrãs e outros aparelhos esquisitos que ele nem sequer sabia para que serviam.

Na manhã seguinte davam-lhe instruções rigorosas sobre o que tinha a fazer. As suas tarefas eram muito complicadas e ele não podia falhar.

Um dia, cansado, sentiu que pela sua carapaça de lata escorriam gotas de água. Os técnicos analisaram as gotas durante alguns dias e, por fim, chegaram a uma conclusão: “São lágrimas!”.

Para os donos da fábrica um robô que chora é um robô que não presta:

– Temos que o vender para a sucata!

As crianças que viviam na vizinhança souberam do sucedido, juntaram-se e pediram para o colocar no meio do jardim onde costumavam brincar. O pedido foi atendido.

Hoje, Zê Vírgula Quatro, rodeado por crianças e pássaros...

José Jorge Letria,  
*Histórias do Sono e do Sonho*, Ed. Desabrochar



### Compreendeste o texto?

- Porque é que o robô Zê Vírgula Quatro andava triste?
- Que tarefas imaginas que desempenhava o robô na fábrica?

- A que conclusão chegaram os técnicos depois de analisarem as gotas de água que escorriam pela carapaça do robô?
- Que pedido fizeram as crianças da vizinhança ao dono da fábrica?

CADEIRÃO DE TRABALHO, p. 14

## De quem é a bola?

O Manuel e o Francisco, acabada a escola, foram para casa fazer os trabalhos e, antes da hora de jantar, ainda com suficiente luz do dia, foram jogar à bola para a praceta **junto de suas casas**.

No meio da praceta ficava a vivenda do Sr. Bonifácio, que não gostava de futebol e ainda menos de crianças. **Por isso eles tinham sempre muito cuidado com as bolas altas. Porém,** o Francisco entusiasmou-se e, tendo-lhe saído o remate torto, atirou a bola para dentro do quintal do Sr. Bonifácio, **que estava a podar e a regar as rosas no canteiro à frente da casa.**

– Esta bola é vossa? – perguntou ele, **estendendo ameaçadoramente a mão direita com a bola bem à vista.**

– A bola estragou alguma coisa, Sr. Bonifácio? – quis saber, com a voz trémula de medo, o Manuel.

– Por acaso desta vez não, vocês tiveram sorte – respondeu o Sr. Bonifácio.

– Então... se não estragou nada – **respondeu** o Francisco – é porque é nossa.

Dizendo isto, agarrou a bola sofregamente. Se tivessem sido feitos estragos com o remate torto, certamente o Manuel e o Francisco haviam de ter arranjado outro dono para a bola.

José Jorge Letria, *Histórias de ir à bola*, Ambar, 2000



Uma bola que tanto pode ser "minha" como "de ninguém" ...  
Da habilidade do Francisco, perante o senhor Bonifácio de mau humor.

## De quem é a bola?

O Manuel e o Francisco, acabada a escola, foram para casa fazer os trabalhos e, antes da hora de jantar, ainda com suficiente luz do dia, foram jogar à bola para a praceta.

No meio da praceta ficava a vivenda do senhor Bonifácio, que não gostava de futebol e ainda menos de crianças. O Francisco entusiasmou-se e, tendo-lhe saído o remate torto, atirou a bola para dentro do quintal do senhor Bonifácio.

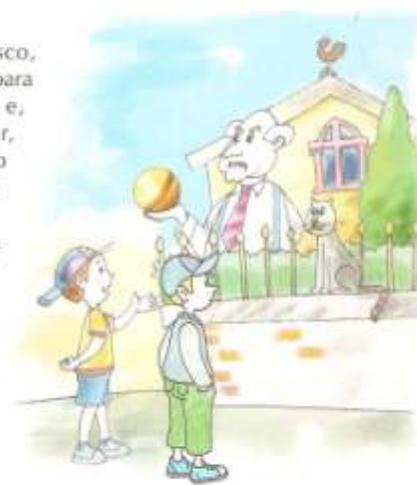
– Esta bola é vossa? – perguntou ele.

– A bola estragou alguma coisa, senhor Bonifácio? – quis saber, com a voz trémula de medo, o Manuel.

– Por acaso desta vez não, vocês tiveram sorte – respondeu o senhor Bonifácio.

– Então... se não estragou nada – continuou o Francisco – é porque é nossa.

Dizendo isto, agarrou a bola sofregamente. Se tivessem sido feitos estragos com o remate torto, certamente o Manuel e o Francisco haviam de ter arranjado outro dono para a bola...



José Jorge Letria,  
*Histórias de ir à bola*, Ed. Ambar

### Compreendeste o texto?

- Onde é que os dois meninos jogavam futebol?
- Que aconteceu à bola depois do Francisco ter feito um remate mais torto?

- O que te leva a pensar que o senhor Bonifácio metia medo aos dois amigos?
- Como é que o Francisco revelou saber lidar bem com situações difíceis?

LIBRO DE TRABALHO, p. 29

### Texto no livro do autor

Por momentos, o Pai Natal só conseguia ver papéis de embrulho amarfanhados e laços coloridos que muitos pés, grandes e pequenos, de botifarras, sapatos de tacaço, de atacadores e de pala, de pantufas e mesmo descalços, ou apenas com meias, calcavam sem reparar.

O Pai Natal estava na sua casa do Pólo Norte e seguia pela televisão a cerimónia do desembulhar das prendas em todas as casas do mundo.

– Que pena que isto me dá! – desabafou o Pai Natal, enquanto uma lagriminha, pequena como uma pérola de fantasia, lhe deslizava pela face vermelhusca e se lhe ia dependurar da barba comprida.

Com a mão espalmada, esmagou a lágrima importuna e disse:

– Ai que infeliz que eu sou! Ninguém me dá prendas ao Pai Natal!

Estava bem enganado. Ainda mal tinha acabado de soltar aquele queixume, quando se ouviu bater à porta: truz, truz, truz.

– Quem vem lá? – perguntou o Pai Natal.

– Sou eu, Pai Natal, a Menina do Capuchinho Vermelho.

O Pai Natal abriu a porta e a sua visita ofereceu-lhe uma bonita capa vermelha com capucho.

– Ah, ah, ah, ah! – riu o Pai Natal, muito feliz.

– Onde está a graça? – perguntou, com certa irritação na voz, a Menina do Capuchinho Vermelho.

– É que eu sou muito bem constituído e – respondeu o Pai Natal, que acrescentou: – Parece-me que esta capa não me vai servir. Mas o que importa é teres-te lembrado de mim.

Só para não desfeitear aquela menina simpática, o Pai Natal tentou embrulhar-se na capa. Mas esta mal lhe tapava os ombros, e não havia maneira de conseguir enfiar o capucho.

A Menina do Capuchinho Vermelho meneou a cabeça e disse:

– Pois olha, não era má ideia fazeres uma dieta. Podia ser a tua resolução para o Ano Novo. Que achas?

(...)

Ana Saldanha, *Ninguém dá prendas ao Pai Natal*, Campo das Letras, 1.ª ed., 1996

### Texto no manual 5 – 3º ano, p. 50



Todos nós gostamos de receber prendas... Até o Pai Natal!  
Isso significa que somos importantes para alguém...

#### A prenda do Pai Natal



O Pai Natal estava na sua casa do Pólo Norte a seguir pela televisão a cerimónia do desembulhar das prendas em todo o mundo.

– Que pena que isto me dá! – desabafou o Pai Natal. – Ai que infeliz que sou! Ninguém me dá prendas!

Ainda mal tinha acabado de soltar aquele queixume quando se ouviu bater à porta.

– Quem vem lá? – perguntou o Pai Natal.

– Sou eu, a Menina do Capuchinho Vermelho.

O Pai Natal abriu a porta e ela ofereceu-lhe uma bonita capa vermelha com capucho.

– Ah! Ah! Ah! Ah! – riu o Pai Natal, muito feliz.

– Onde está a graça? – perguntou a menina.

– Eu sou bem constituído e esta capa não me vai servir... Mas o que importa é teres-te lembrado de mim.

A menina abanou a cabeça e disse:

– Não era má ideia fazeres uma dieta. Podia ser o teu objectivo para o novo ano... Queres tentar?

Ana Saldanha,  
*Manual 5º Ano (3º ano) - Pai Natal, III - Campo das Letras*

CADEIRO DE TRABALHO 5.º ANO 17 e 18

**O casamento do Pargo**

Fui à praça, muito cedo,  
 Para comprar um peixinho,  
 Pensei assá-lo no forno,  
 Com batatas e com vinho,  
 Carapaus, salmão e truta?  
 Fanecas e peixe-espada?  
 Vi preços e vi frescura  
 Mas nenhum me agradava,  
 Por fim, agarrei um Pargo,  
 Mas dei um grito de horror  
 Pois ele implorou-me assim:  
 – Larga-me já, por favor!  
 Para o forno não quero ir,  
 Estou noivo e vou casar...  
 Pega em mim muito depressa  
 E volta a pôr-me no mar.  
 Para o livrar de morte certa  
 Fui ligeira, sem parar,  
 Despediu-se agradecido  
 E afastou-se a nadar.

**Lá se foi o meu assado  
 Para o Pargo ficar casado**

Tive notícias fresquinhas  
 Dia 2 do mês passado,  
 Vive feliz, é papá,  
 Já tem um cardume e tanto!  
 Abençoada a manhã  
 Em que o fui deitar ao mar,  
 A correr, sem hesitar  
 E esqueci o meu assado.



Uma história linda no tempo em que os animais falavam...  
 e os homens entendiam a palavra amor!

**O casamento do pargo**

Fui à praça, muito cedo,  
 Para comprar um peixinho.  
 Pensei assá-lo no forno.  
 Carapaus, salmão ou truta?  
 Fanecas ou peixe-espada?  
 Vi preços e vi frescura  
 Mas nenhum me agradava.  
 Por fim, agarrei um pargo,  
 Mas dei um grito de horror  
 Pois ele implorou-me assim:  
 – Larga-me já, por favor!  
 Para o forno não quero ir,  
 Estou noivo e vou casar...  
 Pega em mim muito depressa.  
 E volta a pôr-me no mar.  
 Fui ligeira, sem parar.  
 Despediu-se agradecido  
 E afastou-se a nadar.

Tive notícias fresquinhas  
 Dia 2 do mês passado.  
 Vive feliz, é papá,  
 Já tem um cardume e tanto!  
 Abençoada a manhã  
 Em que o fui deitar ao mar.

Isabel Lamas,  
*O Pai Natal Quer Ser Poeta*, Ed. Impala



**Compreendeste o texto?**

- Com que objectivo foi a poetisa à praça?
- Que peixe comprou?
- Que pedido lhe fez esse peixe?

- Quais foram as últimas notícias do pargo?
- Quantos versos tem o poema?
- Escreve, numa folha, um pequeno poema com outras personagens, onde valorizes a liberdade e a bondade.

## O MENINO-PINTOR E O RETRATO DO VENTO

(...)

– Ó vento, isto é coisa que se faça? Não podias estar quieto para me deixares pintar?...

E o vento respondeu, num grande uivo:

– Escuta, escuta... Eu deixo-te pintar, mas só com uma condição!...

– Qual é? – perguntou o menino, parando ofegante, e segurando a folha, que conseguira apanhar outra vez.

– É fazeres o meu retrato! – gritou o vento.

– Isso não sei! – exclamou o menino.

– Ai não sabes?... Fizeste o retrato do moinho, o retrato do burro, e do monte, e até do céu, com as nuvens... Só o meu retrato é que não sabes fazer?... Pois garanto-te que não te deixo estar um minuto sossegado enquanto não pintares o meu retrato, e que fique bem parecido!...

E o vento tornou a uivar com toda a fúria.

O menino disse com os seus botões:

«Ai ele é isso? Pois vamos ver!...»

E pegando em quatro pedras que apanhou do chão, pôs uma a cada canto do papel para o fixar, e sentou-se outra vez diante da mó, disposto a continuar a pintura.

O vento veio e, como não teve força para levantar o papel, preso debaixo das pedras – zás!, não esteve com cerimónias, foi-se à boina do menino-pintor, arrancou-lha da cabeça, e aí vai a boina levada por ares e ventos, e o menino atrás a correr. . .

– Ora isto! Quando é que eu acabo o quadro?... – lamentava-se o menino.

– Querias-me enganar, hem?... Faz-me o retrato, faz-me o retrato, que eu deixo-te acabar o quadro sossegado... – tornou o vento.

E o menino não teve outro remédio: sentou-se e começou a querer fazer o retrato do vento...

«Como é? – perguntava o menino a si mesmo. – Eu fazia-lhe o retrato, a ver se depois ele me deixava em paz... Mas como é o vento? De que feitio?...» – o menino pensava, pensava... – «Ora, não sei!... Eu não vejo o vento, e só sei pintar o que vejo... Desisto!» – E o menino tentou mais uma vez recomeçar a sua



Para se pintar uma coisa não é necessário vê-la. Basta senti-la...  
E foi assim que o menino-pintor conseguiu "ver" o vento!

14

## Um segredo



– Ó Vento, isto é coisa que se faça? Não podias estar quieto para me deixares pintar?

E o Vento respondeu, num grande uivo:

– Escuta, escuta... Eu deixo-te pintar, mas só com uma condição. É fazeres o meu retrato!

– Ó Vento, como queres que te pinte, se não tens forma nem cor? Como queres que te pinte, se não te vejo?

– Não me vês... – murmurou o Vento. – Então como sabes que eu existo?...

E, de repente, o menino percebeu o que o Vento queria e deu um pulo de contente:

– É isso, Vento, é isso! Não te vejo, mas sei que tu existes, pelas coisas que tu fazes! Aí está, assim é que eu sei que tu existes!...

– Vês, vês? – disse o Vento, rindo. – Vês que é fácil o que eu quero?

– Ó Vento – tornou o menino-pintor, radiante –, que lindo retrato que te vou fazer! Há-de ser um quadro grande, todo dividido em quadradinhos; num vêem-se a girar moinhos, noutro vêem-se bailar as folhas, noutro andar os barcos à vela, e noutro o drapejar a roupa na corda... E o quadro vai chamar-se "O Vento" e é o teu retrato.

Estes de Lemos,  
O Balaço Cor de Laranja, Ed. Verbo



### Compreendeste o texto?

- Que partida pregou o Vento ao menino-pintor?
- Que pretendia o Vento?

- Como é que o menino entendeu o que ele queria?
- Que motivos vai desenhar o menino para retratar o Vento?

LEGENDA DE TRABALHO, p. 82

pintura, a paisagem do moinho, sem querer saber do vento. Mas o vento enfureceu-se ao ver aquele desprezo. E, enchendo-se de força, assoprou a paleta de tal maneira que a levantou ao ar com todas as tintas e a levou de roldão pelo céu fora.

– Acudam! Acudam! Minha rica paleta! – gritava o menino correndo pelo monte abaixo. E toda a sua aflição era que a paleta fosse dar lá ao fundo, ao ribeiro do sopé do monte... Porque, se as aguarelas caíssem na água, desfaziavam-se todas.

A paleta voava, arrastada pelo vento que, de maldade, a levava já direita ao rio para a afundar... E o menino chorava de aflição:

– Minhas lindas cores, que fico sem elas!

E foi então que aconteceu uma coisa maravilhosa: Antes que a paleta tocasse na água, começaram a desprender-se da tábua umas figurinhas de meninas que desciam no ar, leves, leves como plumas – uma vermelha, uma azul, uma verde, uma amarela, uma roxa, uma lilás, uma cor-de-rosa, uma castanha... E ainda uma preta, e mais uma branca... Eram as cores que se escapavam da paleta, para fugir à morte certa na água do ribeiro. E assim que tocavam no chão, as meninas-cores deitavam a correr ligeirinhas e rodeavam o menino-pintor, rindo, rindo, encantadas com a partida que tinham pregado ao vento. O menino ria com elas. E mais contentes ficaram todos quando viram a tábua da paleta, empurrada pelo vento, ir cair na água.

– Livraram-se de boa! – disse o menino, correndo a apanhar a paleta, antes que o rio a levasse. – O melhor agora é irmos já depressa para casa, antes que o vento nos pregue mais alguma peça!

– E então a tua pintura? Não a acabas? Nós estamos às tuas ordens... – disseram as meninas-cores.

– O vento não deixa... Quer que lhe faça o retrato e não me dá sossego!

– Pois faz-lhe o retrato que nós ajudamos!

– Eu fazia... Mas o vento não se vê... Quem pode pintá-lo? De que feitio é? Que cor tem?

– Ora – disse a Menina-Azul, muito espertinha. – Claro que é azul, porque anda no céu, e é feito de ar, e o céu é azul!

– Não senhor – gritou a Menina-Verde. – O vento é verde, porque é do mar que ele sopra e toma a cor do mar!...

– Verde o vento? Que tolice! O vento é cor de oiro, amarelo como o Sol que está no céu perto dele, amarelo como as searas maduras que faz ondear! –

contradisse a Menina-Amarelo.

– Qual quê!... O encarnado é a cor da força, a cor da vida... E o vento é força, o vento é encarnado, escusam de se ralar! – berrava a Menina-Encarnado, já rubra de zanga.

E todas as cores discutiam e zaragateavam, porque cada uma queria que o vento fosse como ela... O menino-pintor tapava os ouvidos, fazia «psiu», mas elas não se calavam, e já começavam a arrepelar-se e a beliscar-se, de maneira que se aquilo continuasse ficavam todas as cores misturadas e confundidas. Diante de tanta algazarra, o menino acabou por se zangar e gritou com autoridade:

– Já para a paleta! Imediatamente! E sem mais barulho! – E as cores, muito envergonhadas e humildes, obedeceram: perderam a forma de meninas, e ficaram outra vez em forma de pastilha, quietas e caladas no sítio da paleta que lhes competia.

Então o menino pegou na paleta, no pincel e na pintura começada, e dispôs-se a voltar para casa muito desconsolado por não ter conseguido pintar o que queria.

– Este vento, este vento... Que ideia, querer que eu lhe fizesse o retrato... – e ia andando pelo caminho fora, muito pensativo, quando sentiu uma araganzinha na cara: era o vento que voltava, com pezinhos de lã e mãos de veludo, muito manso...

– Então já te vais embora? Não acabas a tua paisagem do moinho?

– Bem sabes que não posso. Não me deixavas quieto...

– Porque tu não quiseste fazer o meu retrato!

Então, já cansado daquela teima, o menino parou no caminho e disse ao vento:

– Ó vento, como queres que te pinte, se não tens forma nem cor? Como queres que te pinte, se não te vejo?...

– Não me vê... – Murmurou o vento. – Não me vê... Então como sabes que eu existo?...

E, de repente, o menino percebeu o que o vento queria e deu um pulo de contente:

– É isso, vento, é isso! Não te vejo, mas sei que tu existes, pelas coisas que tu fazes! Vejo girar os braços do moinho, vergarem-se as árvores, incharem-se as velas dos barcos, andar num badanal a roupa a secar, desmancharem-se os cabelos das pessoas, voar a palha das eiras e cair a flor da oliveira... Aí está,

assim é que eu sei que tu existes!...

– Vês, vês? – disse o vento, rindo. – Vês que era fácil o que eu queria?

– Ó vento – tornou o menino-pintor, radiante –, que lindo retrato que te vou fazer! Há-de ser um quadro grande, todo dividido em quadradinhos, e num vêm-se a girar os moinhos, e noutro vêm-se bailar as folhas, e noutro andar os barcos à vela, e noutro o drapejar a roupa na corda... E o quadro grande chama-se «O Vento» e é o teu retrato!

– E nós ajudamos! – disseram as meninas-cores levantando as cabecinhas da paleta.

– Sim, sim, mas só quando eu mandar, e uma por cada vez... – respondeu o menino-pintor.

E o menino e o vento continuaram pelo caminho fora, correndo e rindo.

Esther de Lemos, *O balão cor de laranja e outras histórias*, Editorial Verbo, 1982

Texto no livro do autor

(...)

Quem ensinava na escola era a D<sup>a</sup> Maria, uma senhora um pouco gorda, que de ano para ano foi ficando mais idosa, lentamente, quase sem ninguém notar.

Foram muitos os anos, mais de trinta, em que a D<sup>a</sup> Maria ensinou naquela escola. Uma escola velhinha, onde todas as carteiras eram remendadas.

Mas um dia, a senhora, já de cabelos brancos como a neve, anunciou com voz fraca:

– No próximo ano, já não serei a professora desta escola... Estou cansada, estou velha... O Estado deu-me a reforma...

E assim foi. Com uma lágrima, com muitas lágrimas, a D<sup>a</sup> Maria despediu-se daquela casa velha, com pouca luz, onde ensinara meninos durante mais de trinta anos.

Alguns desses meninos cresceram e já estão casados e com filhos.

A D<sup>a</sup> Maria costumava dizer, quando os seus alunos lhe iam mostrar um bebé agarrado à chupeta:

– Ai, estou velha!...

– Não diga isso D<sup>a</sup> Maria!

Mas ela bem sabia que lhe diziam aquelas palavras para serem amáveis. Sentia-se envelhecer.

Foi a D<sup>a</sup> Maria para sua casa. Toda a gente dizia que era difícil haver uma professora tão amiga dos alunos e perguntavam:

– Como será a nova professora? Como será ela?...

Mas ninguém sabia explicar.

Foi num domingo à tarde. Era o primeiro dia de Setembro.

As pessoas reuniam-se no Largo da aldeia, sentadas nas pedras que por lá havia espalhadas. As mulheres remendavam roupas, os homens fumavam e falavam do tempo e das colheitas. As crianças jogavam à macaca, ao rou-rou:

Rou-rou  
galinha choca

já cordou

quantos ovos ela pôs

como o diabo levou!

um... dois... três... – E contavam até vinte.

Enquanto um dizia “rou-rou”, os outros meninos escondiam-se.

Texto no manual 1 – 4º ano, pp. 10, 11



Quem ensinava na escola era a D. Maria, uma senhora um pouco gorda, que de ano para ano foi ficando mais idosa, lentamente, quase sem ninguém notar.

Foram muitos os anos, mais de trinta, em que a D. Maria ensinou naquela escola. Uma escola velhinha, onde todas as carteiras eram remendadas.

Mas um dia, a senhora, já de cabelos brancos como a neve, anunciou com voz fraca:

– No próximo ano, já não serei a professora desta escola... Estou cansada, estou velha... O Estado deu-me a reforma...

E assim foi. Com uma lágrima, com muitas lágrimas, a D. Maria despediu-se daquela casa velha, com pouca luz, onde ensinara meninos durante mais de trinta anos.

Alguns desses meninos cresceram e já estão casados e com filhos.

Foi a D. Maria para sua casa. Toda a gente dizia que era difícil haver uma professora tão amiga dos alunos e perguntavam:

– Como será a nova professora? Como será ela?

Mas ninguém sabia explicar.

Foi num domingo à tarde. Era o primeiro dia de Setembro.

As pessoas reuniam-se no largo da aldeia, sentadas nas pedras que por lá havia espalhadas. As mulheres remendavam roupas, os homens falavam do tempo e das colheitas. As crianças jogavam à macaca.

Estavam bastante animados quando apareceu um carro de aluguer.

Dentro do carro, além do senhor Zé – o motorista – vinha um senhor que ninguém conheceu. Tinha barbas compridas e usava óculos.

Evidentemente que a conversa acabou, as pessoas ficaram caladas, tentando reconhecer aquele sujeito que ajudava o senhor Zé a tirar as malas.

Com as malas na mão, o senhor passou as mãos pelas barbas e dirigiu-se ao grupo ali reunido:

– Boa-tarde. É aqui a Aldeia das Flores, não é verdade?

...dezanove... vinte!... Rou-rou, já VOUUUUUU!

Só o senhor Jerónimo, o marido da D<sup>a</sup> Maria, fumava cachimbo e lia o jornal, muito atento.

Quando era notícia importante lia-a em voz alta, vagarosamente, para que todos pudessem perceber.

Naquela tarde de Setembro, o senhor Jerónimo disse:

– Ouçam, ouçam! Escutem o que vem aqui, no jornal:

**A VILA TEM MAIS UMA FÁBRICA  
ABRE BREVEMENTE.**

– A Vila?

– Sim, respondeu o senhor Jerónimo, ora escutem, escutem! – E leu: "A Vila tem mais uma fábrica.

Pouco tempo falta para a Vila acordar com mais uma chaminé a deitar fumo.

O senhor Presidente da Câmara da Vila disse ao nosso jornal:

– "Queremos que a Vila seja cada vez mais uma terra de progresso, uma terra civilizada, para o bem de todos nós."

O senhor Presidente pensa que a fábrica abre muito em breve. Afirmou:

– "Só faltam os esgotos. Mas amanhã mesmo começar-se-á a abertura duma rota que levará esses esgotos para o rio das Flores, junto à aldeia das Flores".

– Mas isso é formidável! A Vila fica bem pertinho da nossa aldeia!

– Que engraçado! O jornal fala do nosso rio...

E outros comentários as pessoas fizeram, uns, na esperança de arranjar trabalho, outros, por gostarem de ver o nome da Vila, da aldeia das Flores e do rio, naquele jornal de muitas notícias.

Estavam bastante animados quando, no Largo da aldeia, apareceu um carro de aluguer.

Dentro do carro, além do senhor Zé – o motorista – vinha um senhor que ninguém conheceu. Tinha barbas compridas e usava óculos.

Evidentemente que a conversa acabou, as pessoas ficaram caladas, tentando reconhecer aquele sujeito que tinha saído do carro e ajudava o senhor Zé a tirar as malas.

Viram-no pagar. Certamente deu uma gorjeta, porque o senhor Zé começou a rir, agradeceu muito, meteu-se no carro, acelerou e em breves

1



– É, sim. – Adiantou-se o senhor Jerónimo.  
– Bem, é que eu sou o novo professor da escola desta terra... Todos, mas todos ao mesmo tempo, deram um salto.  
– Sou sim. Chamo-me Miranda, professor Miranda.

António Mota, *A Aldeia das Flores*, Edições Asa (texto com supressões)

Procura no dicionário...  
... as palavras sublinhadas e outras que não conheças.

Já posso responder...

1. A professora D. Maria era \_\_\_\_\_
2. Retira do texto a frase que descreve a despedida da professora.  
\_\_\_\_\_
3. O que faziam as pessoas reunidas no largo da aldeia? \_\_\_\_\_
4. O que terá levado os habitantes da aldeia a ficarem surpresos com o novo professor? \_\_\_\_\_
5. Transcreve do texto a expressão com o mesmo significado de "chegou um táxi".  
\_\_\_\_\_
6. Dá um título ao texto. \_\_\_\_\_

Vou praticar...

gramática

• Faz a translineação.

boa-tarde	_____ ou _____	terra	_____
senhora	_____ ou _____	brancos	_____

No meu caderno...

Descreve o teu professor, fazendo o seu retrato físico e psicológico.  
(Consulta o: Como escrever...)



11

instantes desapareceu.

Com as malas na mão, e eram muitas, o senhor passou as mãos pelas barbas e dirigiu-se ao grupo ali reunido:

- Boa-tarde. É aqui a aldeia das Flores, não é verdade?
  - É sim. – Adiantou-se o senhor Jerónimo.
  - Bem, é que eu sou o novo professor da escola desta terra...
- Todos, mas todos ao mesmo tempo, deram um salto.
- Sou sim. Chamo-me Miranda, professor Miranda.

(...)

António Mota, *A aldeia das flores*, Edições Asa, 8.ª ed., 2003

### Texto no livro do autor

E Ulisses, existiu? E Homero, existiu? E o Sol, existe? E a Lua, existe? E o mar, existe?

Há muitos milhares de anos, um poeta grego, Homero, contou-nos no seu livro *Odisseia* a história de Ulisses que andava no mar, gostava do Sol, desejava a Lua.

É esta história que eu vos vou contar. Quem conta, é bem certo que acrescenta um ponto. Oh, mas quando eu conto, são tantos os pontos sempre a acrescentar, que mesmo com esforço não conseguiria nunca tais pontos... bem, todos os pontos contar!

Ulisses vivia numa ilha grega que se chamava Ítaca, muito feliz com sua mulher Penélope e seu filho ainda muito pequenino, Telémaco. (...)

Ulisses era o rei dessa pequena ilha, mas não um rei de coroa e manto, muito solene. Tão depressa se divertia a amansar um cavalo, como ia à caça com os amigos, ou conversava com o povo. Todos o amavam. Para ele não havia terra no mundo igual a Ítaca. Ele dizia: «Ítaca é agreste mas criadora de moços vigorosos, e para mim não há terra que tanto me encante os olhos.»

Ele próprio era, na realidade, um moço vigoroso e valente, sempre desejoso de correr mundo, de viver as mais inesperadas aventuras. Quando estava junto da família, na Ítaca linda de intenso azul de céu azul e calma de mar calmo, só pensava em ir ao encontro do desconhecido; mas quando se via em plena aventura, só desejava voltar para casa, para junto dos seus, onde sabia haver serenidade e encanto.

Ora um dia aconteceu que Páris, príncipe troiano, raptou a lindíssima rainha grega Helena e a levou para Tróia. Isto fez com que troianos e gregos se envolvessem em violenta guerra. Ulisses, como bom grego e valente, tinha de ir para a guerra também.

tinha de ir cercar Tróia. (...)

Mas ficou muito aborrecido com tal coisa, porque não gostava nada destas confusões, e o que o entusiasmava era

o mar

### Texto no manual 1 – 4º ano, pp. 46, 47



- Observa a imagem.
- Imagina o que vai acontecer nesta história.

### O cavalo de Tróia

Ulisses vivia numa ilha grega que se chamava Ítaca. (...)

Ora um dia aconteceu que Páris, príncipe Troiano, raptou a lindíssima rainha grega Helena e a levou para Tróia. Isto fez com que troianos e gregos se envolvessem em violenta guerra. Ulisses, como bom grego e valente, tinha de ir para a guerra. (...)

Nos seus barcos os gregos embarcaram para Tróia pensando que iam ter uma vitória fácil. Mas quê!? Seria uma luta que havia de durar dez anos. A certa altura já ninguém sabia suportar a saudade e o esforço de manter um cercos durante tanto tempo.

Então Ulisses, que todos diziam ser o mais manhoso dos homens, pensou, pensou e teve uma ideia: construir um enorme, um gigantesco cavalo de pau (...) e dentro do bojo se esconderem alguns homens. Ulisses imaginou que os gregos deviam fingir que se iam embora e deixar às portas de Tróia o monumental cavalo sozinho... em ar de homenagem!

Depois de o construírem, assim fizeram.

Os troianos viram aqueles preparativos de partida com imensa surpresa, sem perceberem nada do que estava a acontecer. Mas, como sabiam que os gregos não eram cobardes, ficaram desconfiados e atentos.

Passaram dois dias, três dias, quatro dias e os troianos convenceram-se então que os gregos tinham partido de verdade. (...) Abriam muito devagarinho as portas da muralha, e qual não foi o seu espanto quando viram ali mesmo, parado, imponente, brilhando ao Sol, um cavalo de pau! Dentro dele estava escondido Ulisses e alguns dos seus companheiros. Junto de uma das patas traseiras havia uma porta que se abria por dentro.

- Queima-se! - disseram uns.

- Destrói-se com os machados! - gritaram outros.

- Não! É um cavalo muito bonito, vamos oferecê-lo aos nossos deuses em agradecimento pela vitória.

- Isso mesmo, isso mesmo! - gritaram todos.



só o mar

o mar

o só mar.

E então, em vez de ir buscar a arma como era seu dever, fingiu que estava doido, ele, o rei daquela ilha, que tinha endoidecido de repente, e foi para o campo lavar o campo...

Quando as pessoas viram aquilo ficaram tristes: Ulisses tinha perdido o seu bom juízo!

Logo uns amigos dele disseram:

– Isto é manha! Todos nós sabemos que ele não gosta lá muito de guerras! Deve estar a fingir. Não esqueçam que Ulisses é manhoso!

E resolveram ver se descobriam se ele estava mesmo doido ou não. Foram buscar o seu filho pequenino, Telémaco, puseram-no no meio do campo exactamente no caminho que Ulisses tinha de lavar com a charrua com que andava. Ulisses bem viu a manobra, e pensou:

– Que quererão eles com isto? Mau!...

O que é certo é que ao chegar ao lugar onde estava o filho deitado no chão sorrindo para o ar, Ulisses viu que se continuasse a lavar normalmente como até aí, teria de ferir ou até talvez matar o menino com o bico aguçado da charrua – e então olhou disfarçadamente para todos os lados... Como não visse ninguém, fez um desvio de maneira a não tocar no pequenino. Logo imediatamente de trás de umas árvores saltaram os seus amigos a gritar:

– Vêem? Vêem como ele não está nada doido? Se estivesse doido não se importava com o filho, nem se o podia ferir, e nem sequer o reconheceria...

Ulisses começou a rir e disse:

– Bom, vamos lá embora! Eu vou convosco, pronto, mas olhem que preferia mil vezes ir viajar por terras e mares desconhecidos, do que ir combater contra esses troianos...

E lá foi. Nos seus barcos os gregos embarcaram para Tróia pensando alegremente que iam ter uma vitória fácil e em breve regressariam ao lar. Mas quê!? Seria esta uma luta que havia de durar dez anos. Dez anos sem os gregos verem a pátria, a família. A certa altura já ninguém sabia suportar a saudade, o esforço de manter um cerco durante tanto tempo. Aquilo não podia continuar assim!

Então Ulisses, que todos diziam ser o mais manhoso dos homens,

Ulisses e os companheiros respiraram aliviados.

Então os troianos arrastaram o cavalo para dentro das muralhas da cidade e colocaram-no na praça principal. Nessa mesma noite começaram os festejos.

Um dia, dois dias, três dias se passaram. Estavam já todos caídos pelos cantos, cansados, sem defesa, plenamente confiantes na vitória.

Já sobre a madrugada, Ulisses abriu devagarinho a tal porta, espreitou e, não vendo ninguém de guarda, saltou para o chão e o mesmo fizeram os seus companheiros. Abriram as portas da cidade de Tróia por onde entraram os soldados gregos que entretanto tinham voltado para trás.

Libertaram Helena e Ulisses ficou a ser conhecido como "O destruidor de Tróia".

Maria Alberta Mendres, *Ulisses*, Edições ASA  
(texto adaptado e com supressões)

Procura no dicionário...

... as palavras sublinhadas e outras que não conheças.

Já posso responder... oralmente

1. O que fez com que Ulisses fosse para a guerra?
2. Mostra que os gregos não aguentavam continuar mais tempo à volta da cidade de Tróia.
3. Qual foi a ideia de Ulisses?
4. Quais foram as reacções dos troianos perante tão belo cavalo?
5. Como conseguiram os gregos entrar na cidade, ganhar a guerra e libertar Helena?

Vou praticar...

gramática

• Relaciona.

antónimo

palavra

sinónimo

paz

vitória

corajoso

cobarde

guerra

triumfo

derrota

valente

luta

No meu caderno...

Orienta-te pelas perguntas do "Já posso responder" ... e faz o resumo do texto. (Consulta o: **Como escrever...**)

pensou, pensou e teve uma ideia: construir um enorme, um gigantesco cavalo de pau (...), assente num estrado com rodas para se poder deslocar, e dentro do bojo, ou seja, da barriga desse cavalo, se esconderem alguns homens.

Mas para que seria este cavalo? Ulisses imaginou que os gregos deviam fingir que se iam todos embora dali e deixar às portas de Tróia o monumental cavalo sozinho... em ar de homenagem!

Depois de o construírem, assim fizeram. E levantaram as suas tendas de dez anos, cavalos verdadeiros, tudo. A pouco e pouco foram-se retirando e desapareceram ao longe nas colinas, na distância.

Os troianos viram aqueles preparativos de partida com imensa surpresa e sem perceberem nada do que estava a acontecer. Viram os gregos, depois de dez anos, a ir embora e a largar as suas portas. Mas, como sabiam que eles não eram cobardes, ficaram desconfiados e atentos.

Passaram dois dias,

três dias,

quatro dias

e os troianos convenceram-se então que os gregos tinham partido de verdade e não voltavam mais. (...) Abriam muito devagarinho as portas da muralha, e qual não foi o seu espanto quando viram ali mesmo, parado, imponente, brilhando ao sol, um cavalo de pau! Dentro deste cavalo estava escondido Ulisses e alguns dos seus companheiros, muito quietinhos. Junto de uma das patas traseiras do cavalo havia uma porta que se abria por dentro. Os troianos ficaram pasmados a olhar para o cavalo.

– Queima-se! – disseram uns.

E os gregos lá dentro, ao ouvir isto, ficaram apavorados.

– Destrói-se com os machados! – gritaram outros. E eles lá dentro...

Até que alguém se lembrou: – Não! É um cavalo muito bonito, e vamos oferecê-lo aos nossos deuses em agradecimento pela vitória que nos concederam, pois não há dúvida que os gregos desistiram de nos vencer depois de tantos anos e nos ofereceram este cavalo em ar de homenagem!

– Isso mesmo, isso mesmo! – gritaram todos.

E lá dentro do cavalo, Ulisses e os companheiros respiraram aliviados.

Eu não sei se vocês sabem que tanto os Gregos como os Troianos não adoravam um só deus – adoravam muitos deuses, e por isso dizemos que eles eram politeístas.

Então os troianos arrastaram o cavalo para dentro das muralhas da cidade e colocaram-no na praça principal.

Nessa mesma noite começaram os festejos em honra dos deuses.

Beberam, comeram, ofereceram sacrifícios...

Beberam, comeram, dançaram...

Um dia,

dois dias,

três dias se passaram. Estavam já todos caídos pelos cantos, cansados, sem defesa, plenamente confiantes na vitória.

E de repente... já sobre a madrugada, quando tudo subitamente como que por encanto serenou, Ulisses abriu devagarinho a tal porta cortada junto da perna do cavalo, espreitou e, não vendo ninguém de guarda, saltou para o chão e o mesmo fizeram os seus companheiros que estavam ali com ele dentro do bojo do cavalo. Abriram as portas da cidade de Tróia por onde entraram e entretanto os soldados gregos que ao sinal de súbito silêncio tinham voltado para trás, e em grandes colunas

através das colinas se haviam aproximado da cidade, sem tendas, sem cavalos, só com as armas na mão, entraram dentro de Tróia!

Só lhes digo: foi a destruição completa desta cidade. Dizem que não ficou pedra sobre pedra...

Os gregos libertaram Helena, a rainha grega de beleza célebre, e Ulisses ficou a ser conhecido como «O destruidor de Tróia», pois graças à sua astúcia é que foi possível tal vitória.

(...)

Maria Alberta Menéres, *Ulisses*, Edições Asa, 30.ª edição, 2005 (excerto)

### Texto no livro do autor

(...)

O ribeiro fazia uma curva e depois mergulhava numa pequena cascata de pedras, antes de **se** alargar e formar um lago, mesmo em frente da casa. O chão era de areia e **de** pequenas pedras, que se chamam seixos, **e** a água era transparente e ótima para beber.

As pessoas que moravam naquele lugar e na aldeia próxima bebiam daquela água, cozinhavam com ela e pescavam no rio e por isso todos tinham muito cuidado para não sujar o rio, **não** deitando lixo ou outras coisas lá para dentro. As pessoas sabiam que a água é a coisa mais preciosa da vida e que um rio que corre limpo é um milagre da natureza que não pode ser estragado.

Aí, nesse pequeno lago que o ribeiro formava, o rapaz aprendera a nadar ainda muito pequeno e passava lá todos os dias de Verão a tomar banho. Debaixo de água nadava com os olhos abertos e por isso conhecia já quase todo o fundo do rio, desde as pedras mais bonitas até às **várias** espécies de peixes que desciam pela cascata e atravessavam o lago, continuando pelo rio abaixo em direcção ao mar, **muito longe dali. (...) Havia também dois ou três peixes que não estavam de passagem e moravam nas margens do pequeno lago, entre esconderijos de pedras, cobertos por ramos de árvores que mergulhavam sobre as águas e escondiam os seus buracos. Às vezes o rapaz ia espreitá-los nas suas casas e, quando não os via lá, sabia que os peixes tinham ido nadar ao longo do rio, à procura de comida.**

Quando ficava com frio de tanto tomar banho, o rapaz vinha estender-se num pequeno espaço de areia muito grossa que havia na margem do ribeiro e ficava a aquecer-se ao **sol**. Nas noites de Verão, antes de ir para a cama, vinha também muitas vezes sentar-se ali, para se refrescar com a brisa fresca que vinha do rio, ou então deitava-se de costas na areia e ficava a olhar para as estrelas do céu, que brilhavam como se estivessem todas em festa.

(...)

Miguel Sousa Tavares, *O Segredo do Rio*, Oficina do Livro, 7.ª tiragem, 2006

### Texto no manual 1 – 4º ano, p. 78



ANO NOVO

Escreve nos espaços abaixo palavras da área vocabular de lago.

## O lago

O ribeiro fazia uma curva e depois mergulhava numa pequena cascata de pedras, antes de alargar e formar um lago, mesmo em frente da casa. O chão era de areia e de pequenas pedras, que se chamam seixos, a água era transparente e ótima para beber.

As pessoas que moravam naquele lugar e na aldeia próxima bebiam daquela água, cozinhavam com ela e pescavam no rio e por isso todos tinham muito cuidado para não sujar o rio, não deitando lixo ou outras coisas lá para dentro. As pessoas sabiam que a água é a coisa mais preciosa da vida e que um rio que corre limpo é um milagre da natureza que não pode ser estragado.

Aí, nesse pequeno lago que o ribeiro formava, o rapaz aprendera a nadar ainda muito pequeno e passava lá todos os dias de Verão a tomar banho. Debaixo de água nadava com os olhos abertos e por isso conhecia já quase todo o fundo do rio, desde as pedras mais bonitas até às mais variadas espécies de peixes que desciam pela cascata e atravessavam o lago, continuando pelo rio abaixo em direcção ao mar muito longe dali. [...]

Quando ficava com frio de tanto tomar banho, o rapaz vinha estender-se num pequeno espaço de areia muito grossa que havia na margem do ribeiro e ficava a aquecer-se ao Sol. Nas noites de Verão, antes de ir para a cama, vinha também muitas vezes sentar-se ali, para se refrescar com a brisa fresca que vinha do rio, ou então deitava-se de costas na areia e ficava a olhar para as estrelas do céu, que brilhavam como se estivessem todas em festa.

Miguel Sousa Tavares, *O Segredo do Rio*, Oficina do Livro (texto adaptado)

78

## O Galo da Tia Luciana

(...)

Mas houve um ano, vestido de neve e embrulhado de frio, que não estendeu a mão da sorte à velha Luciana. Dos ovos que aconchegara debaixo do corpo quente da galinha, só um estalou. E nasceu um pinto.

A velha ficou triste e desiludida por esse ano não poder ir à feira, como sempre fizera, vender uma ninhada de frangos gordos. E não se interessou por aquele pinto solitário, que, além de não ter culpa do sucedido, não piava nem tinha pêlos nem penas. Era um pinto mudo e careca.

E a mãe-galinha recusou-se a abrir as asas para o abrigar do vento e da chuva, e de tudo o que o amedrontasse. Nem o chamava para que corresse e apanhar os bichos que encontrava na estrumeira quando esgaravatava com suas patas de unhas duras, sujas e aguçadas.

Por todos abandonado, o pinto mudo e careca governou-se sozinho. Começou por se sustentar com as migalhas que ia catando no chão da cozinha. Um dia arranjou coragem e saiu à rua para procurar os bichos suculentos que engolia com rapidez. No entanto era um trabalho arriscado, tinha de estar sempre atento, pronto a fugir. Se surgisse galo ou galinha, era certo e sabido que logo corria para o picar severamente, obrigando-o a desandar a grande velocidade, cheio de dores.

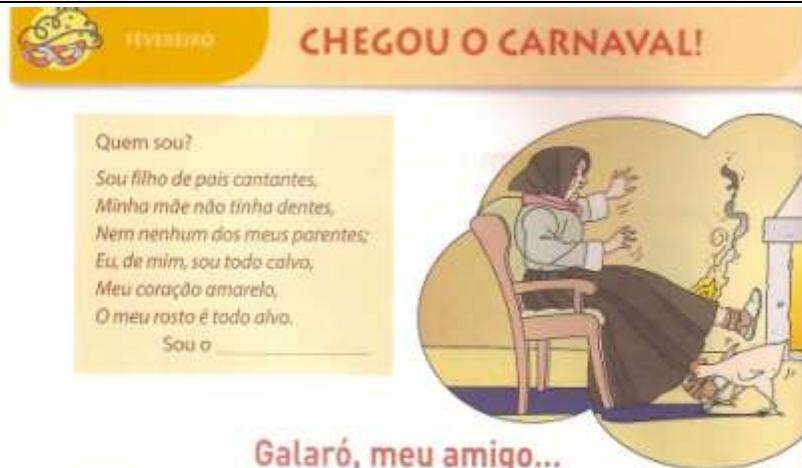
Apesar desse viver sobressaltado, o pinto foi crescendo.

É evidente que não tinha boa apresentação. Era, como está bem de ver, um monte de ossos cobertos de pele sem pêlos.

«Ou, ou! Franganote mais reles nunca vi! E mudo que nem a pá do forno, ou, ou!», admirava-se a velha Luciana. E às vezes, por descargo de consciência, atirava-lhe um punhado de milho ou uma mão de couves, velhas e ressequidas.

E talvez o frango continuasse magro, mudo e careca se não ocorressem os casos maravilhosos que passo a relatar.

Numa tarde de Março, dia de frio intenso que punha mãos e pés enregelados, a velha Luciana fez uma grande fogueira com ramos secos e paus de giesta que havia a um canto da cozinha. Disposta a aquecer-se, sentou-se na preguiçeira colocada em frente da lareira.



### Galaró, meu amigo...

Houve um ano, vestido de neve e embrulhado de frio, que não estendeu a mão da sorte à tia Luciana. Dos ovos, que aconchegara debaixo do corpo quente da galinha, só um estalou. E nasceu um pinto.

Não se interessou por aquele pinto solitário, que, além de não ter culpa do sucedido, não piava nem tinha pêlos nem penas. Era um pinto mudo e careca. E a mãe-galinha recusou-se a abrir as asas para o abrigar do vento e da chuva, e de tudo o que o amedrontasse.

Por todos abandonado, o pinto mudo e careca governou-se sozinho. Começou por se sustentar com as migalhas que ia catando no chão da cozinha. Apesar desse viver sobressaltado, o pinto foi crescendo.

É evidente que não tinha boa apresentação. Era, como está bom de ver, um monte de ossos coberto de pele sem pêlos.

Numa tarde de Março, dia de frio intenso que punha mãos e pés enregelados, a velha Luciana fez uma grande fogueira com ramos secos e paus de giesta que havia a um canto da cozinha. Disposta a aquecer-se, sentou-se na preguiçeira colocada em frente à lareira. Com o calor das labaredas a aquecer-lhe o corpo, e sem preocupações a afligi-la, depressa adormeceu.

Aquele sono profundo não deixou que ela visse uma pequena brasa saltar da lareira para cima de uma prega da saia preta, comprida.

Nesse instante o frango entrou na cozinha, cheio de precauções, à procura de migalhas. Quando viu o fogo a consumir a saia da dona, saltou para a lareira sem medo e desatou a bicar as pernas magras da velha Luciana, que acordou sobressaltada. Cheia de susto, tratou de apagar com as próprias mãos as chamas devoradoras.

A tia Luciana pegou no frango mudo e careca, que a olhava insistentemente, pô-lo no seu colo, e com as mãos enrugadas afagou-lhe o corpo liso, dizendo vezes sem conta:

«Galaró, meu amigo... Galaró, meu amigo...»

Com o calor das labaredas a aquecer-lhe o corpo, e sem preocupações a afligi-la, depressa adormeceu. Daí a nada ressonava baixinho, quem sabe se sonhando com as brincadeiras do tempo de criança?

Aquele sono profundo não deixou que ela visse uma pequena brasa saltar da lareira para cima de uma prega da saia preta, comprida. Nem reparou que o pano da saia logo fumegou, começando depois a arder.

Nesse instante o frango entrou na cozinha, cheio de precauções, à procura de migalhas. Quando viu o fogo a consumir a saia da dona, saltou sem medo para a lareira e desatou a bicar com toda a força as pernas magras da velha Luciana. Que acordou sobressaltada. E cheia de susto, tratou de apagar com as próprias mãos as chamas devoradoras.

Daí a pouco, já com outra saia vestida, a Tia Luciana pegou no frango mudo e careca, que a olhava insistentemente, pô-lo no seu colo, e com as mãos enrugadas afagou-lhe o corpo liso, dizendo vezes sem conta:

«Galaró, meu amigo... Galaró, meu amigo...»

E o frango arrepiava-se todo.

Quando a velha o colocou no chão, viu e ouviu o que nunca tinha visto ou ouvido: o frango ergueu uma asa, levantou uma pata, endireitou o pescoço, pôs-se muito apumado e, subitamente, cantou...

Totatituuuu!

E esse dia foi o começo de uma profunda amizade entre o frango e a dona.

(...)

António Mota, "O Galo da Tia Luciana", In *De que são feitos os sonhos*, Areal Editores, 1.ª ed. e 1.ª tiragem, s.d. (excerto)

Quando a velha o colocou no chão, viu e ouviu o que nunca tinha visto ou ouvido: o frango ergueu uma asa, levantou uma pata, endireitou o pescoço, pôs-se muito apumado e, subitamente, cantou... Totatituuuu!  
E esse dia foi o começo de uma profunda amizade...

António Mota, *De que são feitos os sonhos*, Areal Editores (texto adaptado e com supressões)

Procura no dicionário...

... as palavras sublinhadas e outras que não conheças.

Já posso responder...

1. Sabes como a galinha choca o ovo? Procura a resposta no primeiro parágrafo.
2. Como cresceu o pinto?
3. A velha Luciana adormeceu com o calor da lareira. O que aconteceu depois?
4. Estes acontecimentos fizeram com que o Galaró se sentisse outro. Porquê?

Vou praticar...

gramática

• Transforma esta frase: *Era um pinto mudo e careca.*

a) numa frase na forma negativa:

b) numa frase do tipo interrogativo:

• Sublinha o radical das palavras e descobre a palavra primitiva.

sobressaltado

bicar

enrugados

No meu caderno...

"E esse foi o começo de uma profunda amizade..."

Imagina outras aventuras entre o Galaró e a velha Luciana.

## A memória de Giz

(...)

Havia um rapaz tão atrevido e mandrião que a mãe dele não parava de lamentar-se pelos desgostos que ele lhe dava. Faltava à escola sempre que podia, e usava uma fiska para matar pardais; também atirava com ela pedradas à água do regedor, que se punha aos coices, à porta da taberna, onde estava presa. O vendeiro saía de lá, com a camisola branca manchada de vinho, e dizia:

– Hei-de caçar-te, malandro!

Mas, o regedor, esse não dizia nada. Parecia ficar indiferente. Depois chamava o pai do rapaz e falava com ele, sem levantar a voz. O rapaz era castigado, mas voltava sempre ao mesmo. O padre ameaçava-o com o Inferno, e ele parecia ouvi-lo com atenção. Remexia com o dedo grande do pé a areia do chão e mantinha-se calado. Na doutrina comportava-se muito mal e punha-se a gritar: «Padre nosso, rilha o osso; rilha-o tu, que eu já não posso!» A menina Esteva, que dava catequese, não sabia o que fazer com ele.

– Giz – dizia Esteva –, não mereces a sorte que tens. Comes três vezes por dia e se andas descalço é porque queres. A tua mãe corre atrás de ti com os sapatos na mão e tu foges-lhe como um desgraçado. Gostava de saber quem te faz mal para seres assim tão mau. Pareces doido.

Giz não respondia e até parecia não ouvir nada. Começavam a pensar que ele era surdo; mas outras vezes Giz dava mostras de ter uma orelha fina como uma rata. Percebia até o ruído que fazem as lagartixas a entrar e sair dos buracos dos muros. O nome dele era Gisbergo, mas toda a gente o conhecia por Giz. Era um alívio para todos não ter de lhe chamar Gisbergo. A memória de Giz fazia o espanto das pessoas. – Este rapaz, – dizia o professor – mede a memória aos canecos, mas isso não lhe aproveita para nada.

A respeito de figura, ele tinha muita sorte, como dizia a menina Esteva. Era bonito, ainda que tivesse uma grande boca e dentes separados. Tinha também muita força e carregava um cesto vindimo cheio até às bordas de uvas pretas, como se fosse já um homem. Giz dizia que as uvas pretas pesam mais do que as uvas brancas. Quem se punha a troçar do que ele dizia apanhava uma chapada logo. Como ninguém da idade dele era capaz de carregar um cesto cheio, fosse



• Descobre as cinco diferenças.



## Memória aos canecos...

Havia um rapaz tão atrevido e mandrião que a mãe dele não parava de lamentar-se pelos desgostos que ele lhe dava. Faltava à escola sempre que podia e usava uma fiska para matar pardais; também atirava com ela pedradas à água do regedor, que se punha aos coices à porta da venda, onde estava presa. O vendeiro saía de lá e dizia: Hei-de caçar-te, malandro!

Mas, o regedor chamava o pai do rapaz e falava com ele. O rapaz era castigado, mas voltava sempre ao mesmo.

A memória de Giz fazia o espanto das pessoas. – Este rapaz, vende a memória aos canecos, mas isso não lhe aproveita nada – dizia o professor.

Tinha também muita força e carregava um cesto vindimo cheio até às bordas de uvas pretas, como se fosse já um homem. Ninguém o obrigava ao trabalho de um homem, por ele ser ainda muito pequeno. Mas sabiam que Giz era capaz de ser muito útil quando queria.

Um dia estava Giz deitado debaixo de uma oliveira e pôs-se a contar as azeitonas verdes... «Faltam seis, ontem eram quinhentas e vinte e uma, e hoje há só quinhentas e quinze.»... e adormeceu... Então chegou perto dele um homem pequenino e com uma barba, que o acordou:

– Diz-me cá: que dia é hoje?

– É dia de S. Sandálio – respondeu.

– Tens uma memória espantosa: Eu esqueço-me de tudo. Nunca sei o que fiz ontem. Isso traz-me complicações. Preciso de um criado como tu!

– Essa é boa! – disse Giz admirado. – E que quer que eu faça?

– Nada de especial. Só um contrato. Vende-me a memória aos canecos...

– O quê? – disse o Giz desconfiado.

– Que me alugues a tua memória por cinco anos.

– Que me dá por isso?

– Tudo! Montes e montanhas. Sorvetes e charangas, motores e capacetes, relógios e camisolas...

Agustina Bessa-Luis, A Memória de Giz, Contexto e Imagem

Procura no dicionário...

... as palavras sublinhadas e outras que não conheças.

de uvas pretas ou brancas, também ninguém podia provar nada. Giz dizia, quando admiravam a força dele, que havia um ajudante invisível que lhe dava uma mão naquilo de carregar os cestos. Mas a verdade é que raramente Giz trabalhava. O mais certo era deixar no chão a mochila de palha onde pousavam os carregos e que se segurava à testa por meio duma tira de estopa ou até de couro. Punha-se a ver passar a fila dos trabalhadores que corriam aos saltos para aliviar o peso. O sumo das uvas pingava nas camisas, e eles pareciam cobertos de sangue escuro. Não podiam falar, de tão cansados que andavam. Um ou outro tinha ainda forças para dizer a Giz:

– Então esse teu ajudante? Vejo que é tão podre e vadio como tu.

– Hoje é dia de S. Hilarião, e ele não trabalha no dia de S. Hilarião – respondia Giz. Outra vez dizia que era dia de S. Gorgônio. Ninguém o obrigava ao trabalho dum homem, por ele ser ainda muito pequeno. Mas sabiam que Giz era capaz de ser muito útil quando queria.

– É tolo quem despreza o trabalho do menino – disse o feitor. Tinha boas palavras para Giz e, como não lhe pagava, tirava sempre lucro do que ele fazia.

Um dia estava Giz deitado debaixo duma oliveira e pôs-se a contar as azeitonas verdes. «Faltam seis!» – pensou ele. «Ontem eram quinhentas e vinte e uma, e hoje há só quinhentas e quinze.» Este assunto pesou um bocado na cabeça de Giz, e ele adormeceu. Então chegou perto dele um homem pequenino, com uma barba, que ele passava por detrás das orelhas, para que não o incomodasse. Fez-lhe cócegas nos pés e Giz acordou.

– Não te atrapalhes – disse o homem. – A melhor maneira de uma pessoa acordar é fazer-lhe cócegas nos pés. Diz-me cá: que dia é hoje?

Giz pensou um bocado.

– É dia de S. Sandálio – respondeu. Estava-se no mês de Setembro e ele, como sempre, tinha acertado.

– Tens uma memória espantosa. Eu esqueço-me de tudo. Nunca sei o que fiz ontem. Isso traz-me complicações.

Giz achou que o homem era bastante tolo, mas não o interrompeu. Também não tinha lá muito que dizer. Com o fino ouvido pôs-se a ver se percebia o canto da carriça que voava rente aos muros para fazer o ninho. – Lá memória tenho eu. Posso até medir a memória aos canecos.

O homem disse: – Preciso dum criado como tu.

– Não quero ser criado. Nem me parece que você precise de criados. Quem é pobre não tem vícios. E acho que é muito pobre – disse Giz, à sua maneira descarada.

– Então tu achas que eu sou pobre? É verdade. Não tenho memória nenhuma, e isso é pobreza. Não te enganas. Mas tenho com que pagar-te. Olha aqui. – Tirou dum saquinho verde moedas de prata que Giz nunca tinha visto, e elas brilhavam como a água quando é agitada. – É dinheiro de valor. Não é como esse papel que por aí anda sujo e amarrotado.

Giz estava impressionado e olhou melhor para o homem. Estava certo de que nunca o tinha visto. Era limpo e tinha as mãos brancas e sem calos. As unhas estavam cortadas com uma tesoura, e não rotas pelo trabalho. O que quer que ele fizesse para ganhar a vida não era muito custoso. Mas ser criado dele não lhe parecia muito agradável. Havia pobres que tinham criados – lembrava-se agora. O cego Agostinho trazia com ele um moço que o ajudava a subir e a descer dos comboios. O cego Agostinho vendia jornais dentro dos comboios, e todos lhe davam mais do que o preço devido. Giz levantou-se e ficou ao lado do homem. Era mais alto do que ele um bom meio palmo.

– Tenho a escola ainda por meio ano. Não posso empregar-me antes disso.

O homem riu-se: – Eu preciso só da tua memória, não é de ti. Alugo a tua memória e ela serve-me durante cinco anos. A vida que levas não me interessa.

– Quer dizer que eu posso dar-lhe a minha memória como se fosse um pião? Ou uma bola, ou um lápis?

– Eu pago-te por ela tudo o que tu quiseres.

– Quem é o senhor? – disse Giz, com mais respeito.

– Sou uma pessoa que lida com o passado. Escrevo as coisas que aconteceram. Mas para isso preciso de memória. Eu sei tudo, eu vi tudo; mas esqueci-me. Um dia acordei de manhã e não me lembrava de nada. Não sabia onde deixara as meias nem onde era a cozinha. Abri o armário dos livros para procurar o pão; e não reconheci a minha irmã Sofia quando ela me deu os bons-dias. Disse-lhe assim: «Suma-se, sua atrevida. Onde arranjou esse penteado como uma vassoura de milho painço?»

– Essa é boa! – disse Giz, embasbacado. – E que quer que eu faça?

– Nada de especial. Só um contrato. Vende-me a memória aos canecos.

– O que é um contrato?

– Um acordo, está bem de ver. Eu escrevo numa folha de couve tenra, com um espinho de limoeiro, as palavras necessárias.

– O quê? – disse o Giz, desconfiado.

– Que me alugas a tua memória por cinco anos.

– Que me dá por isso?

– Tudo.

– Tudo, o quê?

– Montes e montanhas. Sorvetes e charangas. Motores e capacetes.  
Relógios e camisolas.

(...)

Agustina Bessa Luís, *A Memória de Giz*, Contexto Editora, 1994 (excerto)

## OS BISCOITOS DA AVÓ GENEVEVA

Ninguém fazia biscoitos tão doces, tão saborosos e tão bonitos como a avó Geneveva que, ainda por cima, sabia contar histórias em que entravam príncipes, piratas, duendes e fadas.

A avó fez os biscoitos como os netos pediram.

Pareciam mesmo os bicharocos. As avós são assim...

À chegada do Outono, com as aulas quase a começarem, os cinco netos da avó Geneveva viam cair as folhas amareladas de um velho plátano que havia no quintal e assistiram à partida dos bandos de pássaros e de patos para as terras mais quentes do sul.

– Eu sou capaz – gabou-se a avó Geneveva, num dia cinzento de Setembro – de dar aos meus biscoitos a forma de todos os bichos de que vocês gostam, mesmo dos mais fantásticos.

– Se calhar não és! – duvidou o neto mais velho da avó Geneveva.

– Ah, não sou?! – exclamou ela. – Então digam-me lá os que querem e eu esta noite já os tenho prontos.

Eles ficaram uns instantes a pensar, lembrando-se de todas as fotografias e desenhos que tinham visto nos compêndios de Zoologia e História Natural, e começaram a pedir:

– Eu quero um crocodilo!

– E eu, um dinossauro!

– Eu, um elefante!

– E eu, um golfinho!

– E eu, um leão!

A avó Geneveva escreveu com letra miudinha os nomes dos animais num pequeno caderno quadriculado que costumava trazer no bolso do avental para fazer as contas do talho e da mercearia e, quando começou a anoitecer, chamou os netos e mostrou-lhes a obra acabada. Os bichos eram tão perfeitos que até pareciam verdadeiros. A Joana quase jurava que tinha ouvido o leão a rugir, o Miguel que ouvira o elefante a urrar e o André que tinha sido salpicado pelo golfinho ao mergulhar. A avó Geneveva sorriu e não chegou a explicar-lhes se tudo aquilo fora ou não imaginação deles. Era essa a sua parte no jogo.

## Unidade I

### Oralidade

Conta aos teus colegas algo sobre a tua avó que muito te agrada...

### Os biscoitos da avó

A avó fez os biscoitos como os netos pediram.

Pareciam mesmo os bicharocos. As avós são assim...

À chegada do Outono, com as aulas quase a começarem, os cinco netos da avó Geneveva viam cair as folhas amareladas de um velho plátano que havia no quintal e assistiram à partida dos bandos de pássaros e de patos para as terras mais quentes do Sul.

– Eu sou capaz – gabou-se a avó Geneveva, num dia cinzento de Setembro – de dar aos meus biscoitos a forma de todos os bichos de que vocês gostam, mesmo dos mais fantásticos.

– Se calhar não és! – duvidou o neto mais velho da avó Geneveva.

– Ah, não sou?! – exclamou ela. – Então digam-me lá os que querem e eu esta noite já os tenho prontos.

Eles ficaram uns instantes a pensar, lembrando-se de todas as fotografias e desenhos que tinham visto nos compêndios de Zoologia e História Natural, e começaram a pedir:

– Eu quero um crocodilo!

– E eu, um dinossauro!

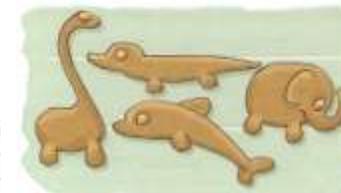
– Eu, um elefante!

– E eu, um golfinho!

– E eu, um leão!

A avó Geneveva escreveu com letra miudinha os nomes dos animais num pequeno caderno quadriculado que costumava trazer no bolso do avental para fazer as contas do talho e da mercearia e, quando começou a anoitecer, chamou os netos e mostrou-lhes a obra acabada.

Os bichos eram tão perfeitos que até pareciam verdadeiros. Joana quase jurava que tinha ouvido o leão a rugir, o Miguel que ouvira o elefante a urrar e o André que tinha sido salpicado pelo golfinho ao mergulhar. A avó Geneveva sorriu e não chegou a explicar-lhes se tudo aquilo fora ou não imaginação deles. Era essa a sua parte no jogo.



## Não dói nada

– Dói-te?

O menino estendeu a perna: lá estava o joelho ferido, sobre o joelho, o sangue a magoá-lo.

A mãe quase tinha os olhos vidrados de lágrimas.

– Dói-te?

E debruçava-se ansiosamente sobre o filho.

O menino olhou-a. Doía-lhe aquele joelho, era triste ver o sangue, até já a própria peúga estava ensanguentada. No joelho, na peúga, o sangue como pétalas de papoula, que aflição. Mas aqueles olhos vidrados, ansiosos da mãe puderam mais que a tristeza desse sangue derramado.

– Dói-te?

– Muito pouco.

– Mas diz, dói-te?

– Não tem importância...

Correra, correra. É bom correr! Por vezes, quando somos meninos, correr é voar. Não nos cansamos, isso é bom. É um cansaço bom. Como se nos apetecesse por instantes dormir.

E o menino voara. Fora cavalo, fora pássaro. Na corrida vira mil sóis. Ouvira mil sons da música do vento. Fora vento.

Saltara moitas, pedras e parecia que voava ao Sol como uma capa de Sol a esvoaçar. Capa ou asas?

Também poderia ter voado debaixo da chuva, mil cristais em fio a molharem-lhe as roupas, a tornarem escorregadio o chão.

– Dói-te?

Mas o menino já estava distraído. De perna estendida, continuava a correr.

Encontrava no ar libélulas, borboletas que continuavam voando em espirais do arco-íris. O próprio Sol voava. Azul, verde, vermelho, roxo... círculos de oiro com todas as cores.

Se parava um bocadinho, uma brisa fresca e meiga corria-lhe sobre o rosto suado.

Parava um bocadinho e tornava a correr mais. Talvez não parasse nunca, ele não tinha pensado nisso.

## Unidade 2



### Oralidade

Quando e como foi a última vez que te magoaste?

### Não dói nada

– Dói-te?

O menino estendeu a perna: lá estava o joelho ferido; sobre o joelho, o sangue a magoá-lo.

A mãe quase tinha os olhos vidrados de lágrimas:

– Dói-te?

E debruçava-se ansiosamente sobre o filho.

O menino olhou-a. Doía-lhe aquele joelho, era triste ver o sangue... até já a própria peúga estava ensanguentada. No joelho, na peúga, as gotas de sangue pareciam pétalas de papoula, que aflição. Mas aqueles olhos vidrados, ansiosos da mãe puderam mais que a tristeza desse sangue derramado.

– Dói-te?

– Muito pouco.

– Mas diz, dói-te?

– Não tem importância...

E o sangue a correr do joelho. As mãos não se feriram: foram ao chão mas tinham ficado sobre um tufo de ervas.

O joelho já está lavado. A papoula de sangue foi lavada na água. Com água oxigenada também? A que tem muito daquele oxigénio que ele respira no ar? Já corre outra vez.

E outra papoula, esta de mercurocromo, de vermelho baço, diferente, pega-se-lhe ao joelho.

A mãe põe um penso sobre a "papoula", assim como um selo numa carta que vai para uma viagem. Ou que faz a viagem e traz carimbo.

Sorri. Sorriem ambos.

Já não dói nada!



Mas, agora, como a brisa, a água fresca com que a mãe suavemente lhe limpava o joelho.

– Dói-te?

Onde estava o menino? Correndo pelos campos adormecidos de flores.

Tropeçando, tropeçando em quê? Numa pedra? Escorregando na areia solta?

E o sangue a correr do joelho. As mãos não se feriram, foram ao chão mas tinham ficado sobre um tufo de ervas. Ervas frescas e macias.

– Dói-te?

– Nada...

O joelho já está bem lavado. A papoula de sangue foi lavada na água. Com água oxigenada também? A que tem muito daquele oxigénio que ele respira no ar? Já corre outra vez.

E outra papoula, esta de mercúrio-cromo, de um vermelho baço, diferente, pega-se-lhe ao joelho.

Já a peúga lhe saiu do pé. Pé? Asas? Outras peúgas calçadas.

– Mostra as mãos.

– Estão boas, caíram sobre um tufo de ervas...

E estende ambas as mãos, de palmas voltadas, para o rosto da mãe. Este já não está ansioso – sorri.

O vidrado dos olhos já tem a imobilidade da luz.

– Pronto...

A mãe sabe que o seu menino voou. Sabe como é bom voar quando se é menino, embora se deva ter cuidado.

Tratando-o, agora passado o susto, também voa com ele – o seu menino!

A mãe põe um penso sobre a "papoula"; assim como um selo numa carta que vai para uma viagem. Ou que já fez a viagem e traz o carimbo.

Sorri. Sorriem ambos.

Os olhos do menino já não sonham. Olham os da mãe.

A ternura também tem asas. O Amor também tem asas. Voa. É um pássaro no ar. Ou um cavalo na terra, veloz como o vento. Mas repousado. Com a brisa fresca a mandar-nos parar, a afagar-nos a face.

E o menino, pelos tempos fora, não esqueceria aquela papoula com selo, aquele instante.

– Já não dói nada!

### Texto no livro do autor

(...)

Quando a Primavera chegou, vestida de luz, de cores e de alegria, **olorosa** de perfumes **sutis**, desabrochando as flores e vestindo as árvores de roupagens verdes, o Gato Malhado estirou os braços e abriu os olhos pardos, olhos feios e maus. **Feios e maus, na opinião geral. Aliás, diziam que não apenas os olhos do Gato Malhado refletiam maldade, e sim, todo o corpanzil forte e ágil, de riscas amarelas e negras. Tratava-se de um gato de meia-idade, já distante da primeira juventude, quando amara correr por entre as árvores, vagabundear nos telhados, miando à Lua Cheia canções de amor, certamente picarescas e debochadas. Ninguém podia imaginá-lo entoando canções românticas, sentimentais.**

Naquelas redondezas, não existia criatura mais egoísta e solitária. Não mantinha relações de amizade com os vizinhos e quase nunca respondia aos raros cumprimentos que, por medo e não por gentileza, alguns passantes lhe dirigiam. Resmungava de mau humor e voltava a fechar os olhos como se lhe desagradasse todo o espetáculo em redor.

**Era, no entanto, um belo espetáculo, a vida em torno, agitada ou mansa. Botões nasciam perfumados e desabrochavam em flores radiosas, pássaros voavam entre trinados alegres, pombos arrulhavam amor, ninhadas de pintos recém-nascidos seguiam o cacarejar de orgulhosa galinha, o grande Pato Negro fazia a corte à linda Pata Branca, banhando-a na água clara do lago. Folgazões, os cachorros divertiam-se saltando sobre a grama.**

**Do Gato Malhado ninguém se aproximava. As flores fechavam-se se ele vinha em sua direção: dizem que certa vez derrubara, com uma patada, um tímido lírio branco pelo qual se haviam enamorado todas as rosas. Não apresentavam provas mas quem punha em dúvida a ruindade do gatarraz? Os pássaros ganhavam altura ao voar nas imediações do esconso onde ele dormia. Murmuravam inclusive ter sido o Gato Malhado o malvado que roubara o pequeno Sabiá, do seu ninho de ramos. Mamãe Sabiá, ao não encontrar o filho para o qual trazia alimento, suicidou-se enfiando o peito no espinho de um mandacaru. Um enterro triste e naquele dia muitas pragas foram pronunciadas em intenção do Gato Malhado. Provas não existiam, mas que outro teria sido? Bastava olhar a cara do bichano para localizar o assassino. Bicho feio aquele.**

**Os pombos iam amar longe dele: havia quase certeza de que fora ele**

### Texto no manual 2 – 4º ano, p. 94

## Unidade 6

Portugal na Europa e no Mundo



### Oralidade

Diz o que é para ti a amizade e o que significa ter um amigo.

### A chegada da Primavera

Quando a Primavera chegou, vestida de luz, de cores e de alegria, cheia de perfumes, desabrochando as flores e vestindo as árvores de roupagens verdes, o Gato Malhado estirou os braços e abriu os olhos pardos, olhos feios e maus. Tratava-se de um gato de meia-idade, já distante da primeira juventude.

Naquelas redondezas, não existia criatura mais egoísta e solitária. Não mantinha relações de amizade com os vizinhos e quase nunca respondia aos raros cumprimentos que, por medo e não por gentileza, alguns passantes lhe dirigiam. Resmungava de mau humor e voltava a fechar os olhos como se lhe desagradasse todo o espetáculo em redor.

Assim vivia ele quando a Primavera entrou pelo parque adentro, num espalhafato de cores, de aromas, de melodias. Cores alegres, aromas de entonecer, sonoras melodias. O Gato Malhado dormia quando a Primavera irrompeu, repentina e poderosa. A sua presença era tão insistente e forte que ele despertou do seu sono sem sonhos, abriu os olhos pardos e estirou os braços. O Pato Negro, que casualmente o olhava, quase caiu de espanto porque teve a impressão de que o Gato Malhado estava sorrindo. Fixou o olhar, chamou a atenção da pequena Pata Branca.

– Não parece que ele está sorrindo?

– Santo Deus! Está rindo mesmo...

Jamais o tinham visto a rir. A pequena Pata Branca necessitou botar a mão sobre o coração, tão espantada estava com aquele riso na boca feroz do Gato Malhado. Ria pela boca e, o que era ainda mais inexplicável, ria pelos olhos pardos também.

Jorge Amado.

O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor (adaptado)

Dom Quixote



quem matara – para comer – a mais linda pomba-rola do pombal, e, desde então, certo pombo-correio perdeu a alegria de viver. Faltavam provas, é verdade, mas – como disse o Reverendo Papagaio – quem podia tê-lo feito senão aquele sinistro personagem, sem lei nem Deus, tipo à-toa?

As maternais galinhas ensinavam aos pintos cor de ouro como evitar o Gato Malhado em cujas mãos criminosas – segundo afirmavam – muitos outros pintainhos haviam perecido (isso sem falar nos ovos que ele roubava dos ninhos para alimentar seu ignóbil corpanzil). Tampouco o Pato Negro queria saber dele pois o gatarrão não amava a água do lago, tão querida do casal de patos. Os cachorros o haviam procurado para com ele correr e saltar. Mas ele os arranhara nos focinhos e os insultara, eriçando o pêlo, xingando-lhes a família, a raça, os ascendentes próximos e distantes.

Um gato mau. Mau e egoísta. Deitava-se pela manhã sobre o capim para que o Sol o esquentasse, mas, apenas o Sol subia no céu, ele o abandonava por qualquer sombra cariciosa. Ingrato. Durante muito tempo, uma Goiabeira de tronco carunchoso alimentou a ilusão de que o Gato Malhado a amava e disso se vangloriou perante todas as árvores do parque. Só porque ele vinha, flexível, corpo sensual, rascar-se contra seu tronco nodoso no meio das tardes solarengas. A Goiabeira, que passava por ser uma original, sentiu-se vaidosa com a preferência de um tipo tão difícil e discutido. Procurou um cirurgião plástico, limpou-se de todos os nós que lhe enfeavam o tronco, fez-se bela para o Gato Malhado. E, de tronco liso e limpo, o esperou. Mas quando ele viu que não podia coçar-se naquele tronco sem nós nem reentrâncias, voltou as costas à Goiabeira e jamais sequer novamente a mirou. Durante algum tempo, devido a esta aventura, a Goiabeira foi a vítima predileta das pilhérias (de mau gosto) dos habitantes do parque. Até a Velha Coruja, que morava na jaqueira, riu quando lhe contaram a história.

Devo dizer, para ser exato, que o Gato Malhado não tomava conhecimento do mal que falavam dele. Se o sabia não se importava, mas é possível que nem soubesse que era tão mal visto, pois quase não conversava com ninguém, a não ser, em certas ocasiões, com a Velha Coruja. Aliás, a Coruja, cujas opiniões eram muito respeitadas devido à sua idade, costumava dizer que o Gato Malhado não era tão mau assim, talvez tudo isso não passasse de incompreensão geral. Os demais ouviam, balançavam a cabeça, e, apesar do respeito que tinham à Coruja, continuavam a evitar o Gato Malhado.

Assim vivia ele quando a Primavera entrou pelo parque adentro, num espalhafato de cores, de aromas, de melodias. Cores alegres, aromas de

entontecer, sonoras melodias. O Gato Malhado dormia quando a Primavera irrompeu, repentina e poderosa. Mas sua presença era tão insistente e forte que ele despertou do seu sono sem sonhos, abriu os olhos pardos e estirou os braços. O Pato Negro, que casualmente o olhava, quase caiu de espanto porque teve a impressão de que o Gato Malhado estava sorrindo. Fixou o olhar, chamou a atenção da pequena Pata Branca:

– Não parece que ele está rindo?

– Santo Deus! Está rindo mesmo...

Jamais o tinham visto a rir. A pequena Pata Branca necessitou botar a mão sobre o coração, tão espantada estava com aquele riso na boca feroz do Gato Malhado. Ria pela boca e, o que era ainda mais inexplicável, ria pelos olhos pardos também.

(...)

Jorge Amado, *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá*, Dom Quixote, 10.ª ed., 2005 (excerto)

## OS CANDEEIROS DA NOITE

(...)

No dia seguinte, depois de jantar, quando a mãe ia mesmo, mesmo a dizer:

– Bom, meninos, são horas...! o Tim disse-lhe:

Mas o Tomás interrompeu:

– Não me deito sem ver as luzinhas, e não, e não...

– Ó mãe, venha aqui à janela.

A mãe foi com ele até à janela. O Tim apontou para o céu:

– Já viu, mãe? Tantas luzinhas!

A mãe pôs-se também a olhar para o céu.

– São as estrelas.

– Que são estrelas?

A mãe sorriu e fez-lhe uma festa, respondeu-lhe:

– São os candeeiros da noite. Estão lá em cima, para iluminar as pessoas que têm de andar no campo às escuras, quando o Sol se vai embora.

– Como os pastores?

– Sim, como os pastores. E também é bom para os carneiros, para os cães, para os pássaros...

– Ó mãe, e quem foi que pôs lá no céu os candeeiros da noite?

– Ora! Já se sabe que foram os anjos, mandados por Deus. Todos os dias têm um trabalhão, a pendurarem os candeeiros da noite.

O Tim foi-se então deitar, e sentiu-se divertido com a ideia dos anjos, com as suas asas brancas, a voarem de um lado para outro muito atarefados, a pendurar estrelas, a tirar estrelas, a pendurar estrelas...

Depois, o tempo passou, e o Tim já tinha oito anos. Gostava muito de ir para o jardim, depois do jantar, para contar as estrelas. Começava a contar, mas nunca chegava ao fim porque lhe dava o sono. Um dia, o pai e a mãe vieram sentar-se ao pé dele. O Tim disse-lhes:

– Já sei que as estrelas não são os candeeiros da noite...

Era um sinal de que o Tim estava mesmo a crescer. O pai perguntou:

– O que são então?

– Não são candeeiros. Dizem que são sóis, mas...

## Unidade 7



### Oralidade

Diz o que pensas sobre as estrelas.

### As estrelas

Depois do jantar, a mãe ia mesmo a dizer:

– Bem, meninos, são horas...

Mas o Tomás interrompeu:

– Não me deito sem ver as luzinhas, e não, e não...

A mãe foi com ele até à janela...

– Já viu, mãezinha? Tantas luzinhas!

– São estrelas...

– Que são estrelas?

A mãe sorriu e, fazendo-lhe uma festa, respondeu-lhe:

– São os candeeiros da noite.

...

O tempo passou. O Tomás cresceu, continua a gostar das estrelas. À noite, vai contá-las para o jardim... Mas nunca acaba!

Uma noite em que os pais vieram sentar-se à sua beira, Tomás disse-lhes:

– Já sei que as estrelas não são candeeiros da noite.

O Tomás estava mesmo a crescer... E continuou:

– Na escola aprendi que são sóis, mas... mas eles são tão pequeninos! E não fazem calor nenhum!

O pai sorriu e disse-lhe:

– O Sol parece maior e mais quente porque está mais perto da Terra. Estas estrelas estão muito, muito longe. Mas algumas até são bem maiores que o nosso Sol.

António Quadros,

Pedro e o Mágico – Plátano Editora



- Mas o quê?

- ... mas eles são tão pequeninos! E não fazem calor nenhum...

O pai sorriu e disse-lhe:

- Vou-te explicar. O Sol parece maior e mais quente porque está mais perto de nós. As estrelas parecem mais pequenas porque estão muito, muito longe. Mas algumas são até maiores do que o nosso Sol.

(...)

António Quadros, *Pedro e o Mágico*, Plátano Editora, 3.ª ed., 1986

## A BORRACHA CANSADA

Era uma vez uma borracha que quase deixou, por assim dizer, de apagar. Ela que dantes apagava tão bem! Risco de lápis, risco de tinta, nada lhe escapava. E agora aquele cansaço, sem quê nem porquê. De que seria? A borracha foi ao médico.

Na sala de espera do consultório, estava também um lápis com soluços, que só desenhava linhas tracejadas. Veio depois, de maca, uma régua que tinha perdido os centímetros e, também muito combalida, uma caixa de lápis de cor descorados.

Quando o médico, depois de muito se ter feito esperar, finalmente chegou, quem primeiro atendeu foi o rancho dos lápis de cor, porque já tinham consulta marcada, há que tempos.

Receitou-lhes vitaminas e ares de praia. Veriam que voltavam a ganhar cores, como dantes. E que fizessem exercício e que pintassem, primeiro pouco e leve e depois com mais força. Era muito despachado este médico.

À régua sem centímetros deu-lhe de receita o lápis com soluços. Estavam um para o outro. O lápis com soluços de certeza que iria avivar os centímetros da régua e ela, por sua vez, lhe ensinaria a desenhar a direito.

Sobrava a borracha que já apagava pouco.

– Mas a senhora apagou imenso, ao que sei – disse-lhe o médico. – Uma vida inteira a apagar esgota qualquer um.

– Não aprendi a fazer outra coisa... – respondeu-lhe, muito queixosa, a borracha.

– Pois agora descanse, porque está com um esgotamento. Precisa de férias – recomendou-lhe o médico. – A senhora está num risco muito grande.

– Risco grande?! – exclamou a borracha. – O que era isso, dantes, para mim...

– Resgarde-se. É um aviso. Senão, apaga-se de vez.

Que horror! Para que tal não aconteça, a borracha repousa agora na minha secretária, a ver passar os riscos que eu vou traçando no papel. E, para não perder o treino, lá lhe consinto que apague um pontinho aqui, um pontinho ali, por desfastio. Vão ver que, qualquer dia, já está boa, outra vez.

## Unidade 8



### Oralidade

Diz a tua opinião sobre o tempo que já passaste numa sala de espera enquanto aguardavas o médico.

### A borracha cansada



Era uma vez uma borracha que quase deixou, por assim dizer, de apagar. Ela que dantes apagava tão bem!

Risco de lápis, risco de tinta, nada lhe escapava. E agora aquele cansaço sem quê nem porquê. De que seria? A borracha foi ao médico.

Na sala de espera do consultório, estava também um lápis com soluços, que só desenhava linhas tracejadas. Veio depois, de maca, uma régua que tinha perdido os centímetros e, também muito combalida, uma caixa de lápis de cor descorados.

Quando o médico chegou, quem primeiro atendeu foi o rancho dos lápis de cor. Receitou-lhes vitaminas e ares de praia. E que fizessem exercício e que pintassem, primeiro pouco e leve e depois com mais força.

À régua sem centímetros deu-lhe de receita o lápis com soluços.

Sobrava a borracha que já apagava pouco.

– Mas a senhora apagou imenso, ao que sei – disse-lhe o médico. – Uma vida inteira a apagar esgota qualquer um.

– Não aprendi a fazer outra coisa... – respondeu-lhe, muito queixosa, a borracha.

– Pois agora descanse, porque está com um esgotamento. Precisa de férias – recomendou-lhe o médico. – A senhora está num risco muito grande.

– Risco grande?! – exclamou a borracha. – O que era isso, dantes, para mim...

– Resgarde-se. É um aviso. Senão, apaga-se de vez.

Que horror! Para que tal não aconteça, a borracha repousa agora na minha secretária, a ver os riscos que eu vou traçando no papel.

E, para não perder o treino, lá lhe consinto que apague um pontinho aqui, um pontinho ali. Vão ver que, qualquer dia, já está boa outra vez.

## Voar em Guimarães

A casa estava silenciosa. Finalmente, os pais apagaram a luz. Maria, a sua única irmã, dormia no quarto ao lado. Espreitou. Não a acordaria, apesar de se sentir bastante agitado e com vontade de partilhar o seu segredo.

Dava voltas e voltas na cama, esperava ansiosamente o sinal combinado. Não duvidava, ele viria. Sabia todas as senhas, revia-as uma a uma, não faltava sequer uma data.

– Anda, Afonso João, não tenhas medo – dizia uma voz que ele tão bem conhecia. – Anda comigo e viverás a mais fantástica aventura da tua vida. Viajaremos, juntos, no tempo e no espaço. Anda!

Saltou logo da cama. Estava tudo a correr bem... Eram as palavras combinadas e ditas à hora certa: Meia-Noite! Faltava, agora, vestir-se de acordo com a viagem. Aí estavam os seus testemunhos: o capacete verde e a t-shirt com a bandeira da sua cidade.

Morando numa casa tão antiga, não era fácil descer as escadas sem elas rangerem. Descalço, com os ténis na mão, fá-lo cuidadosamente e tão bem que a família continuava a dormir.

Ah! Agora sim, junto à porta, ela aí estava, a sua bela bicicleta verde-prata. Perdeu o resto do medo, nada o podia impedir de participar na aventura.

– Anda, Afonso João, salta para o meu selim e pedala!...

Mas pedalar era voar no espaço e no tempo. A sua bicicleta mágica elevava-o no ar e subia a grande velocidade até aos altos céus. Aí as estrelas eram um verdadeiro e natural fogo-de-artifício e a sua luz intensamente brilhante pintava em diversos tons todo o Centro Histórico de Guimarães.

– Prepara-te, Afonso João, vamos descer no Castelo.

Afonso João não compreende, o Castelo está mergulhado em penumbras, viam-se, ao longo das muralhas, vultos de homens fortemente armados em posição de vigia.

– Nada receies, estamos em meados do Século X, no tempo da Condessa Mumadona Dias. Tens a senha!

Afonso João aproxima-se da porta de entrada, mas ela está fechada!

– Vímara Peres, primeiro Conde de Portucale! – bradou.

Como por encanto a porta abre-se. Dentro, a famosa condessa Mumadona, mui ricamente vestida como convinha à sua dignidade de governante do Condado de Portucale e senhora da Vila de Vimaranes, a mulher

### Antes do texto

Os sonhos acontecem enquanto dormimos mas, por vezes, também «sonhamos acordados». Converse, na turma, sobre o significado desta expressão.

### Dentro do texto

#### Voar em Guimarães

– Anda, Afonso João, não tenhas medo – dizia uma voz que ele tão bem conhecia. – Anda comigo e viverás a mais fantástica aventura da tua vida. Viajaremos, juntos, no tempo e no espaço. Anda!

1 Saltou logo da cama. Estava tudo a correr bem... Eram as palavras combinadas e ditas à hora certa: Meia-noite!

– Anda, Afonso João, salta para o meu selim e pedala!...

2 Mas pedalar era voar no espaço e no tempo. A sua bicicleta mágica elevava-o no ar e subia a grande velocidade até aos altos céus. Aí as estrelas eram um verdadeiro e natural fogo-de-artifício e a sua luz intensamente brilhante pintava em diversos tons todo o centro histórico de Guimarães.

– Prepara-te, Afonso João, vamos descer no castelo.

(...)

3 Afonso João fixou o olhar no castelo. Estava bem diferente. Cor e muita música no ar. Todo enfeitado de bandeiras e estandartes.

4 Em destaque a bandeira da fundação do Reino. Ao lado a bandeira das quinas, lembrando os cinco reis mouros vencidos na célebre batalha de Ourique em 1139.

5 Era o rei D. Afonso Henriques que vinha apresentar a rainha D. Matilde às boas e lais gentes de Guimarães depois do seu casamento em Coimbra em 1146.

O rei estava verdadeiramente feliz.

(...)

6 – Anda, Afonso João, prepara-te para um último voo!

7 Afonso João guardou a sua bicicleta e, descalço, com os ténis na mão, subiu cuidadosamente as escadas. A família continuava a dormir...

Maria José Meireles,  
Viver em Guimarães,  
Grupo das Letras (sem ilustrações)



8 Procura no dicionário o significado das palavras que desconheces.

mais rica e culta do Noroeste Peninsular, tão vastos eram os seus domínios e preciosa a sua biblioteca.

Entra, Afonso João! Alegrei-me ao ouvir o nome do meu famoso bisavô Vímara Peres, senhor da Vila de Vimaranes. Nesta noite esperamos a todo o momento um ataque dos violentos normandos, os vikings. São homens vindos do Norte da Europa que invadem, por mar e rios, as terras do meu Condado. E pior ainda, há notícias da aproximação de infiéis muçulmanos ao norte do rio Douro. Uns e outros trazem a guerra, a fome e a dor aos meus domínios. Estou mesmo muito preocupada...

– Senhora Condessa, agradeço ter-me recebido nesta hora de tanta aflição.

– Sabes..., muita é a gente que vive sob a minha protecção. Na parte baixa de Vimaranes fundei um Mosteiro dedicado ao Senhor Salvador do Mundo, à Sua Santa Mãe, sempre Virgem Maria, e aos Santos Apóstolos. Ai espero acabar, santamente, os meus dias. À volta do Mosteiro cresceu um povoado e, para o proteger de tantos ataques, tive de mandar erguer este Castelo de S. Mamede, no Monte Latito. À volta do Castelo já nasceu outro povoado.

Amo muito esta terra, sede do Condado – continuou a Condessa – e já fiz um testamento onde tive o cuidado de a proteger para sempre. Ai de quem lhe faça mal!... Lançarei sobre eles maldições que nem podes imaginar...

– Anda, Afonso João – interrompe a bicicleta. – Acabou o tempo! Se quiseres saber mais do Testamento de Mumadona vais a uma biblioteca.

A sua bicicleta voava no céu profundamente azul de uma manhã plena de sol. Tinham avançado para o século XII.

Um cortejo real subia majestosamente a rua de Santa Maria. Ia em direcção ao Castelo.

Afonso João fixa o olhar no Castelo. Estava bem diferente. Cor e muita música no ar. Todo enfeitado de bandeiras e estandartes.

Em destaque a Bandeira da Fundação do Reino. Ao lado a Bandeira das Quinas, lembrando os cinco reis mouros vencidos na célebre batalha de Ourique em 1139.

Era o Rei D. Afonso Henriques que vinha apresentar a Rainha D. Mafalda de Sabóia às boas e leais gentes de Guimarães depois do seu casamento em Coimbra em 1146.

Entretanto, o cortejo chegara ao Castelo e encaminhava-se para a sala do banquete.

O Rei estava verdadeiramente feliz. Sentia-se entre os seus, conhecia-os

a todos, encontrava-se no meio dos seus mais fiéis vassallos, os Barões Portucalenses de Entre Douro e Minho, com eles tinha obtido o título de Rei, ganhando inúmeras batalhas. De entre todos destacava-se o seu aio, o nobre e honrado Egas Moniz, o maior exemplo de fidelidade à palavra dada.

Afonso João, montado na sua bicicleta, pedalava vagarosamente, retendo tudo o que via para depois contar à irmã e aos amigos.

Acerca-se do Rei e da Rainha. Deslumbrantes! De tal modo era o seu porte real que todos se curvavam naturalmente e baixavam o olhar.

Quase esquece a senha... A sua bicicleta lembrou-lhe:

– Não te distraias... chegou a hora...

Intimidado perante a imponente figura do Primeiro Rei de Portugal, pronunciou:

– Vinte e Quatro de Junho de 1128, Vitória de D. Afonso Henriques na Batalha de S. Mamede em Guimarães, Primeiro Dia de Portugal!

– Sim! É realmente o Primeiro Dia de Portugal. Depois de derrotar a minha mãe e os seus partidários na Batalha de S. Mamede, consegui o governo do Condado que depois transformei em Reino de Portugal.

Derrotar a vossa mãe?!...

– Vou contar-te a história para apagar a reprovação no teu olhar... Meu pai, o Conde D. Henrique de Borgonha, um nobre cavaleiro franco, veio à Península Ibérica auxiliar o meu avô, Afonso VI, Rei de Leão, na luta contra os mouros. Em troca de altos serviços prestados na guerra, o meu avô deu-lhe em casamento a sua filha bastarda, D. Teresa, e o governo do Condado Portucalense – vasto território entre os rios Minho e Tejo, estendendo-se até à Serra da Estrela. Eram os antigos Condados de Portucale e Coimbra, agora unidos sob o comando de meu pai e totalmente independentes da Galiza. Os Barões Portucalenses estavam, assim, fortemente organizados na luta contra os infiéis muçulmanos que constantemente devastavam as suas terras.

O meu pai sempre amou muito esta terra. Fez de Guimarães um importante centro de defesa e cultura. Mandou reconstruir o Castelo; deu a primeira Carta de Bons Foros aos antigos e novos moradores da Vila; e transformou o antigo mosteiro de Mumadona em Colegiada de Santa Maria de Guimarães. Junto dela os seus companheiros francos ergueram a Igreja de S. Tiago.

– Estou contente, Guimarães muito deve ao Conde D. Henrique...

– Após a morte de meu pai, em 1112, tinha eu cerca de três anos, a

minha mãe tomou a seu cargo o governo do Condado. Alguns anos depois deu novo rumo à sua política, agora sob a influência da nobreza da Galiza. Via-se uma clara vontade de unificar os dois territórios. Estava em perigo a independência!

Os Barões Portucalenses, reunidos em Guimarães, escolheram-me como chefe e vencemos a Batalha de S. Mamede. Passou para as minhas mãos o governo do Condado.

Passar de Conde a Rei, libertando-me do poder de meu primo, Afonso VII, imperador de Leão e Castela, também não foi fácil. E se o consegui, em 1143, no Tratado de Zamora, devo-o igualmente à valentia e lealdade destas gentes. Muitos morreram nas lutas, deram a vida pelo Reino de Portugal.

– Entendo agora – disse Afonso João – como Guimarães é importante. Aqui nasceu Portugal!...

– Sim, Guimarães teve a honra e o privilégio de ser a primeira capital do Reino de Portugal. Mudámos a Corte para Coimbra devido à necessidade de reconquistar as terras do Sul. Lisboa está neste momento em poder dos mouros. Só descansamos quando ela voltar para o espaço cristão.

– Anda, Afonso João, são horas de voar... – murmura a bicicleta.

Século XIII... reinados de D. Afonso III e D. Dinis.

Um novo espectáculo era-lhe oferecido. As mil cores do arco-íris incidiam sobre as muralhas e sobre as suas muitas portas de entrada que cercavam, por completo, todo o burgo medieval. Dentro dessas muralhas, duas vilas: a de "cima" ou do Castelo e a de "baixo" ou Guimarães, separadas entre si por uma muralha com uma só porta de comunicação.

O coração de Afonso João bate descompassadamente, nem o consegue segurar... Como é estranho ver Guimarães tão dividida!...

Resolve investigar. Aproxima-se da vila alta e repara no Castelo, agora com uma imponente torre de menagem e a bandeira de Portugal e Algarve desfraldada, as suas muralhas alteadas e reforçadas com quatro torreões de planta quadrada e as duas portas de entrada ladeadas com fortes torres.

Finalmente, o seu Castelo e a sua Igreja de S. Miguel, tal como ele os conhecia!...

Acalma-se.

A vila de cima era pequena, por todo o lado o som do martelo dos ferreiros, as suas gentes ocupavam-se no fabrico de armas para a "arte da guerra".

A vila de baixo era diferente. Reinava grande animação. Muitas ruas,

ruelas, praças e mercados. Os "mesteres" agrupados, cada qual na sua rua: dos Mercadores, da Sapateira, das Ferrarias, dos Açougues, da Forja, das Mostardeiras...

Mas o olhar de Afonso João percorre a Praça de Santa Maria, atraído por um intenso e luminoso raio verde. Seguindo-o, viu, maravilhado, uma prateada Oliveira. Entendeu a mensagem da sua bicicleta:

– Pêro Esteves, 1342!

– Estou muito admirada e contente por te dirigires a mim. Como sabes, sou uma Oliveira, árvore muito antiga e sagrada. É grande a história e muitas as lendas que se contam sobre a minha existência nesta praça.

Mas a história que te vou contar é a da tua senha: nos princípios do século XIV, eu estava em S. Torcato, até que uma bela noite resolveram trazer-me para este local. Não gostei da mudança de ares e murchei. Pêro Esteves, um rico mercador vimaranense, adoeceu. E, por vontade de Deus, mandou trazer uma Cruz da Normandia e colocou-a junto de mim. Passados que foram três dias, comecei a reverdecer.

A partir deste milagre, Santa Maria de Guimarães, padroeira de Portugal, ficou a ser conhecida como Santa Maria da Oliveira. Os fiéis ocorrem de todos os lugares, os milagres são muitos e o seu culto espalha-se por várias localidades do Reino. Muitos destes peregrinos levam raminhos meus como protecção.

Guimarães torna-se um grande centro de peregrinação. No seu Brasão de Armas surge a imagem de Nossa Senhora tomando em suas mãos um dos meus ramos.

Quanto à Cruz de Pêra Esteves, como vês, agora está debaixo de um padrão mandado construir pelo Rei D. Afonso IV, para agradecer a Santa Maria a vitória da Batalha do Salado, alcançada em Castela contra os mouros.

– Anda! Salta para o meu selim, o relógio não pára... – avisou a bicicleta.

Admirado, Afonso João repara que se mantém no mesmo lugar. No entanto, há uma subtil diferença. Tinha voado no tempo para o Século XV. Ouvia uma voz grave e solene:

– Afonso João...

Orientando-se pela voz, encostou o ouvido às pedras da Igreja da Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira.

– Ah! Nem preciso de senha para entrar no passado...

– Sim, sou eu que te falo, o mais antigo e ilustre monumento de toda a Vila. Nas minhas pedras está gravada muita História... Quero ser eu a contar-te os últimos factos da Época Medieval, a noite mágica que estás a viver não te permite ir além dela.

Em 1383, morre o nosso Rei D. Fernando. Rei morto, rei posto, mas tal não acontece! A sua única filha, D. Beatriz, estava casada com o Rei de Castela, assim, por direito, era Rainha de Castela e de Portugal. Os mais valentes portugueses estremeçam e tudo fazem para não perder a independência. Há intrigas, lutas, revoltas populares, actos heróicos que não dá para contar... Há ordens para todos os alcaides obedecerem à Rainha, uns obedecem, outros não. O nosso obedece.

De Lisboa a todo o Reino ouve-se gritar:

– Arraial! Arraial, por Portugal... Portugal! Portugal, pelo Mestre de Avis...

Em 1385, em princípios de Abril, o povo, a burguesia e alguma nobreza e clero elegem, como Rei de Portugal, D. João I, o Mestre de Avis, também ele filho do Rei D. Pedro, e portanto meio-irmão de D. Fernando.

A primeira decisão do jovem Rei é tomar os burgos do norte que seguiram D. Beatriz, rainha de Castela, entre eles, Guimarães. O Castelo era o símbolo da autoridade real e a Colegiada representava muito do espírito de Portugal.

Com a ajuda de um estratagema e alguns fiéis moradores, as duas vilas, com uma nova luz, deixaram de apoiar a Rainha D. Beatriz. As gentes da vila baixa abriram as portas ao Rei e, com o seu auxílio, o alcaide do Castelo acabou por se render.

– Foi complicado... Que estratagema foi esse?...

– Foi complicado... Vou contar-te... Para conseguir que a Porta do Postigo se abrisse, D. João I combinou com um nobre e fiel escudeiro fazer entrar uma cuba de vinho. Na madrugada de oito de Maio de 1385, abrem-se as portas para a entrada da cuba e eis o Rei acompanhado de trezentas lanças, os seus melhores cavaleiros, entrando de rompante na vila de baixo! Há escaramuças nas ruas, fogem os castelhanos em camisa pela porta de Santa Bárbara para se refugiarem no Castelo.

O velho e nobre alcaide, antigo aio do Rei D. Fernando, não atende o pedido de El-Rei e resiste, esperando ajuda de Castela. “Impossível”, responde o Rei castelhano. Novo cerco. A custo, a rendição... Em princípios de Junho, suspiros de alívio... As duas mui nobres e leais Vilas de Guimarães e do Castelo ficavam, como sempre, nas mãos do Rei de Portugal.

Mas, continuando... O Rei D. João I ainda estava em Guimarães, quando recebeu aviso da aproximação do exército de Castela e rezou no meu altar de Santa Maria da Oliveira a pedir protecção para o combate que ia travar.

Depois no Campo da Batalha de Aljubarrota, em 14 de Agosto de 1385, ajoelhado, invoca, de novo, a Senhora da Oliveira, prometendo uma romaria a Guimarães. Vence, como por milagre, os castelhanos, tantos eles eram e nós tão poucos.

E vem a Guimarães cumprir a promessa, com os seus homens de armas. Trazem a nova bandeira de Portugal. As gentes de Guimarães recebem-nos em grande festa. E em cortejo a pé pelas ruas da Vila, o Rei oferece valiosos presentes à Senhora da Oliveira.

Quanto a mim – continuou a Igreja –, já um pouco velha e gasta (ainda tenho algumas pedras do tempo da Mumadona) El-Rei tornou-me grandiosa e embelezou-me. Acabadas as transformações, o Rei D. João I visita, de novo, Guimarães, para a minha sagração, acompanhado de sua mulher, D. Filipa de Lencastre (uma nobre inglesa com quem casara no Porto em 1387) e de seus filhos – mais tarde chamados Íncrita Geração.

É no seu reinado, aliás, que seu filho bastardo, D. Afonso, oitavo Conde de Barcelos e primeiro Duque de Bragança, mandou construir o imponente Paço dos Duques e aí viveu com a sua segunda mulher, Dona Constança de Noronha. Esta santa senhora, com a morte de D. Afonso e sem filhos, vestiu o hábito da Ordem Terceira de S. Francisco e transformou o Paço num verdadeiro hospital de pobres e doentes que curava por suas mãos.

Guimarães muito deve a D. João I, Rei de Boa Memória. Foi ele quem ordenou a construção dos Paços do Concelho, cujas arcadas ligam a Praça da Oliveira à Praça de S. Tiago. E, não esquecendo a defesa da Vila, mandou guarnecer as portas das muralhas com fortes torres.

Foi também este Rei que fez destruir a muralha que separava as duas vilas e decidiu que Guimarães fosse um só povo e um só concelho.

– Anda, Afonso João, prepara-te para um último voar!

As nuvens dos altos céus eram flores que se desfaziam cobrindo toda a cidade de Guimarães de cores e perfumes variados à luz de um suave

amanhecer...

Afonso João **guarda** a sua bicicleta e, descalço, com os ténis na mão, **sobe** cuidadosamente as escadas. A família continuava a dormir...

Maria José Meireles, *Voar em Guimarães*, Campo das Letras, 3.ª ed., 2006

## História de uma gota de água

Era uma vez uma gotinha de água que vivia num imenso oceano... porém, não estava só... com ela, muitos milhões de gotinhas formavam aquilo a que resolvemos chamar “mar”...

É numa bela manhã de sol que a história começa...

Estava a gotinha de água a apanhar banhos de sol, quando começou a sentir-se que se ia tornando mais leve à medida que o sol aquecia...

... até que se sentiu a elevar no espaço...

Ficou perplexa!... Mas... o que se estaria a passar?!... Não estava a perceber nada!...

Reparou então que não era só ela que estava na atmosfera; outras gotinhas iam com ela...

Subiram... subiram... subiram... até que pararam! Ali estava muito frio e, por isso mesmo, juntaram-se umas às outras, para lhe resistirem!...

– “Oh!” – pensou a gotinha... Mas nós é que formamos as nuvens!...

Ora, quando estava no mar e reparava nessas enormes manchas brancas no céu, nunca conseguira perceber como elas se formavam...

Estava ela entretida com estes pensamentos quando, de repente, um sopro de vento a afastou, mostrando agora algo muito diferente daquilo a que estava habituada...

Que lindo era!... Enormes e esguias praias estendiam-se como lençóis mesmo à beirinha do mar...

... mais para dentro, espriavam-se grandes extensões verdes como se fossem campos de futebol encostados uns aos outros; eram os campos que, de onde em onde, apareciam salpicados com pequenas manchas brancas – as casas; às vezes, estas apareciam juntas formando grupos pequenos – as aldeias – um pouco maiores – as vilas – ou mesmo grandes amontoados de casas – as cidades.

Instantes depois, porém, tudo isto não passava de uma mera recordação!...

Agora, só via vales e montanhas!...

Então, sem saber porque artes misteriosas, parou!...

A temperatura começou a tornar-se cada vez mais fria, e ela, sentindo-se (sem saber como) cada vez mais pesada, deu por si a descer vertiginosamente através do espaço!...

### Antes do texto

Depois de discutires em grupo o ciclo da água, desenha-o e descreve-o no teu caderno.

### Dentro do texto

#### História de uma gota de água

Era uma vez uma gotinha de água que vivia num imenso oceano...

Estava ela a apanhar banhos de sol, quando começou a sentir-se mais leve à medida que o sol aquecia...

... até que se sentiu a elevar no espaço...

Reparou então que não era só ela que estava na atmosfera; outras gotinhas iam com ela...

Subiram... subiram... subiram... até que pararam! Ali estava muito frio e, por isso mesmo, juntaram-se umas às outras, para lhe resistirem!...

– Oh! – pensou a gotinha... Mas nós é que formamos as nuvens!...

De repente, um sopro de vento afastou-a, mostrando agora algo muito diferente daquilo a que estava habituada...

Que lindo era!... Enormes e esguias praias estendiam-se como lençóis...

A temperatura começou a tornar-se cada vez mais fria, e ela, sentindo-se (sem saber como) cada vez mais pesada, deu por si a descer vertiginosamente através do espaço...

De repente, qual não é o seu espanto, vê-se a cair, com algumas companheiras, no meio de águas tumultuosas que engrossavam à medida que elas caíam – era um rio!...

O rio descia, descia, para, de repente, se espalhar numa vasta superfície de água – nem mais nem menos, o mar donde elas tinham saído alguns dias antes!... Era fantástico!...

Então é que elas souberam que nem todas tinham seguido o mesmo caminho! Algumas tinham caído nos campos; outras nos rios e outras nas montanhas; e enquanto umas tinham caído da mesma forma que tinham subido, outras, com o tremendo frio, tinham-se transformado em autênticos corpos sólidos... pareciam pedras pequeninas espalhadas no chão!...

Mas outras ainda tinham vivido uma experiência lindíssima, mas muito fria: tinham caído sob a forma de flocos de neve que desciam lentamente num baléado maravilhoso como se fossem lindas bailarinas, muito leves, cristalinamente vestidas de branco! Que sorriso!...



Via de Silva,  
História de Uma Gota de Água,  
Edições Alameda (adaptado)

Procura no dicionário o significado das palavras que desconheces.

Tudo tão rápido!... Estava mesmo aflita! Mas a sua aventura não chegara ao fim...

De repente, qual não é o seu espanto, vê-se a cair, com algumas companheiras, no meio de águas tumultuosas que engrossavam à medida que elas caíam – era um rio!...

Mas... Oh! Parecia inacreditável o que ela estava a viver!... Mas era verdade!... O rio em que ela e outras gotinhas tinham caído descia, descia para, de repente, se espalhar numa vasta superfície de água – nem mais nem menos, o mar donde elas tinham saído alguns dias antes!... Era fantástico!...

Como podemos imaginar, as gotinhas estavam excitadas de contentamento e foi cheias de alegria que contaram a sua aventura às outras gotinhas mais novas!...

Então é que elas souberam que nem todas tinham seguido o mesmo caminho! Umhas tinham caído nos campos, outras nos rios e outras nas montanhas; e enquanto umas tinham caído da mesma forma que tinham subido, outras havia que, com o tremendo frio que sobre elas se abatera, se tinham transformado em autênticos corpos sólidos... pareciam pedras pequeninas espalhadas no chão!... Oh! como elas tinham sofrido!... Mas outras ainda tinham vivido uma experiência lindíssima, mas muito fria: tinham caído sob a forma de flocos de neve que desciam lentamente num bailado maravilhoso como se fossem lindas bailarinas, muito leves, cristalinamente vestidas de branco! Que sonho!...

Enfim... todas as gotinhas estavam loucas de alegria!... Começavam finalmente a perceber porque certas coisas aconteciam...

Vaz da Silva, *História de uma Gota de Água*, Edições Afrontamento, 2.ª ed., 1979

## Texto no livro do autor

### O diabo e o lavrador

**Nos velhos contos populares é frequente aparecer o diabo com as suas propostas manhosas e tentadoras. E os visados são muitas vezes os lavradores. Destes, porém, recebem sempre cada lição!... Ora veja-se como no conto que segue.**

Conta-se que um dia o diabo foi ter com um lavrador e propôs-lhe fazerem uma sementeira a meias. O lavrador, como lhe fazia jeito dividir os encargos, aceitou.

- E que semeamos? – perguntou.
- O que for melhor – disse o diabo.
- Que tal semearmos um campo de batatas?... – avançou o lavrador.
- Pois que seja – concordou o sócio. (...)

**Meteram então ombros ao negócio.** O diabo entrou com as sementes, os adubos, os pesticidas, e o lavrador entrou com o trabalho. Foram dias, semanas, meses, a schar, a regar, a pulverizar... e, por fim, o batatal cobriu de verde toda a planura do campo. (...) **Ficou um autêntico regalo para os olhos. A colheita adivinhava-se da melhor.**

Entretanto, ao aparecer para a colheita, o diabo ficou de tal modo deslumbrado **com tanta verdura** que logo procurou arranjar maneira de ficar com a melhor parte. Propôs então ao lavrador:

– Vamos fazer a divisão da seguinte forma: eu fico com a parte do batatal que está para cima da terra e tu ficas com a parte que está para baixo.

O lavrador nem pestanejou. Aceitou logo. (...)

**– Se é assim que queres, assim seja!**

**Já se está a ver.** Ficou o lavrador com as batatas e o outro com a rama.

No ano seguinte, apareceu de novo o diabo ao lavrador a propor que voltassem a fazer uma sementeira a meias. (...)

– E que semeamos? – perguntou o lavrador.

– O que for melhor – disse o diabo. – **Batatas, não, que ainda as tenho do ano passado.** Que tal semearmos um campo de trigo?

– Pois que seja – concordou o sócio. (...)

**Reataram então o negócio.**

O diabo entrou com as sementes e o lavrador com o trabalho. Chegada a

## Texto no manual 3 – 4º ano, p. 126

### Antes do texto

A palavra «diabo» está associada a ideias negativas. Converse na turma sobre o significado das seguintes expressões.

- Venha o diabo e escolha.
- Não vá o diabo tocá-las.
- És feio como o diabo.
- Fazer um pacto com o diabo.

### Dentro do texto

#### O diabo e o lavrador

Conta-se que um dia o diabo foi ter com um lavrador e propôs-lhe fazerem uma sementeira a meias. O lavrador, como lhe fazia jeito dividir os encargos, aceitou.

- E que semeamos? – perguntou.
- O que for melhor – disse o diabo.
- Que tal semearmos um campo de batatas?... – avançou o lavrador.
- Pois que seja – concordou o sócio. (...)

O diabo entrou com as sementes, os adubos, os pesticidas, e o lavrador entrou com o trabalho. Foram dias, semanas, meses, a schar, a regar, a pulverizar... e, por fim, o batatal cobriu de verde toda a planura do campo. (...)

Entretanto, ao aparecer para a colheita, o diabo ficou de tal modo deslumbrado que logo procurou arranjar maneira de ficar com a melhor parte. Propôs então ao lavrador:

– Vamos fazer a divisão da seguinte forma: eu fico com a parte do batatal que está para cima da terra e tu ficas com a parte que está para baixo.

O lavrador nem pestanejou. Aceitou logo. (...)

Ficou o lavrador com as batatas e o outro com a rama.

No ano seguinte, apareceu de novo o diabo ao lavrador a propor que voltassem a fazer uma sementeira a meias. (...)

– Que tal semeamos um campo de trigo?

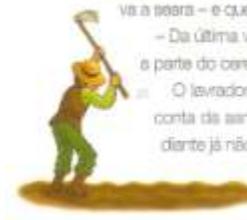
– Pois que seja – concordou o sócio. (...)

O diabo entrou com as sementes e o lavrador com o trabalho. Chegada a altura da colheita, lá estava a seara – e que bela! (...) Veio então o diabo para as partilhas e diz ao lavrador:

– Da última vez não me coumo bem o negócio que fiz contigo. Por isso, ficas tu agora com a parte do cereal que está para cima da terra e eu fico com a parte que está para baixo!

O lavrador aceitou. E diabo. Ficou ele com o grão e o outro com as raízes. Quando deu conta da semente que fez – dizem –, o diabo tentou-se de dar guinchos e pinotes. E daí em diante já não quis mais sociedades com o lavrador.

Alexandre Pinheiro,  
Diabo, Diabros e Outros Malfeitores,  
Texto Editores (sem expressões)



Procura no dicionário o significado das palavras que desconheces.

altura da colheita, lá estava a seara – e que bela! (...) – a ondular ao ritmo da brisa mansa do Estio. Veio então o diabo para as partilhas e diz ao lavrador:

– Da última vez não me correu bem o negócio que fiz contigo. Por isso, ficas tu agora com a parte do cereal que está para cima da terra e eu fico com a parte que está para baixo!

O lavrador aceitou. É claro. Ficou ele com o grão e o outro com as raízes. Quando deu conta da asneira que fez – dizem –, o diabo fartou-se de dar guinchos e pinotes. E daí em diante já não quis mais sociedades com o lavrador.

Alexandre Perafita, *Diabos, Diabritos e Outros Mafarricos*, Texto Editora, 1.ª ed., 2003

### Texto no livro do autor

O mar estava calmo como um rio, mas a noite escura como breu.

O Pedro, debruçado na popa da traineira, esforçava-se por acompanhar os movimentos de três homens que dentro de uma chata, presa ao barco principal por um cabo grosso, estavam encarregados de estender a rede de pesca. Mas não se via quase nada. Apenas as vozes roucas dos pescadores e o «chap, chap» da água indicavam que a faina prosseguia.

Ao seu lado, o Chico debruçava-se também. Quanto a esse, não precisava de o ver para ter a certeza de que os seus olhos brilhavam de entusiasmo!

A ideia de ir à pesca numa traineira tinha sido dele. Apesar do susto, nunca esquecerá a experiência de passageiro clandestino num arrastão do porto de Aveiro (1).

Assim, desde que se instalaram para passar uma semana de férias no Algarve e a tia Francisca os apresentou a um vizinho que era pescador, nunca mais parou de lhe pedir:

– «Leve-nos à pesca! Queremos ir ao mar!»

Enfim, depois de muita insistência acabou por convencer o mestre da traineira a aceitá-los como convidados. Ficaram todos radiantes, sobretudo porque até o Faial foi admitido a bordo!

A noite prometia ser sensacional.

O João e as gémeas equiparam-se a rigor e, agora, encostados à amurada, mal se conseguiam mexer dentro das capas de oleado e das botas de borracha, três números acima do que calçavam!

O movimento a bordo era muito intenso, cada homem entregue às suas tarefas. Não percebendo exactamente o que eles faziam, procuravam sobretudo não incomodar.

O Pedro respirou fundo, para saborear melhor aquele cheiro húmido a mar, algas, conchas, óleos, cordas e madeira envernizada. Era uma mistura forte que pouco variava de barco para barco!

(...)

(1) Uma Aventura na Terra e no Mar, n.º 15 desta Colecção.

Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, *Uma Aventura no Deserto*, Caminho, 6.ª ed., 1993

### Texto no manual 3 – 4º ano, p. 134

## Será que já sei?

Lê o texto com muita atenção.

O Pedro, debruçado na popa da traineira, esforçava-se por acompanhar os movimentos de três homens. Estavam encarregados de estender a rede de pesca. Mas não se via quase nada. Apenas as vozes roucas dos pescadores e o «chap, chap» de água indicavam que a faina prosseguia.

Ao seu lado, o Chico debruçava-se também. A ideia de ir à pesca numa traineira tinha sido dele.

Assim, desde que se instalaram para passar uma semana de férias no Algarve e a tia Francisca os apresentou a um vizinho que era pescador, nunca mais parou de pedir:

– «Leve-nos à pesca! Queremos ir ao mar!»

Enfim, depois de muita insistência acabou por convencer o mestre da traineira a aceitá-los como convidados.

Equiparam-se a rigor e, agora, mal se conseguiam mexer dentro das capas de oleado e das botas de borracha, três números acima do que calçavam!

O movimento a bordo era muito intenso, cada homem entregue às suas tarefas. Não percebendo exactamente o que eles faziam, procuravam sobretudo não incomodar.

O Pedro respirou fundo, para saborear melhor aquele cheiro húmido a mar, algas, conchas, óleos, cordas e madeira envernizada.



Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada,  
*Uma Aventura no Deserto*,  
Editorial Caminho

Responde ao que te é pedido sobre o texto que acabaste de ler.

1. Assinala o local onde decorre a acção.  
 No Algarve, em casa da tia Francisca.  
 No Algarve, a bordo de uma traineira.  
 No Algarve, a bordo de um avião.
2. Assinala o tempo em que decorre a acção.  
 Durante o tempo de aulas.  
 Durante as férias.
3. Identifica as personagens referidas no texto.  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
4. Que ideia teve o Chico?  
\_\_\_\_\_

## A poluição

De repente aconteceu  
A coisa pior do mundo!  
Nosso rio adoeceu  
Desde o cimo até ao fundo!

Empresa de grande porte  
Começou a envenenar  
As águas até à morte  
Dos peixes e do seu lar!

Fogem patos, passerada  
Pois não podiam beber  
A espuma amarelada  
Que agora estava a correr...

E os Pastores com pesar  
Já não levam o seu gado  
Tiveram de procurar  
Água boa noutro lado!

As suas margens floridas  
Já não tinham seu espelho  
Ficaram secas, doridas  
Chorando seu rio velho!

Já não vêm lavadeiras  
Nas suas águas lavar  
E são elas as primeiras  
Este caso a lamentar!

As crianças e os idosos  
Não se podem refrescar  
Ficariam mal cheirosos  
Se lá se fossem molhar!

### Antes do texto

Conversa, na turma, sobre a poluição dos rios e, no teu caderno, responde às questões que se seguem.

1. Qual é o rio que passa mais próximo da localidade onde vives?
2. Tem um aspecto limpo ou poluído?
3. Costumas ver pessoas a pescar nesse rio?
4. É a tomar banho nas suas águas?

### Dentro do texto

#### A poluição

De repente aconteceu A coisa pior do mundo. Nosso rio adoeceu. Desde o cimo até ao fundo!	Já não vêm lavadeiras Nas suas águas lavar E são elas as primeiras Este caso a lamentar!	De pessoas e animais E as lindas borboletas Fugindo cada vez mais Já levam as asas pretas!
--	---	---

Empresa de grande porte Começou a envenenar As águas até à morte Dos peixes e do seu lar.	As crianças e os idosos Não se podem refrescar Ficariam mal cheirosos Se lá se fossem molhar.	Os passarinhos, coitados, Com os pulmões a abafar Batem as asas assustados Mas já mal podem voar!
--	--	--

Fogem patos, passerada Pois não podem beber A espuma amarelada Que agora está a correr...	Pois por onde o rio passa Toda a cidade já diz Há um cheiro de tal raça Que só tapando o nariz!	Está triste o povoado Por causa de tanto mal Que surge por todo o lado E é flagelo mundial!
--	--	--

E os pastores com pesar Já não levam o seu gado Tiveram de procurar Água boa noutro lado.	E o fumo poluidor Envenena todo o ar Mudando tudo de cor Impedindo o respirar.	Chama-se poluição Ataca o ar e as águas E até corta o coração De quem sofre tantas mágoas!...
--	---	--

As suas margens floridas  
Já não têm seu espelho  
Ficaram secas, doridas  
Chorando seu rio velho!



Adriano de Cruz Guimarães,  
Salvem o Rio,  
Fiquinhos (adaptado)

Procura no dicionário o significado das palavras que descorcheas.

Pois por onde o rio passa  
Toda a aldeia já diz  
Há um cheiro de tal raça  
Que só tapando o nariz!

E o fumo poluidor  
Envenena todo o ar  
Mudando tudo de cor  
Impedindo o respirar

De pessoas e animais  
E as lindas borboletas  
Fugindo cada vez mais  
Já levam as asas pretas!

Os passarinhos coitados  
Com os pulmões a abafar  
Batem as asas assustados  
Mas já mal podem voar!...

Está triste o povoado  
Por causa de tanto mal  
Que surge por todo o lado  
E é flagelo mundial!

Chama-se poluição  
Ataca o ar e as águas  
E até corta o coração  
De quem sofre tantas mágoas!...

Adriana da Cruz Guimarães, *Salvem os Rios*, Figueirinhas, 1991

## A ambição das luas

Do seu casamento com o Sol, teve a Lua várias filhas, qual delas a mais bela e a mais dotada para as artes. Mas o que tinham de virtude, também tinham de ambição. Eram belas e brancas como a mãe e luminosas como o pai; sabiam tocar harpa, flauta e cítara e não acreditavam que alguém pudesse ter tantos dotes como elas.

Um dia, quando ensaiavam uma peça musical para a festa anual dos astros, passou por elas um cometa, veloz e nervoso como só os cometas costumam ser, e desassossegou-as com estas palavras:

– Vocês têm talentos de mais para passarem o resto das vossas vidas à sombra de uma mãe, pálida e triste, que ainda por cima está a envelhecer. Juntem-se e ocupem o vosso lugar no firmamento. Com a ajuda do Sol, podem controlar a vida na Terra e ser adoradas pelos homens, que tudo farão para vos agradar. Nada há-de faltar-vos.

Cegas pela ambição, puseram de lado os instrumentos de música, e escolheram a mais atrevida e ríspida para impor condições à pobre Lua, que se afadigava para lhes dar a melhor educação e uma vida sem preocupações.

– Mãe, chegou a altura de nos dares o teu lugar no céu. Estás velha e cansada, e nós, que somos jovens, podemos encher o céu de música e de fantasia.

A Lua ouviu em silêncio aquilo que as filhas tinham para lhe comunicar e, sem deixar transparecer a sua mágoa por ter sido vítima de tamanha ingratidão, respondeu-lhes com a serenidade branca do luar:

– Minhas filhas, está ainda muito distante o dia em que deixarei o lugar que ocupo. A noite precisa de mim para se iluminar. O Sol, vosso pai, precisa de mim para velar enquanto ele dorme, e a Terra, minha irmã mais velha, precisa de mim, neste ponto avançado do céu, para governar as marés e as colheitas. Portanto, não é ainda tempo de me retirar.

E acrescentou, sempre no mesmo tom conciliador:

– Não sei de onde vos veio tão estranha ideia, mas acredito que foi fruto do vosso ócio, ou seja, do muito tempo que passam aqui no céu sem qualquer



## A ambição das luas

Do seu casamento com o Sol, teve a Lua várias filhas, qual delas a mais bela e a mais dotada para as artes. Mas o que tinham de virtude, também tinham de ambição. Eram belas e brancas como a mãe e luminosas como o pai; sabiam tocar harpa, flauta e cítara e não acreditavam que alguém pudesse ter tantos dotes como elas.

Um dia, quando ensaiavam uma peça musical para a festa anual dos astros, passou por elas um cometa, veloz e nervoso como só os cometas costumam ser, e desassossegou-as com estas palavras:

– Vocês têm talentos de mais para passarem o resto das vossas vidas à sombra de uma mãe, pálida e triste, que ainda por cima está a envelhecer. Juntem-se e ocupem o vosso lugar no firmamento. Com a ajuda do Sol, podem controlar a vida na Terra e ser adoradas pelos homens, que tudo farão para vos agradar. Nada há-de faltar-vos.

Cegas pela ambição, puseram de lado os instrumentos de música, e escolheram a mais atrevida e ríspida para impor condições à pobre Lua, que se afadigava para lhes dar a melhor educação e uma vida sem preocupações.

– Mãe, chegou a altura de nos dares o teu lugar no céu. Estás velha e cansada, e nós, que somos jovens, podemos encher o céu de música e de fantasia.

A Lua ouviu em silêncio aquilo que as filhas tinham para lhe comunicar e, sem deixar transparecer a sua mágoa por ter sido vítima de tamanha ingratidão, respondeu-lhes com a serenidade branca do luar:

– Minhas filhas, está ainda muito distante o dia em que deixarei o lugar que ocupo. A noite precisa de mim para se iluminar. O Sol, vosso pai, precisa de mim para velar enquanto ele dorme, e a Terra, minha irmã mais velha, precisa de mim, neste ponto avançado do céu, para governar as marés e as colheitas. Portanto, não é ainda tempo de me retirar.

ocupação. Acho, pois, que é chegada a altura de vos dar uma ocupação. Vou mandá-las para a Terra, para o meio dos oceanos, para servirem de porto de abrigo aos navegadores que andam meses a fio sem encontrar terra que os abrigue. Quando aprenderem esta lição, poderão voltar, mas levará muito tempo até que isso aconteça, porque as verdadeiras lições levam muito tempo até serem aprendidas para o resto da vida. Deixarão de ser pequenas luas, para serem criaturas adultas ao serviço das outras.

Sem terem outro remédio que não fosse o de acatarem a vontade da Lua, partiram para a Terra e ocuparam os seus lugares nos vários oceanos.

E foi assim, que, no meio dos vários mares que existem no nosso planeta, nasceram as ilhas.

José Jorge Letria, *Lendas do mar*, Terramar, 2003

1

E acrescentou, sempre no mesmo tom conciliador:

– Não sei de onde vos veio tão estranha ideia, mas acredito que foi fruto do vosso ócio, ou seja, do muito tempo que passam aqui no céu sem qualquer ocupação. Acho, pois, que é chegada a altura de vos dar uma ocupação. Vou mandá-las para a Terra, para o meio dos oceanos, para servirem de porto de abrigo aos navegadores que andam meses a fio sem encontrar terra que os abrigue. Quando aprenderem esta lição, poderão voltar, mas levará muito tempo até que isso aconteça, porque as verdadeiras lições levam muito tempo até serem aprendidas para o resto da vida. Deixarão de ser pequenas luas, para serem criaturas adultas ao serviço das outras.

Sem terem outro remédio que não fosse o de acatarem a vontade da Lua, partiram para a Terra e ocuparam os seus lugares nos vários oceanos.

E foi assim, que, no meio dos vários mares que existem no nosso planeta, nasceram as ilhas.

José Jorge Letria, *Lendas do mar*, Terramar, 4.ª edição, 2003 (revisão)

1. Completa de acordo com o texto.

As várias filhas da Lua tinham muitas virtudes, mas eram também muito \_\_\_\_\_.

As luas

- eram \_\_\_\_\_ como a mãe.
- eram \_\_\_\_\_ como o pai.
- tocavam \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

2. Lê o segundo parágrafo do texto. Transcreve os adjectivos que caracterizam o cometa.

\_\_\_\_\_ ← cometa → \_\_\_\_\_

3. Assinala com X a opção que respeita o sentido do texto.

As várias luas puseram de lado os instrumentos de música e foram falar com a mãe, porque:

- estavam cansadas.
- o cometa as desassossejou e encheu de ambição.
- resolveram partir.

15

### Texto no livro do autor

(...)

O nevoeiro da noite ainda não se tinha levantado e tudo estava envolvido numa grande nuvem branca e suspensa. As árvores pareciam flutuar e o fundo dos caminhos não se via. O ar estava maravilhosamente perfumado a Outono, a maçã e a alecrim.

Saltando e correndo Isabel dirigiu-se para o pequeno bosque. Ia tão apressada que nem se lembrava de comer o pão que levava na mão. Ia cheia de curiosidade e de medo pois temia que alguém tivesse destruído a sua obra.

Mas quando chegou em frente do velho tronco sorriu de alegria. A casa estava intacta com o telhado de casca de plátano muito bem coberto de musgo e a porta de cana muito bem fechada. E tinha um ar extraordinariamente sossegado e confortável.

Isabel ajoelhou-se no chão e com cuidado abriu a porta.

Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas e abertas no ar.

Durante alguns momentos o seu espanto foi tão grande que nem se podia mexer, nem podia pensar no que via.

Depois, devagar, esfregou os olhos. Abriu-os muito e murmurou:

– Estou a sonhar!

Pois dentro da casa tinha acontecido uma coisa extraordinária e incrível:

Em cima da cama estava deitado um verdadeiro anão.

Esse anão dormia. E dormia tão profundamente que até ressonava. A sua cara era vermelha como um morango e as pontas da sua longa barba tocavam no chão.

No meio do seu espanto Isabel sentia uma grande alegria e uma grande ternura. Pensando bem parecia-lhe que durante toda a sua vida tinha estado sempre à espera daquele anão. Encontrá-lo agora, ali, era uma coisa muito extraordinária mas também muito simples.

Mediu-o com o olhar e calculou que ele devia ter exactamente um palmo de altura.

– Os anões ainda são mais pequenos do que eu imaginava – pensou ela.

Apetecia-lhe acordá-lo pois tinha a maior curiosidade de saber se ele falava e em que língua. Temia que existisse uma língua dos anões que ela não fosse capaz de entender. Pensou chamar baixinho por ele:

– Senhor anão!

### Texto no manual 4 – 4º ano, pp. 36, 37

De que tamanho somos

Gosto de ouvir/Gosto de falar

- ▶ Já algum dia pensaste construir uma pequena casa num tronco de árvore?
- ▶ Quem gostarias de ter lá dentro?

Gosto de ler

- ▶ Lê o texto.



#### O anão

O nevoeiro da noite ainda não se tinha levantado e tudo estava envolvido numa grande nuvem branca e suspensa. As árvores pareciam flutuar e o fundo dos caminhos não se via. O ar estava maravilhosamente perfumado a Outono, a maçã e a alecrim.

Saltando e correndo Isabel dirigiu-se para o pequeno bosque. Ia tão apressada que nem se lembrava de comer o pão que levava na mão. Ia cheia de curiosidade e de medo pois temia que alguém tivesse destruído a sua obra.

Mas quando chegou em frente do velho tronco sorriu de alegria. A casa estava intacta com o telhado de casca de plátano muito bem coberto de musgo e a porta de cana muito bem fechada. E tinha um ar extraordinariamente sossegado e confortável.

Isabel ajoelhou-se no chão e com cuidado abriu a porta.

Aquilo que viu deixou-a imóvel, muda, com a boca aberta, com os olhos esbugalhados e as mãos erguidas e abertas no ar.

Durante alguns momentos o seu espanto foi tão grande que nem se podia mexer, nem podia pensar no que via.

Depois, devagar, esfregou os olhos. Abriu-os muito e murmurou:

– Estou a sonhar!

Pois dentro da casa tinha acontecido uma coisa extraordinária e incrível:

Em cima da cama estava deitado um verdadeiro anão.

Esse anão dormia. E dormia tão profundamente que até ressonava. A sua cara era vermelha como um morango e as pontas da sua longa barba tocavam no chão.

Mas teve medo de o assustar. E resolveu esperar que ele acordasse.  
(...)

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A floresta*, Figueirinhas, 23.ª ed., 1994 (excerto)

**3**

No meio do seu espanto Isabel sentia uma grande alegria e uma grande ternura. Pensando bem parecia-lhe que durante toda a sua vida tinha estado sempre à espera daquele anão. Encontrá-lo agora, ali, era uma coisa extraordinária mas também muito simples. Mediu-o com o olhar e calculou que ele devia ter exactamente um palmo de altura.

– Os anões ainda são mais pequenos do que eu imaginava – pensou ela.

Apetecia-lhe acordá-lo pois tinha a maior curiosidade de saber se ele falava e em que língua. Temia que existisse uma língua dos anões que ela não fosse capaz de entender. Pensou chamar baixinho por ele:

– Senhor anão!

Mas teve medo de o assustar. E resolveu esperar que ele acordasse.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A floresta*, Figueirinhas, 23.ª ed., 1994 (excerto)

1. Completa de acordo com o texto.

A acção da história aconteceu numa \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Isabel encontrou na casa um \_\_\_\_\_ que \_\_\_\_\_ profundamente. Admirada, descobriu que os anões ainda eram \_\_\_\_\_ do que ela pensava.

2. Transcreve do texto a frase que nos transmite uma sensação olfactiva.

\_\_\_\_\_

3. De entre as afirmações apresentadas, umas são verdadeiras e outras são falsas. Assinala com X as que, em relação ao texto, são verdadeiras (V) e as que são falsas (F).

	V	F
Isabel, nesse dia, levantou-se tarde e dirigiu-se para o bosque.		
Depois de tomar o pequeno-almoço, foi para a escola toda contente.		
Isabel ia com receio porque temia ver a sua obra destruída.		

4. Descreve a casa que Isabel construiu.

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

5. Responde.

• Isabel abriu a porta da casa e pensou que estava a sonhar. Porquê?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

37

## O Caranguejo Verde

No grande mar azul, junto às grandes rochas roídas pelas ondas e pelo vento, vivia um pequeno caranguejo verde. Gastava o dia a trepar pelas muralhas de pedra, em correrias desengonçadas. De tão desajeitado, todos troçavam dele.

Voavam as brancas gaivotas no ar e no seu vôo liso, pareciam preguiçosas bailarinas cansadas de dançar. Às vezes pousavam nas rochas negras; o pequeno caranguejo ficava a olhá-las, enquanto penteavam as longas penas finas, brancas, com vaidade de quem se sente belo e admirado. As penas velhas caíam sobre as pedras, mas mesmo essas eram ainda tão leves e macias que o caranguejo verde, de casca dura, rugosa sonhava ter um vestido assim lindo, leve, branco como uma espuma, um vestido que o fizesse voar.

Então, em segredo, todas as noites, quando os bichos dormiam e as próprias estrelas piscavam os olhos de sono, o pequeno caranguejo saía da sua toca para apanhar as penas caídas. Tantas foi juntando, tantas e tão belas, que o feio esconderijo de pedra mais parecia um ninho de pássaros.

Já ninguém agora via o caranguejo trepar pelos rochedos, arrastado e triste, pois o seu prazer era unir as penas, de forma a arranjar um vestido da mais fina penugem, com longas asas brancas como as das gaivotas, para parecer uma delas.

– Que será feito do caranguejo verde? – perguntavam as algas.

– Nunca mais se viu... Terá fugido com vergonha de ser tão feio – respondiam os peixes e as ondas brincalhonas ficavam a cantarolar:

Caranguejo  
não te vejo  
caranguejo  
não te vejo

O caranguejo fingia nada ouvir, continuando a trabalhar no seu disfarce.  
(...)

Luísa Ducla Soares, *Histórias de bichos*, Livros Horizonte, 1981 (excerto)

Tanto mar...

Gosto de ler

▶ Lê o texto.



No grande mar azul, junto às grandes rochas roídas pelas ondas e pelo vento, vivia um pequeno caranguejo verde. Gastava o dia a trepar pelas muralhas de pedra, em correrias desengonçadas. De tão desajeitado, todos troçavam dele.

Voavam as brancas gaivotas no ar e no seu vôo liso pareciam preguiçosas bailarinas cansadas de dançar. Às vezes pousavam nas rochas negras; o pequeno caranguejo ficava a olhá-las, enquanto penteavam as longas penas finas, brancas, com vaidade de quem se sente belo e admirado. As penas velhas caíam sobre as pedras, mas mesmo essas eram ainda tão leves e macias que o caranguejo verde, de casca dura, rugosa, sonhava ter um vestido assim lindo, leve, branco como uma espuma, um vestido que o fizesse voar.

Então, em segredo, todas as noites, quando os bichos dormiam e as próprias estrelas piscavam os olhos de sono, o pequeno caranguejo saía da sua toca para apanhar as penas caídas. Tantas foi juntando, tantas e tão belas, que o feio esconderijo de pedra mais parecia um ninho de pássaros.

Já ninguém agora via o caranguejo trepar pelos rochedos, arrastado e triste, pois o seu prazer era unir as penas, de forma a arranjar um vestido da mais fina penugem, com longas asas brancas como as das gaivotas, para parecer uma delas.

– Que será feito do caranguejo verde? – perguntavam as algas.

– Nunca mais se viu... terá fugido com vergonha de ser tão feio – respondiam os peixes e as ondas brincalhonas ficaram a cantarolar:

caranguejo  
não te vejo  
caranguejo  
não te vejo

O caranguejo fingia nada ouvir, continuando a trabalhar no seu disfarce.

Luísa Ducla Soares, *Histórias de bichos*, Livros Horizonte, 1981 (excerto)

### Texto no livro do autor

(...)

No primeiro dia da viagem, logo ao princípio, eles tinham deixado para trás a Terra e, enquanto observavam o seu planeta, Lydia chamou-lhes a atenção para um espectáculo triste e preocupante, que dali se via perfeitamente bem. Lá em baixo, sobre a Terra, longas colunas de fumo cor de chumbo elevavam-se para o céu, ocultando o verde que estava por debaixo delas: eram as «queimadas», os terríveis incêndios sobre as florestas, que os homens ateavam propositadamente e que, aos poucos, iam tornando mais pobre o planeta e mais raro o oxigénio de que todos precisavam para viver. Também sobre as cidades, um halo cor-de-rosa, às vezes avermelhado, mostrava a poluição atmosférica, que tornava o ar envenenado e fazia aquecer todo o planeta, porque destruía a camada de ozono que protege a Terra do excesso de calor do sol. De ano para ano, os cientistas vinham notando que o buraco na camada de ozono, provocado pela poluição e pelos incêndios, tornava a Terra mais quente e mais indefesa: chovia menos nas zonas temperadas, os rios secavam e as culturas morriam; o deserto avançava para áreas até aí férteis e secava tudo à roda; os gelos eternos das mais altas montanhas e os icebergues dos pólos derretiam aos poucos, engrossando o volume das águas do mar, que engoliam as povoações costeiras, obrigando as populações a recuar para o interior. O clima mudava e os homens mais inteligentes da Terra não tinham respostas para o problema nem os seus avisos tinham força para convencer os dirigentes e os gananciosos.

(...)

Miguel Sousa Tavares, *Planeta Branco*, Oficina do Livro, 1.ª ed., 2005 (excerto)

### Texto no manual 4 – 4º ano, p. 94

#### Vidas e aventuras

#### Gosto de ouvir / Gosto de falar

- › Já ouviste falar no “buraco” do ozono?
- › Dialoga com os teus colegas sobre as consequências desta situação.

#### Gosto de ler

- › Lê o texto.

#### Um olhar do Espaço



No primeiro dia da viagem, logo ao princípio, eles tinham deixado para trás a Terra e, enquanto observavam o seu planeta, Lydia chamou-lhes a atenção para um espectáculo triste e preocupante, que dali se via perfeitamente bem. Lá em baixo, sobre a Terra, longas colunas de fumo cor de chumbo elevavam-se para o céu, ocultando o verde que estava por debaixo delas: eram as “queimadas”, os terríveis incêndios sobre as florestas, que os homens ateavam propositadamente e que, aos poucos, iam tornando mais pobre o planeta e mais raro o oxigénio de que todos precisam para viver. Também sobre as cidades, um halo cor-de-rosa, às vezes avermelhado, mostrava a poluição atmosférica, que tornava o ar envenenado e fazia aquecer todo o planeta, porque destruía a camada de ozono que protege a Terra do excesso de calor do Sol. De ano para ano, os cientistas vinham notando que o buraco na camada de ozono, provocado pela poluição e pelos incêndios, tornava a Terra mais quente e mais indefesa: Chovia menos nas zonas temperadas, os rios secavam e as culturas morriam; o deserto avançava para áreas até aí férteis e secava tudo à roda; os gelos eternos das mais altas montanhas e os icebergues dos pólos derretiam aos poucos, engrossando o volume das águas do mar, que engoliam as povoações costeiras, obrigando as populações a recuar para o interior. O clima mudava e os homens mais inteligentes da Terra não tinham respostas para o problema nem os seus avisos tinham força para convencer os dirigentes e os gananciosos.

Miguel Sousa Tavares, *Planeta Branco*, Oficina do Livro, 2005 (excerto)

## Noite, dia

Escuta.

É uma cidade de chuva  
embrulhada no seu vento  
na sua água

uma cidade de vento  
embrulhada na água da sua chuva

uma cidade de água  
embrulhada na sua névoa

uma cidade de névoa  
embrulhada no seu vento

na sua água  
na sua noite

onde o sol acorda de manhã  
seca a água  
varre a névoa  
e pede ao vento  
com toda a habilidade:

– Por favor, vai brincar  
para outra cidade.

João Pedro Mésseder, *Versos com reversos*, Col. Livros do Dia e da Noite, Editorial Caminho, 2001

### Gosto de ler

▶ Lê o texto.

## Noite, dia

Escuta.

É uma cidade de chuva  
embrulhada no seu vento  
na sua água

uma cidade de vento  
embrulhada na água da sua chuva

uma cidade de água  
embrulhada na sua névoa

uma cidade de névoa  
embrulhada no seu vento

na sua água  
na sua noite

onde o sol acorda de manhã  
seca a água  
varre a névoa  
e pede ao vento  
com toda a habilidade:

– Por favor, vai brincar  
para outra cidade.

João Pedro Mésseder, Versos com reversos,  
Col. Livros do Dia e da Noite, Editorial Caminho, 2001



1. Completa de acordo com o texto.



## Lenda do Verão de S. Martinho

Num dia de tempestuoso, ia S. Martinho, valoroso soldado, montado no seu cavalo, quando viu um mendigo quase nu, e a tremer de frio, que lhe estendia a mão suplicante e gelada.

S. Martinho não hesitou: parou o cavalo, pôs a sua mão carinhosamente na do pobre e, em seguida, com a espada cortou ao meio a sua capa de militar, dando metade ao mendigo.

E, apesar de mal agasalhado e de chover torrencialmente, preparava-se para continuar o caminho, cheio de felicidade.

Mas, subitamente, a tempestade desfez-se, o céu ficou límpido e um sol de estio inundou a terra de luz e calor.

Diz-se que Deus, para que se não apagasse da memória dos homens o acto de bondade praticado pelo Santo, diz-se que todos os anos, nessa mesma época, cessa por alguns dias o tempo frio, e o céu fica azul e a terra sorriem com a bênção dum sol reaparece quente e miraculoso.

É o Verão de S. Martinho.

Fernando Cardoso, *Flores Para Crianças*, PortugalMundo, 32.ª ed., 2000

## VERÃO DE S. MARTINHO

Num dia de tempestade, ia S. Martinho, valoroso soldado, montado no seu cavalo, quando viu um mendigo quase nu, tremendo de frio, que lhe estendia a mão.

S. Martinho não hesitou: parou o cavalo e pôs a sua mão, carinhosamente, na do pobre. Em seguida, com a espada cortou a meio a sua capa de militar, dando metade ao mendigo.

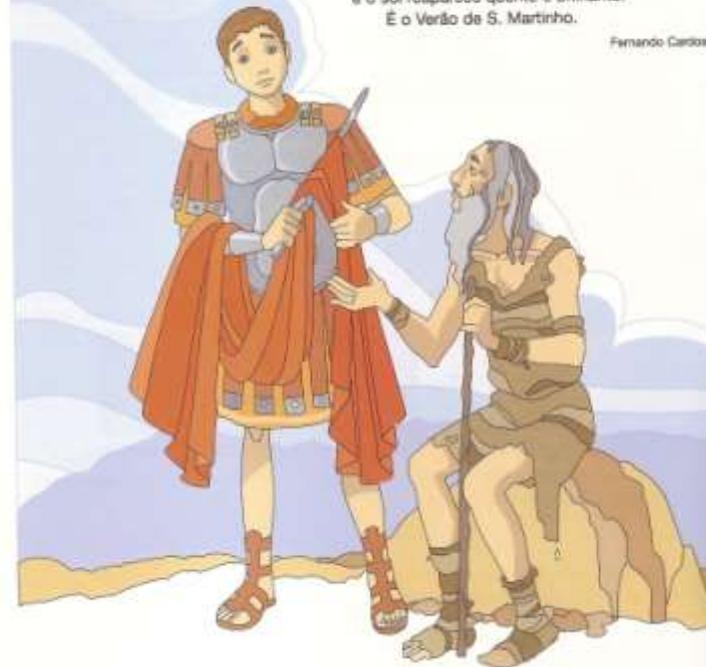
Apesar de mal agasalhado e de chover torrencialmente, o cavaleiro continuou o seu caminho, cheio de felicidade.

Mas, subitamente, a tempestade desfez-se. O céu ficou límpido. E um sol de Estio inundou a terra de luz e calor.

Para que nunca se apague da memória dos homens este acto de bondade praticado pelo cavaleiro, diz-se que nessa mesma época, todos os anos, cessa por alguns dias o tempo frio. O céu fica azul e o sol reaparece quente e brilhante.

É o Verão de S. Martinho.

Fernando Cardoso



### Texto no livro do autor

(...)

«Como é que hei-de encontrar o caminho?», perguntava ela.

E levantou a cabeça.

Então viu que no céu, lentamente, uma estrela caminhava.

«Esta estrela parece um amigo», pensou ela.

E começou a seguir a estrela.

Até que penetrou no pinhal. Então num instante as sombras fizeram uma roda à sua volta. Eram enormes, verdes, roxas, pretas e azuis, e dançavam com grandes gestos. E a brisa passava entre as agulhas dos pinheiros, que pareciam murmurar frases incompreensíveis. E vendo-se assim rodeada de vozes e de sombras Joana teve medo e quis fugir. Mas viu que no céu, muito alto, para além de todas as sombras, a estrela continuava a caminhar. E seguiu a estrela.

Já no meio do pinhal pareceu-lhe ouvir passos.

«Será um lobo?», pensou.

Parou a escutar. O barulho dos passos aproximava-se. Até que viu surgir entre os pinheiros um vulto muito alto que vinha caminhando ao seu encontro.

«Será um ladrão?», pensou.

Mas o vulto parou na sua frente e ela viu que era um rei.

Tinha na cabeça uma coroa de ouro e dos seus ombros caía um longo manto azul todo bordado de diamantes.

– Boa noite – disse a Joana.

– Boa noite – disse o rei – Como te chamas?

– Eu, Joana – disse ela.

– Eu chamo-me Melchior – disse o rei.

E perguntou:

– Onde vais sozinha a esta hora da noite?

– Vou com a estrela – disse ela.

– Também eu – disse o rei –, também eu vou com a estrela.

E juntos seguiram através do pinhal.

E de novo Joana ouviu passos. E um vulto surgiu entre as sombras da noite.

Tinha na cabeça uma coroa de brilhantes e dos seus ombros caía um grande manto vermelho coberto de muitas esmeraldas e safiras.

### Texto no manual 5 – 4º ano, pp. 60, 61

#### AO ENCONTRO DO PRESÉPIO



«Como é que hei-de encontrar o caminho?», perguntava ela. E levantou a cabeça. Então viu que no céu, lentamente, uma estrela caminhava.

«Esta estrela parece um amigo», pensou ela. E começou a seguir a estrela.

Até que penetrou no pinhal.

Já no meio do pinhal pareceu-lhe ouvir passos.

«Será um lobo?», pensou.

Um vulto parou à sua frente e ela viu que era um rei.

Tinha na cabeça uma coroa de ouro e dos seus ombros caía um longo manto azul todo bordado de diamantes.

– Boa noite – disse a Joana.

– Boa noite – disse o rei – Com te chamas?

– Eu, Joana – disse ela.

– Eu chamo-me Melchior – disse o rei.

E perguntou:

– Onde vais sozinha e esta hora da noite?

– Vou com a estrela – disse ela.

– Também eu – disse o rei –, também eu vou com a estrela.

E juntos seguiram através do pinhal.

E de novo Joana ouviu passos. E um vulto surgiu entre as sombras da noite.

Tinha na cabeça uma coroa de brilhantes e dos seus ombros caía um grande manto vermelho coberto de muitas esmeraldas e safiras.

Boa noite – disse ela. – Chamo-me Joana e vou com a estrela.

– Também eu – disse o rei –, também eu vou com a estrela e o meu nome é Gaspar.

E seguiram juntos através dos pinhais. E mais uma vez Joana ouviu um barulho de passos e um terceiro vulto surgiu entre as sombras azuis e os pinheiros escuros.

Tinha na cabeça um turbante branco e dos seus ombros caía um longo manto verde bordado de pérolas. A sua cara era preta.

– Boa noite – disse ela. – O meu nome é Joana. E vamos com a estrela.

– Também eu – disse o rei – caminho com a estrela e o meu nome é Baltasar.

E juntos seguiram os quatro através da noite.

No chão os galhos secos estalavam sob os passos, a brisa murmurava entre as árvores e os grandes mantos bordados dos três reis do oriente brilhavam entre as sombras verdes, roxas e azuis.

Já quase no fundo dos pinhais viram ao longe uma claridade. E sobre essa claridade a estrela parou. E continuaram a caminhar.

Até que chegaram ao lugar onde a estrela tinha parado e Joana viu um casebre sem porta. Mas não viu escuridão, nem sombra, nem tristeza, pois o casebre estava cheio de claridade, porque o brilho dos anjos o iluminava.

E Joana viu o seu amigo Manuel. Estava deitado nas palhas entre a vaca e o burro e dormia sorrindo.

Boa noite – disse ela –. Chamo-me Joana e vou com a estrela.  
– Também eu – disse o rei –, também eu vou com a estrela e o meu nome é Gaspar.

E seguiram juntos através dos pinhais. E mais uma vez Joana ouviu um barulho de passos e um terceiro vulto surgiu entre as sombras azuis e os pinheiros escuros.

Tinha na cabeça um turbante branco e dos seus ombros caía um longo manto verde bordado de pérolas. A sua cara era preta.

– Boa noite – disse ela. – O meu nome é Joana. E vamos com a estrela.  
– Também eu – disse o rei – caminho com a estrela e o meu nome é Baltasar.

E juntos seguiram os quatro através da noite.

No chão os galhos secos estalavam sob os passos, a brisa murmurava entre as árvores e os grandes mantos bordados dos três reis do Oriente brilhavam entre as sombras verdes, roxas e azuis.

Já quase no fundo dos pinhais viram ao longe uma claridade. E sobre essa claridade a estrela parou.

**E continuaram a caminhar.**

Até que chegaram ao lugar onde a estrela tinha parado e Joana viu um casebre sem porta. Mas não viu escuridão, nem sombra, nem tristeza. Pois o casebre estava cheio de claridade, porque o brilho dos anjos o iluminava.

E Joana viu o seu amigo Manuel. Estava deitado nas palhas entre a vaca e o burro e dormia sorrindo.

Em sua roda, ajoelhados no ar, estavam os anjos. O seu corpo não tinha nenhum peso e era feito de luz sem nenhuma sombra.

E com as mãos postas os anjos rezavam ajoelhados no ar.

Era assim, à luz dos anjos, o Natal de Manuel.

– Ah – disse Joana –, aqui é como no presépio!

– Sim – disse o rei Baltasar –, aqui é como no presépio.

Então Joana ajoelhou-se e poisou no chão os seus presentes.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Noite de Natal*, Figueirinhas, s.d.



Em sua roda, ajoelhados no ar, estavam os anjos. O seu corpo não tinha nenhum peso e era feito de luz sem nenhuma sombra.

E com as mãos postas os anjos rezavam ajoelhados no ar.

Era assim, à luz dos anjos o Natal do Manuel.

– Ah – disse Joana –, aqui é como no presépio!

– Sim – disse o rei Baltazar –, aqui é como o presépio.

Então Joana ajoelhou-se e poisou no chão os seus presentes.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A noite de Natal*

1 Onde se passa a acção descrita no texto?

\_\_\_\_\_

2 Transcreve do texto as palavras que te permitem situar a acção do texto num determinado momento do dia.

\_\_\_\_\_

3 Indica as diferenças que Joana observou nos três reis.

\_\_\_\_\_

4 A estrela guiava-os. Diz onde parou e o que viu Joana nesse local.

\_\_\_\_\_



## Funcionamento da Língua

### DETERMINANTES ARTIGOS

Os determinantes colocam-se antes do nome e ajudam a caracterizá-lo.

Dentro da classe dos determinantes há várias subclasses: artigos; demonstrativos; possessivos;...

#### ARTIGOS

	Definidos		Indefinidos	
	Sing.	Plural	Sing.	Plural
mas.	o	os	um	umas
fem.	a	as	um	umas

#### Determinantes artigos

1. O aluno leu o livro.

2. Um aluno leu um livro.

Na 1: frase, tanto o aluno como o livro aparecem identificados, são apresentados como conhecidos (não é qualquer aluno ou qualquer livro). O determinante o é um **artigo definido**.

Na 2: frase, tanto o aluno como o livro aparecem como não identificados. O determinante um é um **artigo indefinido**.

### Texto no livro do autor

Navegavam pelo espaço há vários dias, dentro da sua pequena nave branca – *Ítaca-3000*. Tinham sido lançados do coração de África para o espaço, do calor de África para o frio que reinava lá fora. Um foguetão transportara a nave até ao limite da atmosfera terrestre e daí, com um último rugido dos seus potentes motores, empurrara a pequena nave para diante e desintegrara-se a si próprio.

A *Ítaca-3000* ficara sozinha na imensidão de um céu que era luminoso de dia, quando navegavam no quadrante do Sol, e escuro como breu durante a noite. Depois da separação do foguetão e dos solavancos que se seguiram, parecendo que a nave se ia partir aos bocados, tudo ficou silencioso e quieto a bordo. À medida que se soltavam da órbita da Terra e, com o motor auxiliar desligado, deslizavam tranquilamente como se viajassem numa estrada de espuma.

Os três astronautas espreitaram pelas pequenas janelas laterais de bordo, a que chamavam escotilhas, vendo ao longe a Terra a desaparecer aos poucos, tornando-se cada vez mais distante e mais pequena, as manchas castanhas dos vales e planícies, as manchas verdes das florestas, as manchas cinzentas das cidades que de noite se iluminavam como um presépio visto ao longe e as manchas brancas das nuvens e das neves eternas que cobriam os cumes das mais altas montanhas. E, por entre todas as outras cores, o azul dos mares e oceanos, parecendo, dali de cima, formar pequenas baías como poças de água entre a areia e as rochas de uma praia.

Lucas era o mais velho e, por isso, o chefe da missão. Tinha o cabelo castanho e uns olhos verdes muito calmos, que às vezes pareciam tristes, outras vezes pareciam apenas preocupados. Falava pouco e passava a maior parte do tempo entretido a verificar todos os aparelhos e os indicadores de bordo, a confirmar no computador que tudo estava certo – a rota, a altitude, a velocidade, a inclinação, os painéis solares que davam energia à nave, o sistema de comunicações com Terra, os lemes laterais, que serviam para mudar de direcção ou de altitude. Duas vezes ao dia – quando amanhecia na nave e logo antes de o Sol se pôr para eles –, Lucas entrava em comunicação com a base de Terra e fazia um relato completo de tudo o que tinha sucedido a bordo e que observara. Então, a base fazia-o testar os sistemas todos, para confirmar que tudo estava em ordem e que a viagem podia prosseguir, como planeado.

### Texto no manual 5 – 4º ano, p. 74

#### UMA VIAGEM AO ESPAÇO

Navegavam pelo espaço há vários dias, dentro da sua pequena nave branca – *Ítaca-3000*. Tinham sido lançados do coração de África para o espaço, do calor de África para o frio que reinava lá fora. Um foguetão transportava a nave até ao limite da atmosfera terrestre e daí, com um último rugido dos seus potentes motores, empurrava a pequena nave para diante e desintegrava-se a si próprio.

A *Ítaca-3000* ficara sozinha na imensidão de um céu que era luminoso de dia, quando navegavam no quadrante do Sol, e escuro como breu durante a noite. Depois da separação do foguetão e dos solavancos que se seguiram, parecendo que a nave se ia partir aos bocados, tudo ficou silencioso e quieto a bordo. À medida que se soltavam da órbita da Terra e, com o motor auxiliar desligado, deslizavam tranquilamente como se viajassem numa estrada de espuma.

Os três astronautas espreitavam pelas pequenas janelas laterais de bordo, a que chamavam escotilhas, vendo ao longe a Terra a desaparecer aos poucos, tornando-se cada vez mais distante e mais pequena.

Lucas era o mais velho e, por isso, o chefe da missão. Tinha o cabelo castanho e uns olhos verdes muito calmos, que às vezes pareciam tristes, outras vezes pareciam apenas preocupados. Falava pouco e passava a maior parte do tempo entretido a verificar todos os aparelhos e os indicadores de bordo, a confirmar no computador que tudo estava certo.

Lydia era o piloto auxiliar e navegadora. Cabia-lhe a missão de substituir Lucas, se este adoecesse ou por qualquer outra razão estivesse incapaz de dirigir a nave. Era uma rapariga vietnamita, de olhos oblíquos, cabelo curto escuro como breu, muito arrumada e organizada e que passava todos os tempos livres a ouvir música nos seus auscultadores.

O terceiro astronauta era Baltazar, o mais novo deles, negro de Moçambique, que desempenhava as funções de engenheiro de bordo. Era ele que tinha de reparar todas as avarias que acontecessem nos sistemas e, por isso, passava o tempo todo a testar a quantidade imensa de equipamentos que havia a bordo da *Ítaca*. Mas Baltazar era um brincalhão que nunca conseguia estar quieto. Adorava passear-se pelo espaço reduzido da nave, flutuando do ar, devido da gravidade.

Miguel Sousa Tavares, *O Planeta Branco*

Lydia era a piloto auxiliar e navegadora. Cabia-lhe a missão de substituir Lucas, se este adoecesse ou por qualquer outra razão estivesse incapaz de dirigir a nave. E era também ela que a todo o instante actualizava os cálculos sobre a navegação, conferindo-os com os do computador, e quem anunciava aos outros onde estavam e que astros e planetas poderiam ver se espreitassem pela escotilha. Era uma rapariga vietnamita, de olhos oblíquos, cabelo curto escuro como breu, muito arrumada e organizada e que passava todos os tempos livres a ouvir música nos seus auscultadores.

O terceiro astronauta era Baltazar, o mais novo deles, negro de Moçambique, que desempenhava as funções de engenheiro de bordo. Era ele que tinha de reparar todas as avarias que acontecessem nos sistemas e, por isso, passava o tempo todo a testar a quantidade imensa de equipamentos que havia a bordo da *Ítaca*. Mas Baltazar era um brincalhão que nunca conseguia estar quieto. Adorava passear-se pelo espaço reduzido da nave, flutuando no ar, devido à ausência de gravidade, que faz com que os corpos não tenham peso e fiquem suspensos no ar, a menos que, como sucedia habitualmente com os astronautas, estivessem sentados e atados pelo cinto de segurança às cadeiras. (...)

Miguel Sousa Tavares, *O Planeta Branco*, Oficina do Livro, 1.ª ed., 2005

## Boa sentença

Um homem rico, mas avarento, tinha perdido dentro de um alforge uma quantia em ouro bastante avultada. Anunciou que daria cem mil-réis de alvissaras a quem lhe trouxesse. Apresentou-se-lhe em casa um honrado camponês, levando o alforge. O nosso homem contou o dinheiro, e disse:

– Deviam ser oitocentos mil-réis, que foi a quantia que eu perdi; no alforge encontro apenas setecentos; vejo, meu amigo, que recebeste adiantado os cem mil-réis de alvissaras; estamos pagos por conseguinte.

O bom camponês, que nem por sombras tocara no dinheiro, não podia nem devia contentar-se com semelhantes agradecimentos. Foram ter com o juiz, que vendo a má fé do avarento, deu a seguinte sentença:

– Um de vós perdeu oitocentos mil-réis; o outro encontrou um alforge apenas com setecentos. Resulta daí claramente que o dinheiro que o último encontrou não pode ser o mesmo a que o primeiro se julga com direito. Por consequência, tu, meu bom homem, leva o dinheiro que encontraste, e guarda-o até que apareça o indivíduo que perdeu somente setecentos mil-réis. E tu, o único conselho que passo a dar-te, é que tenhas paciência até que apareça algum que tenha achado os oitocentos mil-réis.

Guerra Junqueiro, *Contos para a Infância*, Colares Editora, 1999

## BOA SENTENÇA

Um homem rico, mas avarento, tinha perdido dentro de um alforge uma quantia de ouro bastante avultada. Anunciou que daria cem mil-réis de alvissaras a quem lhe trouxesse. Apresentou-se-lhe em casa um honrado camponês, levando o alforge. O nosso homem contou o dinheiro, e disse:

– Deviam ser oitocentos mil-réis, que foi a quantia que eu perdi; no alforge encontro apenas setecentos; vejo, meu amigo, que recebeste adiantado os cem mil-réis de alvissaras, estamos pagos por conseguinte.

O bom camponês, que nem por sombras tocara no dinheiro, não podia nem devia contentar-se com semelhantes agradecimentos. Foram ter com o juiz que, vendo a má fé do avarento, deu a seguinte sentença:

– Um de vós perdeu oitocentos mil-réis; o outro encontrou um alforge apenas com setecentos. Resulta daí claramente que o dinheiro que o último encontrou não pode ser o mesmo a que o primeiro se julga com direito.

Por consequência, tu, meu bom homem, leva o dinheiro que encontraste, e guarda-o até que apareça o indivíduo que perdeu somente setecentos mil-réis. E tu, o único conselho que passo a dar-te, é que tenhas paciência até que apareça alguém que tenha achado os oitocentos mil-réis.

Guerra Junqueiro, *Contos para a Infância*



## O monstro

Era uma vez um bicho.

Estava ele muito sossegado da sua vida a tomar banho de mar, quando de repente... zás! se viu preso nas malhas de uma rede.

– Mas que estranho monstro! – gritaram os pescadores ao descobrirem-no no meio do carapau.

– Mas que estranho monstro! – exclamou o director do Jardim Zoológico ao metê-lo numa jaula.

– Mas que estranho monstro! – concluiu o veterinário ao verificar que ele não bebia água, nem leite, nem vinho, não comia peixe, nem carne, nem ovos, nem pão, nem fruta... nem nada!

Também não vivia do ar, com certeza, pois dia a dia encolhia.

Só quando passava o carrinho que dá a volta ao jardim, o bicho se erguia, cheirava o ar, escancarava a boca.

Porque será? – perguntava o veterinário.

E resolveu levá-lo a andar no carro a ver se uma saída lhe abria o apetite.

O que então aconteceu, ninguém podia imaginar. O bicho arrancou o tampão da gasolina, mergulhou a tromba no depósito e pôs-se a chupar, a chupar, a chupar.

Barafustava o motorista:

– Olhem como o malandro me gasta a gasolina!

Riam os miúdos e batiam palmas.

Até que o veterinário o puxou a custo, com medo de que o animal morresse de indigestão.

Dá por diante, três vezes por dia, o monstro tomava um biberão de gasolina.

No mês seguinte, três vezes por dia, tomava um bidão de gasolina.

No ano seguinte, três vezes por dia, tomava um camião de gasolina.

A direcção do Jardim Zoológico não aguentava a despesa. Quis vendê-lo. Mas, ao preço a que a gasolina está, quem é que o queria comprar?

– Um monstro destes é uma ruína para o país, tem de se matar a bem da nação – decidiu o presidente da República.

Mas o veterinário, ao saber da sentença, deixou-o fugir.

Cada noite uma estação de serviço era assaltada.

## O MONSTRO

Era uma vez um bicho.

Estava ele muito sossegado da sua vida a tomar banho de mar, quando de repente... zás! se viu preso nas malhas de uma rede.

– Mas que estranho monstro! – gritaram os pescadores ao descobrirem-no no meio do Carapau.

– Mas que estranho monstro! – exclamou o director do Jardim Zoológico ao metê-lo numa jaula.

– Mas que estranho monstro! – concluiu o veterinário ao verificar que ele não bebia água, nem leite, nem vinho, não comia peixe, nem carne, nem ovos, nem pão, nem fruta... nem nada!

Também não vivia do ar, com certeza, pois dia a dia encolhia. E resolveu levá-lo a andar no carro a ver se uma saída lhe abria o apetite.

O que então aconteceu, ninguém podia imaginar. O bicho arrancou o tampão da gasolina, mergulhou a tromba no depósito e pôs-se a chupar, a chupar, a chupar.

Barafustava o motorista: – Olhem como o malandro me gasta a gasolina.

Riam os miúdos e batiam palmas.

Dá por diante, três vezes por dia, o monstro tomava um biberão de gasolina.

No mês seguinte, três vezes por dia, tomava um bidão de gasolina.

No ano seguinte, três vezes por dia, tomava um camião de gasolina.

A direcção do Jardim Zoológico não aguentava a despesa. Quis vendê-lo. Mas, ao preço que a gasolina está, quem é que o queria comprar?

– Um monstro destes é uma ruína para o país, tem de se matar a bem da nação – decidiu o Presidente da República.

Mas o veterinário, ao saber da sentença, deixou-o fugir.

Cada noite uma estação de serviço era assaltada. Gasolina, gasóleo, óleo, tudo o que fosse feito de petróleo não escapava. Era engolido.

O Presidente da República tomou a decidir.

– Tem de se matar o monstro. A nação precisa de petróleo. Tinha acabado de preferir estas palavras quando um petroleiro se afundou na baía de Cascais.

Ondas de petróleo taparam o oceano, taparam o rio, taparam as praias.

Os sábios faziam projectos para salvar Portugal do petróleo, quando de repente viram o monstro avançar para o mar, de boca aberta.

Por onde passava, a areia ficava branca, a água de novo ficava azul.

– Que monstro fantástico!

– Mágico!

– Mas que animal sensacional!

Quando toda a maré negra foi comida, o Presidente da República condecorou-o no Palácio de Belém.

Todo o governo bebeu vinho do Porto à saúde do monstro, mas para ele abriu-se, naturalmente, uma garrafa de gasolina super.

E, nesse mesmo dia, a Lisnave contratou-o para limpar, no Tejo, petroleiros de todo o mundo.



Luisa Ducla Soares, São Histórias de Encantar

Gasolina, gasóleo, óleo, tudo o que fosse feito de petróleo não escapava.

Era engolido.

O presidente da República tornou a decidir:

– Tem de se matar o monstro. A nação precisa de petróleo.

Tinha acabado de proferir estas palavras quando um petroleiro se afundou na baía de Cascais.

Ondas de petróleo taparam o oceano, taparam o rio, taparam as praias.

Os curiosos bisbilhotavam.

Os fotógrafos tiravam fotografias.

Os sábios faziam projectos para salvar Portugal do petróleo, quando de repente viram o monstro avançar para o mar, de boca aberta.

Por onde passava, a areia ficava branca, a água de novo ficava azul.

– Que monstro fantástico!

– Mágico!

– Mas que animal sensacional!

Quando toda a maré negra foi devorada, o presidente da República condecorou-o no Palácio de Belém.

Todo o governo bebeu vinho do Porto à saúde do monstro, mas para ele abriu-se, naturalmente, uma garrafa de gasolina super.

E, nesse mesmo dia, a Lisnave contratou-o para limpar, no rio Tejo, petroleiros de todo o mundo.

Luísa Ducla Soares, *Seis Histórias às Avestas*, Civilização Editora, 2003